

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

VAI COMEÇAR O DOLLO
ENTRE AS TORCIDAS!

MULHER NO AR

CONCURSO DE BELLESA

mais formosa "torcedora" do Fluminense

Maria Karolinne Rangel de Mello

QUAL O MAIOR TORCEDOR DO FUTEBOL?
TORCEDORA VASCAÍNA
AINDA NO 1º PÓSTO

A encantadora senhorinha Hil
de Andrade Maia, torcedora d
glorioso Botafogo F. C., que

PAIXÃO CARIOCA AS "DONAS" DAS ARQUIBANCADAS: o torcer feminino no Rio de Janeiro e a atuação das torcedoras símbolos ao longo do século XX

Qual a torcedora mais apaixonada?

APONTE A MAIS BONITA

Variedades

Dulce Rosalina, uma torcedora pre

Foto Ricardo Azeiteiro/Anselmo
A emoção tomou conta da presidente, fundadora e chefe da Torcida Organizada Renovacionista Vasco Campeão e também ex-mulher do ex-jogador Ponce de León, ambiente da inauguração do Estádio Mário Filho, ao receber no último dia 4 o troféu Bola de Ouro, Oscar do futebol brasileiro. Ela é Dulce Rosalina, 56 anos, 34 dedicada à torcida.
— Quando recebi o troféu e o diploma dados por Sebastião Lazaroni, que foi escolhido para ser o meu padrinho na cerimônia, senti uma emoção muito grande. Eu apenas um minuto, lembrei de tudo que já fiz pelo futebol. Vejo tudo de uma só vez. — disse Dulce.
Uma das primeiras mulheres a pisar nas arquibancadas numa partida de futebol, Dulce Rosalina mais uma vez é marcada pelo pioneirismo: é a primeira a receber a Bola de Ouro, que vinha sendo dedicada nos últimos anos a desportistas, radiolistas e jornalistas e nunca havia premiado o pessoal da arquibancada.
Para a mulher, o futebol sempre foi uma paixão. Ela chegou ao Rio de Janeiro em 1940, no Fracalhão, e logo se tornou uma das mais conhecidas e amadas das arquibancadas.
Anos depois, tornou-se uma das principais torcedoras do Vasco, e sua atuação foi fundamental para a criação da Torcida Organizada Renovacionista Vasco Campeão.
Para a mulher, o futebol sempre foi uma paixão. Ela chegou ao Rio de Janeiro em 1940, no Fracalhão, e logo se tornou uma das mais conhecidas e amadas das arquibancadas.

Belo Horizonte
2025



Maria Karolinne Rangel de Mello

AS “DONAS” DAS ARQUIBANCADAS: o torcer feminino no Rio de Janeiro e a atuação das torcedoras símbolos ao longo do século XX

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Belo Horizonte

2025

M527d Mello, Maria Karolinne Rangel de
2025 As “donas” das arquibancadas [recurso eletrônico] : o torcer feminino no Rio de Janeiro e a atuação das torcedoras símbolos ao longo do século XX / Maria Karolinne Rangel de Mello – 2025.
1 recurso online (162 f. : il.) : pdf.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Inclui bibliografia.

1. Lazer – Teses. 2. Futebol – Torcedores – Teses. 3. Mulheres – Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA

Ata da 212ª defesa de Dissertação
MARIA KAROLINNE RANGEL DE MELLO

Às 14h00min do dia 25 de agosto de 2025, reuniu-se no Mini Auditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "AS "DONAS" DAS ARQUIBANCADAS: O TORCER FEMININO NO RIO DE JANEIRO E A ATUAÇÃO DAS TORCEDORAS SÍMBOLOS AO LONGO DO SÉCULO XX", requisito final para a obtenção do Grau de Mestra em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:


Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Prof.ª Dra. Ana Carolina Soares Costa Vimeiro (UFMG)	✓	
Prof.ª Dra. Leda Maria da Costa (UERJ)	✓	

Após as indicações a candidata foi considerada:

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 25 de agosto de 2025.

Assinatura dos membros da banca examinadora:


Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)


Prof.ª Dra. Ana Carolina Soares Costa Vimeiro (UFMG)


Prof.ª Dra. Leda Maria da Costa (UERJ)

À minha querida bisavó, Maria Ribeiro Rangel. Mulher forte, generosa e de muita fé, que viveu quase 106 anos irradiando sabedoria e amor por onde passou. Faltou pouco para ver sua Karola virar mestra, mas sei que cada passo meu carrega sua presença. Dedico a você, com amor eterno, este sonho tecido em páginas.

AGRADECIMENTOS

Escolher realizar uma pós-graduação a quase 400 km de casa não foi uma decisão fácil, especialmente nos primeiros meses em que fazia esse trajeto semanalmente. Mas, felizmente, pessoas maravilhosas cruzaram meu caminho e tornaram esse período inesquecível.

À minha mãe, Alessandra, por sempre acreditar em mim e buscar, incansavelmente, o melhor para nós. Esta dissertação é nossa conquista, fruto da confiança e cumplicidade que você sempre depositou em mim. Te agradeço por tudo.

Ao meu pai, Ronaldo, por, mesmo sem compreender completamente os meus sonhos, sempre me apoiar e torcer pela minha felicidade. Sou grata por ter me apresentado ao futebol, veja só até onde ele me trouxe.

À minha família, pelo apoio constante, pela torcida, pela compreensão diante das comemorações que perdi por estar longe e pela alegria em cada reencontro.

Ao meu namorado, Matheus, por ser meu ombro amigo, um grande ouvinte e um verdadeiro acalento nos momentos mais difíceis.

À Evellyn e à Joana, meus presentes da Casinha 119. Obrigada pelo acolhimento, companheirismo, pelas conversas (e fofocas), e, acima de tudo, pela amizade construída na nossa convivência.

Aos meus amigos, por estarem sempre por perto, mesmo à distância.

Às amigas construídas no PPGIEL, em especial à Scarlleth e à Hannah, minha profunda gratidão. Agradeço todos os dias por termos nos encontrado e caminhado juntas ao longo desses dois anos de mestrado, compartilhando conquistas, incertezas, alegrias, cervejinhas e tantas conversas que nos fortaleceram.

Ao Silvio, meu orientador, pela confiança, escuta e aprendizado. Obrigada por todos os empurrões, oportunidades e pela confiança depositada em mim ao longo desse percurso. Foi uma honra ter sido sua orientanda.

À Ananda e ao Caio, por gentilmente abrirem as portas de sua casa durante todo o processo seletivo e me acolherem com tanto carinho. Serei eternamente grata.

Ao Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, por tantas trocas, discussões e pela oportunidade de conhecer pessoas incríveis. Estendo esse agradecimento às companheiras do Gefut Convida e do Mulheres em Campo.

Ao Danilo, por esclarecer todas as minhas dúvidas (e foram muitas!) e por ser referência e inspiração no campo acadêmico.

À minha banca, Carol e Leda, meu agradecimento por aceitarem o convite desde a qualificação. É uma honra contar com a presença de vocês neste momento. Meu primeiro contato com as torcedoras símbolos se deu justamente por meio de um artigo da professora Leda, o que torna ainda mais significativo tê-la aqui.

À CAPES, pela bolsa concedida. Sem esse apoio, esse mestrado não teria sido possível.

À Nossa Senhora da Natividade, por interceder nos meus caminhos e permitir que eu vivesse essa etapa tão especial da minha vida.

E ao Zico, meu grande amigo de quatro patas, que chegou durante a reta final da dissertação e permaneceu deitado aos meus pés durante boa parte dessa escrita.

“Para quem não sabe o futebol também é um esconderijo de crianças tristes e solitárias. Descalços ou não, uns chutam a bola, outros a vida”. (Sérgio Vaz)

RESUMO

Este trabalho buscou investigar a representação das torcedoras símbolos nos jornais cariocas ao longo do século XX, com foco na compreensão da figura da torcedora símbolo. A partir de uma abordagem interdisciplinar, alinhada aos estudos de gênero, a pesquisa procurou compreender como essas mulheres foram retratadas pela imprensa, bem como identificar suas trajetórias, características e diferentes formas de inserção nas arquibancadas. A metodologia adotada foi a análise documental de jornais impressos de diferentes décadas presentes no Hemeroteca Digital, resultando em um levantamento de mais de 100 registros sobre torcedoras reconhecidas como símbolos. O estudo buscou ainda refletir sobre a origem dessa figura emblemática das arquibancadas. Os dados foram organizados e analisados à luz de categorias como envelhecimento, carnaval, religiosidade, concursos e identidade clubística. Os resultados apontam para uma representação marcada por ambiguidades: embora celebradas como ícones de paixão e fidelidade, essas torcedoras frequentemente tiveram sua visibilidade mediada por estereótipos de gênero e por limites impostos à presença e à atuação feminina nos estádios, muitas vezes sendo lembradas apenas após seu falecimento. A dissertação contribui para o debate sobre futebol, mídia e gênero ao recuperar trajetórias pouco conhecidas e propor novas leituras sobre o papel das mulheres na cultura torcedora.

Palavras-Chave: Futebol; Torcedoras Símbolos; Estudos de Gênero; Representação; Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This study investigated the representation of female fans in Rio de Janeiro newspapers throughout the 20th century, focusing on understanding the figure of the female fan. Using an interdisciplinary approach aligned with gender studies, the research sought to understand how these women were portrayed by the press, as well as identify their trajectories, characteristics, and different forms of involvement in the stands. The methodology adopted was a documentary analysis of printed newspapers from different decades available in the Hemeroteca Digital, resulting in a survey of over 100 records on female fans recognized as symbols. The study also sought to reflect on the origins of this emblematic figure in the stands. The data were organized and analyzed in light of categories such as aging, Carnival, religiosity, competitions, and club identity. The results point to a representation marked by ambiguities: although celebrated as icons of passion and loyalty, these fans often had their visibility mediated by gender stereotypes and by limits imposed on women's presence and participation in stadiums, often being remembered only after their death. The dissertation contributes to the debate on football, media and gender by recovering little-known trajectories and proposing new interpretations of the role of women in fan cultures.

Keywords: Football; Female Fan Icons; Gender Studies; Representation; Rio de Janeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Definição de Torcedor-Símbolo no Dicionário do Futebol	27
Figura 2 - Matéria "A torcida, da elegância ao fanatismo sobre a trajetória do torcer"	37
Figura 3 - Anúncio da Volkswagen no jornal O Fluminense	40
Figura 4 - Quadro esquemático do processo de coleta de dados.....	48
Figura 5 - Quadro por periódicos encontrados no portal Hemeroteca Digital por meio do recurso de busca por palavras-chave (torcedora símbolo).....	49
Figura 6 - Dados encontrados sobre torcedoras símbolos no portal Hemeroteca Digital ao longo das décadas por meio do recurso de busca por palavras-chave	49
Figura 7 - Localidade dos dados encontrados no portal Hemeroteca Digital	50
Figura 8 - Quadro de jornais cariocas que auxiliaram na compreensão do termo "torcedora"	52
Figura 9 - Mulheres frequentando partidas de futebol na década de 10	57
Figura 10 - Torcedores em um domingo de competições de Regatas.....	58
Figura 11 - Recortes da seção Vida Mundana do jornal Vida Sportiva	58
Figura 12 - Trecho da matéria "Futebol: a nova paixão das mulheres"	63
Figura 13 - Representação torcedora nos anos 90 na Manchete	64
Figura 14 - Nuvem de palavras com as palavras mais frequentes na representação das torcedoras (1910-1999)	68
Figura 15 - Chá dançante das torcedoras do America	69
Figura 16 - Anúncio do Bloco America no carnaval de 1917	70
Figura 17 - Anúncio do aniversário de uma torcedora em 1921	71
Figura 18 - Fotografias da festividade "Dia da torcedora vascaína"	72
Figura 19 - Número de ocorrências "torcedora" no Jornal do Brasil	76
Figura 20 - Número de ocorrências "torcedor" no Jornal do Brasil	78
Figura 21 - Clube das torcedoras citadas no Jornal do Brasil	78
Figura 22 - Distribuição geográfica dos clubes que tiveram torcedoras mencionadas.....	81
Figura 23 - Torcedoras citadas no Jornal do Brasil	82
Figura 24 - Matéria "A que mais torce" com Dona Maria Francisca.....	90
Figura 25 - Estrutura da coluna "Futebol - Mulher em campo"	92
Figura 26 - Homenagem a torcedora Cristina Albuquerque feita pela torcida Raça Rubro-Negra.....	98
Figura 27 - Matéria com Dulce Rosalina	100
Figura 28 - Matéria "O pesadelo de Rosemary"	101
Figura 29 - Matéria "Torcedora vai à Justiça contra venda de Zico"	102

Figura 30 - Imagens de torcedoras eleitas torcedoras número 1 de seus clubes. Dona Maria - Vasco da Gama (à esquerda) e Leny Veloso - Madureira (à direita).....	103
Figura 31 - Matéria “O Calvário de Dulce Rosalina”	105
Figura 32 - Matéria “Lugar de mulher é...”	108
Figura 33 - Torcedoras representadas na matéria “Raça Feminina”	109
Figura 34 - Torcedoras representadas na matéria “Fla-Flu é a transa mais suada” (imagem à esquerda) e Torcedora recebendo cumprimento do jogador Romário (imagem à direita) ..	111
Figura 35 - Quadro de torcedoras símbolos, encontradas na 1ª coleta de dados por meio do recurso de pesquisa por palavras-chave (torcedora símbolo)	114
Figura 36 - Divisão geográfica de torcedoras símbolos, encontradas na 1ª coleta realizada pelo QGIS	117
Figura 37 - Presença de Dona Elisa no jogo de despedida do Pelé pelo Santos Futebol Clube	119
Figura 38 - Dona Cléia presente no treino do Fluminense	120
Figura 39 - Dona Ruth sendo utilizada para representar todos os jogadores após derrota do América	121
Figura 40 - Imagem de Dulce Rosalina rezando pelo Vasco da Gama	124
Figura 41 - Obituário da torcedora Dulce Rosalina.....	129
Figura 42 - Resultado do concurso para eleger o maior torcedor do Brasil em 1960	130
Figura 43 - Recortes de concursos de beleza e melhor torcedora	134
Figura 44 - Recortes de matérias sobre os concursos de torcedores.....	135

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1. INTRODUÇÃO	16
1.1 DESVENDANDO A REPRESENTAÇÃO DAS TORCEDORAS SÍMBOLOS	25
1.2 OBJETIVOS	31
1.2.1 Objetivo geral	31
1.2.2 Objetivos específicos	31
1.3 A LINHA DO TEMPO DO TORCER	31
1.4 ENTRE CANTOS, BANDEIRAS E INVISIBILIDADES	42
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
2.1 O <i>JORNAL DO BRASIL</i>	54
3. FUTEBOL: A NOVA PAIXÃO DAS MULHERES	56
3.1 SENHORINHAS, MADEMOISELLES, RAINHAS E SÍMBOLOS	65
4. ENTRE PERIÓDICOS E REPRESENTAÇÕES: A MULHER TORCEDORA NA IMPRENSA ESPORTIVA	76
4.1 AS TORCEDORAS NO <i>JORNAL DO BRASIL</i>	84
4.2 AS TORCEDORAS SÍMBOLOS	113
4.3 DULCE ROSALINA: A TORCEDORA MAIS QUERIDA DO VASCO	125
4.4 BELEZA, TORCIDA, ANIMAÇÃO E VOTAÇÃO POPULAR: AS TORCEDORAS E OS CONCURSOS	129
5. ENTRE TRIBUNAS E ARQUIBANCADAS: REFLEXÕES FINAIS SOBRE AS TORCEDORAS SÍMBOLOS CARIOCAS	138
REFERÊNCIAS	142
ANEXO - Fotografias das torcedoras símbolos encontrados na coleta de dados	159

APRESENTAÇÃO

O caminho da pesquisa se inicia muito antes da primeira palavra ser escrita em um documento em branco. Ele começa no momento de reflexão sobre como o tema atravessa o pesquisador e de que forma pode se transformar em um objetivo de investigação. Envolve, também, a identificação das motivações que levam à escolha de determinado objeto de estudo. Nesse sentido, Gondim e Lima (2010) destacam que a ligação entre a pesquisa e a vivência do pesquisador pode ser compreendida como um fator de estímulo, contribuindo para uma compreensão que ultrapassa a dimensão puramente metodológica. O teor afetivo que se constrói com o tema torna-se um importante aliado no percurso investigativo, favorecendo o aprofundamento e o comprometimento com aquilo que se busca compreender.

Desde muito pequena, o futebol sempre esteve presente na minha vida. Filha de um flamenguista roxo, não havia como escapar dessa paixão. Meu vínculo com o torcer começou como uma curiosidade pela carteirinha antiga de membro da Raça Rubro-Negra, que ficava (e ainda permanece) na carteira do meu pai. Essa influência também se estende ao meu saudoso Vô Jaci, grande vascaíno e contador de prosa, companhia certa para assistir aos jogos do Campeonato Carioca e, principalmente, aos programas esportivos no horário de almoço.

Nascida em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, observava pela televisão as grandes festas promovidas pelas torcidas e admirava todo aquele espetáculo. Sempre me chamavam atenção aquelas figuras que, em todos os jogos, estavam presentes no alambrado. De maneira expressiva, fantasiadas, com cartazes ou objetos simbólicos, despertavam em mim o desejo de compreender aquele amor e a construção de identidades que ali se manifestavam.

Com o tempo, esse interesse também se expandiu para o campo acadêmico. Durante a graduação em Ciências Sociais, desenvolvi minha monografia sobre a atuação política no movimento de torcedores do Flamengo, tendo a oportunidade de entrevistar dois coletivos rubro-negros: a torcida Nação 12 e o movimento Flamengo da Gente. Essa experiência me permitiu conhecer mais profundamente essas iniciativas e identificar as similaridades entre os movimentos de torcedores e os movimentos sociais, especialmente ao analisar suas atuações em contextos autoritários e de crise democrática.

Durante a pesquisa documental com a *Revista Placar*, identifiquei uma lacuna significativa: a forma como as mulheres torcedoras eram representadas. Nos dados analisados, elas apareciam predominantemente de duas maneiras, como torcedoras-símbolo já “velhinhas” ou como jovens hipersexualizadas. Na conclusão da monografia, propus a continuidade da investigação, sendo agora com foco na presença e na influência dessas mulheres nas arquibancadas. E é justamente nesse percurso que me encontro: buscando preencher essa ausência ao pesquisar e dar visibilidade aos discursos produzidos por mulheres que ocuparam, e continuam ocupando, lugares de grande importância na história do torcer.

Além disso, o interesse pela pesquisa documental está intimamente ligado à minha paixão pela História e à possibilidade de representar figuras fundamentais para o torcer. Inspirada pela reflexão da historiadora Michelle Perrot (2008) sobre a necessidade de contar a história das mulheres, esta dissertação se propõe a deixar marcas que contribuam para o enfrentamento do apagamento histórico das mulheres no futebol. De tal maneira, este trabalho não se propõe *dar voz* às torcedoras, mas sim a compreender como suas vozes foram representadas, ocultadas ou ressignificadas nos discursos midiáticos ao longo do século XX.

Diante de tais anseios, esta dissertação divide-se em cinco partes principais, com o objetivo de reconstruir a participação das torcedoras ao longo do século XX no Rio de Janeiro, bem como compreender a emergência da figura da torcedora símbolo. Na introdução, são abordadas discussões sobre o futebol e sua dimensão cultural e social na sociedade brasileira. A partir desse panorama, busca-se compreender quem é a figura que torce nas arquibancadas e quais aspectos estão atrelados à sua vivência. Entendendo o torcer como uma prática de lazer, são discutidas as possibilidades e os limites que cercam essa experiência, especialmente no que diz respeito à presença feminina nos estádios.

Ainda nessa discussão, é apresentada a figura das torcedoras símbolos e a importância de retratar suas trajetórias de pioneirismo. Em seguida, desenvolve-se uma reflexão sobre a relação entre gênero e futebol, a partir da perspectiva de diferentes autoras e autores, perpassando também pelos marcadores sociais da diferença. Por fim, a introdução apresenta a questão central da pesquisa, delineando os caminhos teóricos que orientam a investigação.

Na primeira subdivisão do capítulo, o objetivo é compreender a linha do tempo do torcer, desde a chegada do futebol ao Rio de Janeiro até suas

transformações ao longo das décadas. Mesmo diante dessas mudanças, a análise mantém como foco principal as torcedoras, demonstrando que sua participação sempre esteve presente, ainda que muitas vezes invisibilizada. O texto percorre a criação dos chefes de torcida, das torcidas uniformizadas, das torcidas organizadas e dos novos movimentos de torcedores, atentando-se às dinâmicas de pertencimento e atuação coletiva. Além disso, são abordadas as representações das torcedoras na imprensa do Rio de Janeiro, com ênfase nos preconceitos e estereótipos reproduzidos nas páginas dos jornais ao se referirem às mulheres.

Em seguida, no subcapítulo “Desvendando a representação das torcedoras símbolos”, desenvolvem-se discussões em torno do significado dessa figura representativa das arquibancadas, analisando os sentidos atribuídos a ela no discurso midiático. Por fim, apresentam-se os objetivos gerais e específicos da pesquisa, bem como reflexões que evidenciam a relevância do tema e outras questões que dele derivam.

No segundo capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa. A investigação baseou-se em uma análise documental dividida em duas etapas, com o objetivo de compreender a representação das torcedoras em diferentes periódicos. Neste capítulo, também são justificadas as escolhas metodológicas realizadas, como a delimitação geográfica, os jornais selecionados e o recorte temporal adotado. Além disso, são apresentados dados que auxiliam na discussão sobre as transformações ocorridas ao longo do período analisado.

No subcapítulo 2.1, é apresentada a principal fonte da pesquisa: o *Jornal do Brasil*, importante periódico criado no Rio de Janeiro em 1891. Destacam-se as particularidades de suas páginas, sua estrutura editorial e a forma como as informações eram organizadas. Além disso, o texto descreve o processo de análise dos dados coletados, detalhando os critérios de organização, seleção e leitura do material. A partir dessas definições metodológicas, o texto segue para a apresentação e análise dos dados coletados no capítulo seguinte.

No capítulo 3, intitulado “*Futebol: a nova paixão das mulheres*”, os dados são organizados de forma cronológica, com o objetivo de evidenciar as transformações na representação das torcedoras ao longo do tempo. As ocorrências selecionadas são apresentadas e discutidas a partir da contextualização histórica do período em que foram publicadas, bem como por meio de problematizações que envolvem linguagem, gênero e cultura. Um olhar atento é direcionado aos adjetivos e

expressões que acompanham a designação “torcedora”, revelando sentidos simbólicos atribuídos às mulheres nas arquibancadas. Além disso, são apresentadas contribuições de pesquisadores que discutem o torcer feminino e os processos de inserção das mulheres nos estádios.

No subcapítulo “*Senhorinhas, Mademoiselles, Rainhas e Símbolos*”, são desenvolvidas discussões voltadas à compreensão dos perfis que emergem, aos aspectos singulares e às recorrências presentes em suas representações. Busca-se identificar quais elementos podem caracterizar uma torcedora símbolo e quais termos ou adjetivos são mais frequentemente utilizados para descrevê-la. Além disso, o texto destaca as mulheres que, embora presentes, não foram incluídas nesse repertório simbólico, refletindo sobre os critérios de visibilidade e exclusão. Também são analisados os espaços em que essas torcedoras eram mais frequentemente retratadas, com ênfase na vida social da época, como festividades, competições, formas de organização coletiva e aparições públicas.

No terceiro capítulo, “*Entre periódicos e representações: a mulher torcedora na imprensa esportiva*”, a partir de uma análise documental que abrange diferentes décadas, são apresentadas diversas noções sobre o que significa ser torcedora, evidenciadas por meio de ocorrências encontradas nos jornais. Dessa maneira, a análise é organizada por décadas, considerando não apenas as ocorrências encontradas nos jornais, mas também o contexto social de cada período. Ao longo dessa trajetória, evidencia-se o protagonismo das mulheres e sua luta por maior participação em diversos âmbitos do esporte.

No subcapítulo “*As torcedoras símbolos*”, são discutidos os dados encontrados acerca dessas figuras. Por meio de trechos jornalísticos da época, imagens e relatos de acontecimentos, busca-se reconstruir a participação dessas mulheres nas arquibancadas. As discussões realizadas procuram identificar os principais aspectos que caracterizam o torcer simbólico, ou seja, os elementos que transformam essas mulheres em representações emblemáticas de uma torcida. Além de destacar seus nomes, clubes e regiões. Esta discussão busca mapear torcedoras símbolos de diferentes regiões do país, a partir de suas representações na imprensa esportiva. Perpassando por homenagens, influências e momentos de visibilidade em diferentes contextos históricos.

Em seguida, no subcapítulo “*As torcedoras e símbolos no Jornal do Brasil*”, são apresentados os dados localizados na principal fonte da pesquisa. A análise

também contempla uma comparação entre a quantidade de dados referentes às torcedoras e aos torcedores homens, buscando identificar desigualdades de gênero nas representações. A partir do detalhamento da coleta, as ocorrências são organizadas em ordem cronológica, de modo a acompanhar as transformações ao longo do tempo. Busca-se, assim, evidenciar o protagonismo das mulheres, mas também os silenciamentos e apagamentos aos quais foram submetidas.

Ainda é discutida a presença das torcedoras que mais se destacaram nos dados, buscando compreender sua influência em relação às demais. Nesse contexto, realiza-se uma tentativa de reconstituir a trajetória de uma dessas mulheres, explorando suas particularidades. São identificados os momentos em que seus nomes aparecem, suas opiniões são solicitadas e sua participação é valorizada nos registros. Em seguida, um subcapítulo é dedicado à análise da figura de Dulce Rosalina, a principal torcedora identificada ao longo da pesquisa e a torcedora mais querida do Vasco da Gama. Dulce foi mencionada em diferentes períodos e se destacou por um modo de torcer que ultrapassava as expectativas socialmente atribuídas às mulheres. Ocupou espaços de liderança, driblou preconceitos e construiu uma trajetória marcada pela visibilidade e pelo reconhecimento dentro e fora das arquibancadas.

O subcapítulo, “Beleza, torcida, animação e votação popular: as torcedoras e os concursos”, é dedicado à análise dos concursos que envolveram a participação de torcedoras, por serem espaços recorrentes de visibilidade feminina nas arquibancadas. A partir dos dados levantados, destacam-se elementos marcantes como a valorização da beleza, do modo de torcer, da simpatia, da associação à “bandeira mais bonita” e da presença simbólica dessas mulheres quando pensamos no ato de torcer. Logo, ressalta-se a influência dos concursos para consolidação da figura da mulher torcedora.

Por fim, em “Entre tribunas e arquibancadas: reflexões finais sobre as torcedoras símbolos cariocas”, retoma-se a questão central da pesquisa e os principais achados ao longo da análise. Reflete-se sobre a relevância da figura da torcedora símbolo para a compreensão das dinâmicas de gênero nas arquibancadas, bem como os processos de visibilidade e silenciamento presentes nas representações midiáticas. São também apontadas as limitações do estudo e possíveis caminhos para investigações futuras que desejem aprofundar a temática.

1 INTRODUÇÃO

Antes de abordar as torcedoras, é necessário tratar do esporte pelo qual elas tanto se apaixonam. O futebol constitui, para grande parte da população brasileira, um importante referencial de lazer, seja por meio da prática do jogo ou da sua apreciação, manifestando-se como uma linguagem social e um fenômeno sociocultural (Campos; Silva, 2009). Desde sua chegada ao país, em 1894, passou por distintos processos de estruturação, sendo eles de caráter econômicos, sociais, políticos e culturais (Santos, 2008), consolidando-se como um relevante meio de construção identitária. Ao percorrer diferentes camadas sociais, gêneros, raças e localizações geográficas, o futebol afirma-se como uma manifestação cultural de ampla abrangência.

Para Eric Dunning e Norbert Elias (1992), o futebol é um espaço de convivência marcado por valores tradicionalmente associados à masculinidade. Nesse contexto, ele funciona como um ambiente em que os homens expressam suas frustrações, o que pode levar à manifestação de comportamentos violentos e à exaltação da virilidade. Além disso, os autores apontam que tanto o jogo quanto as arquibancadas exercem um papel importante na formação de uma moral coletiva, promovendo o reconhecimento mútuo, o fortalecimento de vínculos sociais, a vivência de emoções intensas e o alívio de tensões acumuladas em contextos nos quais essas emoções normalmente são reprimidas, como o trabalho ou a vida cotidiana.

Logo, “a relação entre a torcida e o jogo perpassa a identificação clubística e revela uma série de práticas e condutas que vão além do jogo praticado dentro de campo” (Januário, 2019, p.15). Ao pensar o futebol para além das quatro linhas, revela-se uma série de práticas sociais que evidenciam a pluralidade de atores envolvidos com esse esporte.

Dessa forma, podemos refletir o torcedor como “aquele que torce, retorce, contorce seu corpo afetado pela emoção que assistir às partidas de futebol transmite” (Abrahão; Batista, 2022). Esse entendimento reforça a ideia de que o futebol está profundamente enraizado na sociedade brasileira, sendo tal questão discutida pelo sociólogo Roberto DaMatta. Segundo ele (1982, p.21), “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo tão específico, entre outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se,

portanto, descobrir”. Assim, o futebol se apresenta como uma linguagem que vai além do simples ato de jogar.

Ao proporcionar o compartilhamento de rituais entre os indivíduos, essa prática envolve diferentes tipos de crenças e comportamentos simbólicos. Entre os exemplos mais comuns, estão a oração, o uso de roupa da sorte, o ato de cruzar os dedos ou até a escolha por assistir ao jogo sozinho(a), como forma de tentar influenciar o resultado da partida.

Dessa maneira, as simbologias presentes no futebol aproximam o esporte de rituais religiosos e das manifestações típicas de festividades populares. Essa dimensão simbólica foi amplamente construída pelos meios de comunicação, que contribuíram para consolidar o futebol como um espetáculo carregado de sentidos coletivos. Segundo Santos *et al.* (2017, p.167), acerca dos símbolos do futebol, “ao serem escolhidos pelo clube, transformam-se em um sinal coletivo, estando seu significado referido não neles mesmos, mas nas várias associações que possam existir”. Assim, os elementos simbólicos do torcer, como bandeiras, cânticos e cores, integram a esfera coletiva das celebrações futebolísticas. Esses rituais atravessam gerações e se mantêm vivos ao longo da história, funcionando como um legado transmitido dos mais velhos aos mais jovens.

Esses aspectos são frequentemente observados em colunas esportivas, que dialogam com diversas dimensões do futebol ao envolver jornalistas, jogadores e torcedores em uma rede de significados que extrapola o campo de jogo. Nesse sentido, Toledo (2000) observa que o futebol, no Brasil, é o único esporte que ultrapassa, de forma tão intensa, os limites espaciais e temporais do ritual esportivo. Logo, o esporte adquire novos sentidos e amplia seus alcances no que diz respeito à sua dimensão como prática social de lazer.

Em consonância com a concepção do futebol como expressão simbólica e cultural, Christiane Luce Gomes (2004) propõe uma compreensão do lazer baseada em quatro dimensões fundamentais: o tempo, o espaço-lugar, as manifestações culturais e as ações. Esses aspectos estão presentes em diferentes momentos da vida dos indivíduos e em diversas etapas do desenvolvimento humano. Assim, para a autora, o lazer pode ser definido como “uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as

necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo” (Gomes, 2004, p.125).

Configurando-se como o esporte mais rentável do país, o futebol, enquanto prática de lazer, transformou-se em uma mercadoria de consumo a partir do processo de espetacularização (Januário, 2019, p. 15). Essa problemática traz à tona a discussão sobre as desigualdades presentes na prática do torcer, uma vez que nem todos os torcedores possuem condições de arcar com os diversos custos envolvidos, como locomoção, ingressos e alimentação. Essas desigualdades também se estendem à aquisição de produtos do clube, como camisas, bonés, copos, bermudas, entre outros. Segundo uma pesquisa levantada pelo *GE*¹, as camisas dos clubes da série A do Campeonato Brasileiro, em 2023, custavam em média R\$297,67, representando 22% do salário-mínimo da época (R\$ 1.320).

Um outro aspecto negativo associado a essa prática de lazer é a evidente disparidade na participação entre homens e mulheres, sendo os primeiros majoritariamente presentes nos estádios. Tal cenário deve ser compreendido, como aponta Bandeira (2010, p. 342), dentro de um “contexto cultural específico, um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades”. Ao longo da história, tanto o futebol quanto as arquibancadas foram socialmente construídos como espaços tradicionalmente não destinados às mulheres, conforme argumenta Barreto Januário (2019, p. 31),

os discursos circulantes no meio futebolístico naturalizado como masculino comumente reitera e fomenta a ideia de um espaço violento, viril e repleto de comportamentos ditos “masculinos” auxiliando a legitimar um ambiente impróprio e hostil para a presença de mulheres.

Caminhar pelas inúmeras abordagens sobre o futebol e os torcedores contribui para compreender os espaços conquistados pelas mulheres nesse ambiente ao longo das décadas (Moraes, 2018), além de evidenciar que sua participação sempre fez parte da história do esporte. Assim, reconstruir as trajetórias de ascensão e ruptura das torcedoras dentro desse universo marcado por simbologias masculinas é de grande importância para a construção de uma narrativa sobre as formas como essas mulheres enfrentaram os desafios relacionados às relações de gênero.

¹ MURITO, B; BIZARELO, R. Camisas do Brasileirão 2023: veja as mais caras e vote na mais bonita. *GE (Globo)*, 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2023/04/14/camisas-do-brasileirao-2023-veja-as-mais-caras-e-vote-na-mais-bonita.ghtml>. Acesso em: 06 maio. 2024.

É necessário destacar que este trabalho aborda a representação das torcedoras no contexto do futebol masculino. Dessa forma, todas as menções ao termo “futebol” ao longo do texto referem-se à modalidade praticada por homens. Tal delimitação se deve também à escassez de dados sobre torcedoras do futebol feminino nos jornais analisados, um apagamento cujas explicações são múltiplas e merecem maior destaque em momento posterior. Ainda assim, revela-se de grande importância analisar a atuação das pioneiras das arquibancadas em um contexto historicamente marcado pela predominância masculina.

Ao ocuparem esses espaços, essas mulheres ultrapassam limites impostos pelo *habitus*² da classe dominante, que ditava a sua aceitação ou não. Algumas das representações advindas desses *habitus* persistem até os dias de hoje, tal como afirmado por (Goellner, 2021, p.2), “a presença das mulheres nas mais diferentes ocupações e manifestações do futebol resulta de sua insistência em permanecer em um espaço que não é representado, incentivado e reconhecido como seu”. Ademais, discussões sobre essa proibição podem ser observadas na dissertação intitulada *As torcedoras querem (poder) torcer* de Carolina Faria Moraes. Segundo ela (2018, p.40),

O fato de um torcedor homem definir que as mulheres torcedoras organizadas não cabem em certos tipos de ações caracteriza, em certa medida, que as atividades do torcer não podem ser escolhidas por elas. Logo, se uma torcedora compreender que o seu “amor” pela torcida organizada está diretamente vinculado a carregar o peso da bandeira do seu clube ou torcida ela não poderá exercê-lo em sua inteireza.

Nesse ambiente, as mulheres precisam provar seus conhecimentos e capacidades em dobro: primeiro perante os homens e, em seguida, diante de outras mulheres (Campos, 2010). Além disso, há a problemática de que algumas mulheres acabam por legitimar esses preconceitos como estratégia para conseguir adentrar esse mundo.

Por conseguinte, o pioneirismo das chamadas “tias” e “donas” das arquibancadas reside justamente na sua capacidade de romper barreiras e estigmas que historicamente limitaram, e ainda limitam, a presença feminina nesse espaço de lazer. Atravessando as décadas de cinquenta e sessenta, antes das discussões sobre relações de gênero nas torcidas organizadas, fizeram algo que hoje ainda é latente e motivo de luta de diversas torcedoras. Integrantes de organizadas ou não,

² Segundo Pierre Bourdieu, *habitus* é um sistema de disposições duráveis e incorporadas que orientam percepções, ações e gostos dos indivíduos, estruturando suas práticas e modos de ver o mundo de forma muitas vezes inconsciente (BOURDIEU, 2009).

tais figuras conquistam espaço nas arquibancadas e nos meios jornalísticos, sendo reconhecidas como personalidades de grande prestígio.

Algumas podem fazer parte de torcidas organizadas, onde encontram um espaço para expressar sua paixão de maneira coletiva e organizada. Outras podem ser torcedoras independentes, mas igualmente engajadas no apoio ao clube. Dessa forma, analisar as representações de ambos os tipos é de grande valor para a compreensão de suas características e influência.

Acerca dessas representações, Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2018), ao discutirem os discursos de feminilidade presentes nas representações sobre mulheres nas mídias do futebol, destacam que a figura feminina é retratada de forma caricata pelos meios jornalísticos. Essas representações a descrevem de maneira positiva, ressaltando seu papel de "civilizar" o estádio e as arquibancadas, como, por exemplo, ao ajudar a diminuir o uso de palavrões pelos torcedores naquele ambiente.

Arelado a isto, a participação das mulheres nas arquibancadas pode ser observada como uma maneira de "limpar" a imagem das torcidas, dissociando-a de práticas violentas, seja por meio da venda de produtos específicos para as mulheres ou na criação de grupos femininos dentro da torcida (Teixeira, 1998). Dessa forma, o gênero é instrumentalizado como moeda de troca simbólica, em que a presença feminina é utilizada estrategicamente para suavizar a imagem das torcidas organizadas e legitimar sua aceitação social.

As discussões sobre gênero e futebol extrapolam os limites do esporte, alcançando os campos político, cultural e econômico. Dessa forma, ao se debruçar sobre a presença feminina nas torcidas, é necessário considerar debates que ajudem a compreender os desafios e transgressões que atravessam a vivência das mulheres nas arquibancadas.

Como afirma Margareth Rago (1998), é fundamental descobrir historicamente o gênero e sua construção ao longo das décadas. Diversos(as) pesquisadores(as) abordaram o feminino sob diferentes olhares e temáticas, ampliando os horizontes de um campo ainda em expansão. Flávia Biroli, em *Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil*, destaca o crescimento das produções sobre as relações de gênero, o que também impacta na forma como essas relações são vividas no cotidiano. Segundo a autora, ainda é necessário percorrer as hierarquias de gênero e suas convergências com outros marcadores sociais. Em suas palavras, "o acesso

de mulheres a posições de poder pode ser tomado como um signo de mudança, mas, se essa mudança permanece situada nos limites de outras hierarquias e formas de exploração, seu benefício é circunscrito ao de algumas vidas privilegiadas” (2018, p. 13).

A trajetória do movimento feminista no Brasil também contribui para compreender as transformações que marcam a experiência das mulheres no país. De acordo com Constância Lima Duarte (2019), a primeira onda do feminismo brasileiro esteve atrelada à luta pelo direito à leitura e à escrita, algo até então reservado aos homens. Essa conquista só foi alcançada em 1827, com a criação das primeiras escolas públicas para meninas e ainda assim, acessíveis a pouquíssimas mulheres. Foram essas primeiras (e raras) educadas que assumiram a tarefa de estender os benefícios do conhecimento às demais, fundando escolas, publicando livros e enfrentando uma cultura que pregava que mulheres não precisavam saber ler nem escrever. Entre elas, destaca-se a gaúcha Nísia Floresta, que publicou em 1832 a obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, obra pioneira para a educação das mulheres (Castro, 2010).

A segunda onda inicia-se por volta de 1870, com a emergência de jornais e revistas voltados ao público feminino, que abordavam temas do cotidiano e começavam a discutir os direitos das mulheres. Já a terceira, no início do século XX, aprofunda o debate sobre o direito ao voto, ao ensino superior e ao ingresso no mercado de trabalho, consolidando a luta pela emancipação feminina em diversas esferas sociais. Por fim, a quarta onda, considerada o mais significativo por Duarte (2019), começa na década de 1970 e marca uma nova visibilidade para o movimento. Nesse período, as reivindicações feministas ganham centralidade e abarcam temas como a revolução sexual e o direito das mulheres sobre o próprio corpo.

É preciso, portanto, deslocar o olhar interpretativo que, com frequência, enxerga as mulheres apenas como vítimas dentro das estruturas esportivas e midiáticas. Também é necessário romper com as narrativas que as posicionam como figuras secundárias ou excepcionais. Em vez disso, é fundamental evidenciar seu protagonismo nas arquibancadas, compreendendo-as como agentes históricos, que constroem sentidos, disputam espaços e produzem cultura no cotidiano do futebol.

Essa abordagem está em consonância com a historiografia de gênero, que busca dar visibilidade às experiências, práticas e vozes das mulheres sem reduzi-las à condição exclusiva de oprimidas ou silenciadas (Matos, 2024). O objetivo é justamente revelar a complexidade dessas trajetórias, destacando as estratégias de inserção, resistência e produção de pertencimento elaboradas por essas torcedoras. Assim, ao entrarem em cena, essas mulheres são percebidas como figuras transgressoras, que desafiam as normas de gênero em um espaço marcado por disputas simbólicas e materiais.

De acordo com Joan Scott (1995), ao discutir o gênero como conceito analítico, define-o de acordo com quatro aspectos que são observados atrelados um ao outro, sendo eles: figuras símbolos de representação, conceitos normativos, relações de gênero e identidade subjetiva. Com o auxílio dessas quatro noções seria possível compreender as relações de poder presentes nesse âmbito, “estabelecido como um conjunto de objetivo de referências, o conceito de gênero estrutura a percepção e organização concreta e simbólica de toda a vida social” (Scott, 1995, p.88).

À vista disso, pode-se compreender que as mulheres torcedoras estão historicamente situadas para uma posição de reféns diante das normas e compreensões que inferiorizam sua presença em torcidas organizadas e na manifestação do torcer, onde seus saberes são questionados e inferiorizados. Em constância, podemos atrelar ao trabalho de Gayatri Chakravorty Spivak em *Pode o Subalterno Falar?*. O subalterno seria, para a autora, “membros das camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010, p.12). Essa subalternidade para as mulheres se daria mediante a “dupla obscuridade” de sua representação, pois está inscrito na marginalidade da classe e da raça.

Logo, ao falar sobre mulheres torcedoras, é fundamental que as discussões envolvem questões de raça, sexualidade e classe, buscando compreender as diferentes vivências torcedoras por meio da ferramenta analítica da interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Williams Crenshaw. Refletindo acerca dos diferentes tipos de desigualdades e opressões vivenciados pelas mulheres, interseccionalidade pode ser definida como, segundo Crenshaw (2002, p.177),

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Perpassando também as diferenças raciais entre as mulheres, Audre Lorde, em *Idade, Raça, Classe e Sexo: Mulheres Redefinindo a Diferença*, alerta para os riscos de ignorar as implicações dessas distinções e mostra como esse problema foi historicamente construído no âmbito do feminismo e dos estudos de gênero. Segundo a autora, essas abordagens tendem a reconhecer apenas uma forma de desigualdade, a de gênero, como central. Como afirma Lorde (2019, p.241), “de modo geral, dentro do movimento das mulheres hoje, as mulheres brancas se concentram em sua opressão como mulheres e ignoram diferenças de raça, preferência sexual, classe e idade”.

Além disso, é fundamental discutir os desafios enfrentados pelas torcedoras das classes operárias, cuja presença nas arquibancadas ocorreu de forma mais tardia e esteve marcada pela conciliação entre o lazer, o trabalho assalariado e os cuidados domésticos. A filósofa e feminista Margareth Rago (1985) contribui para essa reflexão ao analisar as distinções entre a burguesia e a classe trabalhadora, destacando os discursos sociais e morais que historicamente atribuíram a essas mulheres papéis diferentes. Essas discrepâncias são observadas nas diferentes representações dadas a torcedoras de ambas as classes, Santos Júnior e Melo (2013) destacam as representações dadas aos clubes suburbanos no início do século XX diante de sua inserção no cenário esportivo do Rio de Janeiro, refletindo também em seus apoiadores. Segundo os autores (Santos Júnior; Melo, 2013, p. 419),

conforme foi o futebol se espalhando pela cidade do Rio de Janeiro, cresceram os conflitos simbólicos ao seu redor. Os clubes mais populares colocavam em xeque tanto as intencionalidades quanto os privilégios das agremiações das elites. Tendo em vista esse novo quadro, procurou-se estabelecer restrições à sua plena participação.

Em sua dissertação, Mayara de Araújo Silva (2024), apresenta aspectos do que seriam o “bom futebol” e o “mau futebol”, divisões simbólicas presentes no início do século XX para diferenciar o esporte praticado pela elite e o esporte praticado nas camadas populares. Dessa maneira,

os aspectos positivos do esporte, àquilo que seria o “verdadeiro futebol”, é atribuído aos clubes frequentados pelas elites da cidade, reiterando por meio do discurso, que a prática do esporte deveria se restringir às elites da cidade. Desenvolve-se então, um conflito simbólico em torno da prática e da própria concepção de cidade. Pois, o jogo praticado nas ruas, ao mesmo tempo que alterava o sentido que havia sido atribuído ao futebol, conferia novos sentidos à própria cidade, evidenciando outros agentes responsáveis na construção da então capital da República (Silva, 2024, p.12).

Atrelado a isso, pode-se refletir que entre as torcedoras existam mães, tias e avós que durante boa parte de suas vidas se encontravam divididas entre a dupla jornada de trabalho (Duarte; Spinelli, 2019), na qual o torcer pode ser compreendido como uma forma de ocupação e oportunidade de socialização no tempo livre dessas mulheres. Logo, podemos questionar como é dividido o tempo das mulheres torcedoras e sua relação com as manifestações do lazer.

Ao considerar o torcer como uma prática inserida no campo do lazer, é possível compreendê-lo em sua dimensão cultural, marcada por significados, símbolos e modos de sociabilidade. Nesse sentido, “o lazer vai além da mera realização de atividades, sendo um campo da vida humana e social dotado de características próprias, que ocorre em um tempo/espço específico” (Gomes, 2008, p. 125).

Como abordado anteriormente, a prática do torcer mobiliza elementos simbólicos, como camisas, bandeiras e hinos, que contribuem para a construção de uma identidade coletiva, funcionando como espaço de interação social e expressão afetiva entre os torcedores (Gutterman, 2010). Nessa perspectiva, o ato de torcer se manifesta como prática carregada de sentidos, valores e rituais, os quais podem ser atravessados por questões de gênero, classe, geração e pertencimento. Dessa maneira, como afirmado por Lages e Silva (2012, p.8),

o futebol também não pode ser considerado uma vivência de lazer por si só, mas sim o que esta prática suscita no indivíduo, bem como todas as outras dimensões culturais e afetivas relacionadas às diferentes práticas e vivências que tal manifestação possibilita. Assim, quando um indivíduo pratica-o e/ou assiste-o, esse vai muito além da sua prática e da assistência, assumindo diferentes sentidos e significados: na rua que vira campo, no gol que vira vitória, na narração que vira história, nas camisas que viram mantos, nos nomes que viram pseudônimos dos ídolos e craques, nos palavrões que viram incentivos, nas comemorações coletivas que viram amizades, dentre outros.

A partir de uma abordagem interdisciplinar, esta dissertação investiga como as torcedoras foram representadas na imprensa carioca ao longo do século XX, com atenção especial à construção de figuras femininas emblemáticas nas

arquibancadas. Ao fazê-lo, busca-se compreender não apenas como essas mulheres foram visibilizadas ou apagadas, mas também quais discursos foram mobilizados para enquadrar suas presenças, entre a devoção ao clube, a performatividade da feminilidade e o tensionamento de normas sociais sobre os lugares da mulher no esporte e na sociedade. Logo, partimos da compreensão que “o significado de mulher torcedora de futebol é amplo e pode remeter a diversos signos de acordo com o período ao qual é submetido” (Araújo, 2023, p.23).

1.1 DESVENDANDO A REPRESENTAÇÃO DAS TORCEDORAS SÍMBOLOS

Ao tratar sobre as torcedoras símbolos, primeiramente é necessário conceituar o que são tais grupos de torcedoras. Podemos pensar em figuras que vão além do que é ser um torcedor dito como comum. Tais figuras símbolos tendem a representar pessoas já mais velhas, com anos de experiências nas arquibancadas e que possuem suas vidas atreladas ao clube que torcem, vivendo intensamente tal experiência. São conhecidas por suas trajetórias de paixões e lealdades, manifestando-se de diferentes maneiras ao longo das décadas. A questão da idade nem sempre é um indicativo, visto que, durante a história do futebol no Brasil, há casos de torcedoras reconhecidas como símbolos na juventude ou ainda na infância.

Hilton Mattos (2007), ao pesquisar sobre lideranças ilustres nas arquibancadas cariocas, define tais torcedores como “heróis do cimento”. Sendo identificados como torcedores apaixonados, essa paixão resistiria a diferentes fatores. Através de suas histórias contadas pelos próprios torcedores, a obra perpassa pelas alegrias e tristezas na vida de um torcedor símbolo. Além de contribuir para a compreensão das homenagens recebidas por eles, sendo observada em relatos de suas influências entre os torcedores, diretoria, lideranças rivais e pela boa relação com policiais (Mattos, 2007).

Movidas pela paixão por seus clubes, essas figuras passam a ser reconhecidas como verdadeiras porta-vozes de milhares de torcedores. Além disso, muitos torcedores símbolos se destacam por utilizar constantemente adereços e vestimentas que remetem à sua equipe, como camisas, bonés, calças e, em alguns casos, até marcas permanentes no corpo, como tatuagens (Neitzke; Muller, 2018).

Dessa forma, essas figuras ganham destaque nas arquibancadas, sendo reconhecidas não apenas por torcedores de seus próprios clubes, mas também por

admiradores de outras torcidas, ultrapassando, assim, as fronteiras clubísticas. Frequentemente “tietadas” durante os jogos, essas torcedoras símbolo tendem a ser vistas como vozes legítimas no universo do futebol, seja pelos anos de vivência nas arquibancadas, seja pelo respeito conquistado no meio esportivo.

Como mencionado anteriormente, a dedicação das torcedoras símbolo aos seus clubes pode ser observada na presença constante nos jogos, na boa relação com jogadores e dirigentes, na visibilidade conquistada na mídia e, em alguns casos, na própria atuação profissional junto à instituição esportiva, unindo a paixão pelo futebol ao trabalho cotidiano. Um exemplo emblemático é o de Salomé, torcedora símbolo do Cruzeiro Esporte Clube (MG), que trabalhou por 25 anos na sede social do clube, localizada no bairro Barro Preto, em Belo Horizonte. Após seu falecimento, foi homenageada por torcedores com a criação de um mural em sua memória, além de dar nome a um complexo poliesportivo do clube.³

Tais figuras representam o amor de todos os torcedores pelo seu time, tal como afirmado por Narcizo (2021), “os torcedores que colocamos como símbolo de nosso amor pelo clube, estão ali para nos lembrar disso”. Ademais, são observados como elos de união entre a massa torcedora. Dedicam grande parte do tempo de suas vidas ao clube do coração, seja frequentando jogos em outros estados e até mesmo fora do Brasil.

Outra característica marcante entre essas torcedoras é o forte afloramento das emoções, com destaque para a expressão da tristeza diante das derrotas (Neitzke; Muller, 2018). Esse aspecto é evidenciado nas fontes jornalísticas analisadas, onde são recorrentes as imagens de mulheres chorando e se lamentando pelos resultados negativos de seus clubes. Tal representação reforça a compreensão do futebol como “palco para a expressão, teatralização das emoções e paixões” (Neitzke; Muller, 2018, p. 160). Dessa forma, o futebol configura-se como um espaço de exploração da performatividade torcedora.

Sobre a caracterização desses sentimentos, Origuela e Silva (2015) em *Lazer e Futebol: o torcedor no estádio* definem que vai do riso, esperança ao choro de tristeza. A partir de uma mescla de emoções, o futebol é vivido nas arquibancadas pelos torcedores. Diante de um espaço em que há a difusão de um espetáculo

³ G1. Torcedores homenageiam Dona Salomé com pintura na sede do Cruzeiro em Belo Horizonte. **G1 Minas Gerais**, 10 dez. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/12/10/torcedores-homenageiam-dona-salome-com-pintura-na-sede-do-cruzeiro-em-belo-horizonte.ghtml>>. Acesso em: 17 jul. 2025.

auditivo e visual, os estádios tornam-se verdadeiros espetáculos, onde os torcedores a partir de uma identificação coletiva se reconhecem por meio de um pertencimento que os coloca como iguais.

Além disso, podemos pensar também que existe uma confusão no tratamento do termo símbolo, visto que alguns jornais e outros meios de comunicação tendem a creditar tal título a torcedores famosos, como observado em uma matéria na edição de nº 00331 do *Jornal do Brasil* (RJ), em 1997, que intitula a atriz Sônia Braga como torcedora símbolo da Seleção Brasileira.

Ainda discorrendo sobre a denotação de símbolo, na edição de nº 356 da *Revista Placar*, em 1981, por meio do Dicionário do Futebol (Dicionário Placar) lançado pela revista, diversas características do mundo futebolístico são tratadas de maneira simplificada para os leitores. Ao lado do significado de torcer e do que é ser um torcedor roxo, os torcedores símbolos são identificados entre o torcedor comum e o mais fanático deles, o torcedor roxo. Mas, questiona-se: onde reside a simbologia em seu nome?

Segundo a *Placar*, torcedor símbolo é “aquele que se destaca pela paixão a determinado clube, passando a simbolizar todos os seus torcedores”. Em seguida, a revista cita nomes de torcedores símbolos e seus respectivos clubes, entre eles estão quatro mulheres. São elas: Elisa (Corinthians), Filhinha (São Paulo), Dulce Rosalina (Vasco) e Conceição (Ponte Preta).

Figura 1 - Definição de Torcedor-Símbolo no Dicionário do Futebol

TORCEDOR ROXO, *loc.* Torcedor fanático, apaixonado.

TORCEDOR-SÍMBOLO, *s. m.* Aquele que se destaca pela paixão a determinado clube, passando a simbolizar todos os seus torcedores: Sempre, torcedor-símbolo do Atlético Mineiro (falecido em 1978); Elisa, torcedora-símbolo do Corinthians; Tarzã, do Botafogo (RJ); Filhinha, do São Paulo F. C.; Dulce Rosalina do Vasco (RJ); Conceição, da Ponte Preta (Campinas); etc.

TORCER, *v.* 1) Manifestar publicamente sua simpatia por um clube ou por um time. 2) Causar luxação: *torcer* o pé, a perna.

Partindo da compreensão do futebol como uma “atividade que envolve comportamentos, expressões faciais e gestuais, além de abranger uma simbologia associada à esfera ritualística e espiritualista, constituindo-se, assim, como um espetáculo capaz de mobilizar diversas emoções” (Santos *et al.*, 2017, p. 164), é necessário percorrer a trajetória do torcer no Brasil. Ao longo do tempo, os torcedores marcaram presença em diferentes fases do desenvolvimento do futebol no país, sendo identificados por distintas denominações a cada período, de acordo com transformações culturais, sociais e midiáticas que moldaram suas práticas e representações.

Essa atuação ocorre desde o início do século XX, quando os jogos eram frequentados por uma elite que utilizava suas vestimentas de gala para assistir às partidas. As mulheres também frequentavam, acompanhando seus maridos, “o futebol, assim como outras modalidades esportivas, proporcionou à mulher experimentar o mundo para além dos domínios da casa” (Costa, 2007, p.7).

Segundo Bonfim (2023), nos tempos do auge do turfe no Rio de Janeiro, as mulheres tinham a sua participação destacada pelos jornais e eram chamadas de “joquetes” e “sportswomen”. A autora Paula Chiénes (2024), ao analisar a atuação das *sportswomen* nas primeiras décadas do século XX, descreve a participação feminina no esporte como situada em um “não lugar”. Esse conceito evoca a ideia de um ambiente historicamente masculinizado, no qual a presença das mulheres, seja como atletas ou torcedoras, é frequentemente percebida como uma intrusão, uma presença deslocada ou até mesmo inadequada.

Nesse mesmo período, como aponta Bonfim (2023, p. 27-28), “assistir a um jogo ou a uma competição eram motivos suficientes para sair de casa, socializar, consumir e até encorajar-se a experimentar essas novidades atléticas”. Tal observação permite compreender os esportes não apenas como práticas físicas, mas também como oportunidades para que as mulheres ocupassem novos espaços de lazer, rompendo, ainda que parcialmente, com os limites impostos ao feminino no espaço público. Melo (2010) também expõe as divergências presentes no discurso acerca da participação das mulheres no período de transição entre os séculos XIX e XX. Segundo o autor,

o esporte não foi exatamente um lugar de completa libertação da mulher, mas contribuiu para abrir possibilidades para tal no futuro. **Se era concessão controlada, era também conquista. E, fundamentalmente, representa claramente como os costumes se modificam e o surgimento de um novo papel feminino (e, em certo sentido,**

relacionalmente considerando, também masculino) na sociedade carioca (Melo, 2020, p.44, grifo nosso).

Leda Maria da Costa (2007, p. 9), ao comentar sobre as torcedoras símbolo, ressalta que sua aceitação e popularidade podem estar relacionadas à idade que essas mulheres apresentavam na época, o que favoreceria a associação a atributos maternais e as dissociaria das práticas violentas então presentes nas arquibancadas. A partir disso, é possível refletir sobre a recorrência de apelidos com conotações afetivas atribuídos a diversas torcedoras, sugerindo uma tentativa de enquadrá-las em representações mais dóceis, respeitáveis ou "familiares" dentro do espaço torcedor.

Diante desse fato, também pode-se supor que devido à sua idade elas também romperam tabus relacionados aos estereótipos de lazer dessa faixa etária, em que a maioria dos momentos livres são pensados em atividades físicas (Giraldi, 2014). Tal como afirmado por Maria Cristina Zago (2023),

em determinadas culturas, os indivíduos em idade avançada, sofrem um processo de desvalorização e são percebidos de "cima para baixo" pelos outros grupos que compõem as demais faixas etárias, são violentados silenciosamente pelo desprezo, por olhares arrogantes (Zago, 2023, p.65).

No processo de envelhecimento, parte-se do pressuposto de que a velhice é uma construção social permeada por simbologias (Vilhena; Novaes; Rosa, 2014). No contexto das torcidas, as torcedoras idosas ocupam um espaço simbólico de valor, frequentemente associado à experiência acumulada ao longo dos anos. Essa valorização se expressa, por exemplo, nas recorrentes menções ao tempo de dedicação dessas mulheres ao clube, ressaltando sua fidelidade mesmo diante das limitações impostas pela idade.

Em um ambiente majoritariamente jovem, a presença dessas torcedoras pode ser compreendida como um gesto político, que desafia normas e expectativas sociais sobre quem tem legitimidade para ocupar os espaços do futebol. No entanto, essas mulheres não se reduzem à sua condição etária; sua atuação vai além da idade, mobilizando formas plurais de pertencimento às arquibancadas.

Além disso, é importante considerar que o lazer na velhice está condicionado por fatores socioeconômicos que frequentemente dificultam o acesso dos indivíduos a práticas de lazer (Bruhns, 1997). Entre os principais obstáculos, destacam-se a redução da renda em decorrência da aposentadoria, a falta de acessibilidade em determinados espaços e as limitações de locomoção enfrentadas por muitas

peessoas idosas. No caso de torcedoras símbolo, essas barreiras podem se tornar ainda mais evidentes, já que a vivência do futebol como lazer implica deslocamentos até estádios, longas jornadas em dias de jogos, gastos com transporte, ingressos e alimentação.

Acerca das conotações de “donas” e “avós”, Teixeira e Junior (2023) analisam as “vovós” da moda por meio do trabalho acerca das *graninfluencers*, influenciadoras digitais de 55 a 99 anos. Os autores percebem essas figuras como reprodutoras de um estilo de vida, onde, assim como as torcedoras símbolos, participam de um ambiente com predominância jovem: a internet (Teixeira; Junior, 2023). Ademais, esses apelidos podem ser observados também através das matriarcas do samba, sendo apelidadas carinhosamente de “tias” e “donas” das escolas de samba (Pinheiro, 2023).

Em face de tais avanços, se nos tempos atuais há um aumento das mulheres torcedoras, sendo compreendido por intermédio de algumas transformações, como o crescimento de grupos de torcedoras, aumento de mulheres adquirindo o título de sócio torcedor, forte atuação nas redes sociais e criação de produtos especificamente para as mulheres (Costa, 2007), muito é porque algumas mulheres décadas atrás quebraram barreiras e possibilitaram suas entradas nas torcidas, o que já é algo por si só revolucionário (Moraes, 2018).

Possibilitando a discussão sobre o tema, reafirmando e reconfigurando o lugar das mulheres dentro das arquibancadas até então ditadas pelo “país do futebol masculino” e suas normatividades. Reconfigurações estas que vão além das experiências torcedoras, mas também podem ser observadas no campo acadêmico

Diante dessas reflexões, emergem questionamentos centrais sobre as torcedoras símbolos: o que as diferencia das demais torcedoras? Quais fatores levaram sua participação nas arquibancadas a ganhar maior destaque e influência? Quais características definem essas figuras? Em que momento elas começaram a ser reconhecidas como símbolos?

Essas indagações são fundamentais para compreender as diferentes representações do que significa ser uma torcedora e, mais do que isso, um símbolo dentro da torcida. Essa análise deve ser complementada por uma reflexão sobre o contexto histórico em que essas mulheres estavam inseridas, permitindo identificar as influências culturais, sociais e políticas que moldaram suas experiências e ações nas arquibancadas.

É igualmente importante investigar os possíveis fatores que contribuíram para sua emergência como figuras simbólicas no universo torcedor, assim como os desafios enfrentados por essas mulheres em um ambiente majoritariamente masculino e, muitas vezes, jovem.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Compreender as representações das torcedoras símbolos cariocas veiculadas pela mídia impressa do Rio de Janeiro ao longo do século XX.

1.2.2 Objetivos específicos

- Compreender a origem da figura da torcedora símbolo;
- Elaborar um mapeamento das torcedoras símbolos;
- Analisar a influência da idade na construção e evolução da figura da torcedora símbolo;
- Analisar como os concursos de torcedoras contribuíram para a consolidação dessa figura e quais padrões de comportamento eram reforçados por essas iniciativas.

1.3 A LINHA DO TEMPO DO TORCER

Na célebre obra *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*, o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira analisa as primeiras décadas do século XX por meio do futebol, compreendendo-o como um espaço de disputas que extrapolam os limites do campo esportivo. A popularização do esporte na capital federal deve-se, em grande parte, à atuação de Oscar Cox, um dos principais incentivadores do chamado “esporte bretão” na cidade. A partir de 1897, Cox difundiu as regras do novo jogo, que rapidamente se espalhou entre os jovens cariocas. Em pouco tempo, o futebol deixou de ser apenas uma curiosidade importada para se consolidar como uma prática esportiva regular. A primeira partida realizada no Rio de Janeiro ocorreu em 22 de setembro de 1901, seguida pela primeira disputa interestadual em 19 de outubro do mesmo ano (Pereira, 2000). No

entanto, nos primeiros anos, os jogos ainda não atraíam grandes públicos, sendo assistidos principalmente por familiares e amigos dos jogadores.

A partir de 1905, o futebol passou a ganhar mais popularidade. Como aponta Pereira (2000, p. 36), “de diversão de grupos restritos de jovens que haviam estudado na Europa, o futebol convertera-se em pouco tempo em um promissor atrativo nos círculos refinados do Rio de Janeiro”. A expansão do público e o interesse social em torno do esporte foram impulsionados também pela figura dos *sportmen*⁴, que, ao compartilharem as regras e práticas do futebol, ajudaram a compor uma atmosfera de sofisticação, marcada por elementos como o uso de uniformes importados. Essa configuração, no entanto, contrastava com o contexto inglês, onde o futebol já havia sido apropriado pelas classes operárias e se popularizado entre as massas.

No Brasil, ao contrário, o esporte foi inicialmente moldado por valores elitistas, associados ao refinamento e ao capital simbólico das camadas altas da sociedade carioca. Diante de um plano higienista na capital, o futebol surgia como uma nobre atividade esportiva capaz de formar indivíduos com “maior desenvolvimento moral” (Pereira, 2000, p.53). Inicialmente liderado por figuras como os *foot-ballers* e os *sportmen*, ainda em um cenário sem rivalidade entre os clubes, as partidas frequentemente terminavam em confraternizações entre as equipes, nas quais a presença feminina era constante.

O autor aponta que, a partir de 1907, houve um aumento no número de clubes, indicando que o futebol deixava de ser uma exclusividade de apenas uma parcela da sociedade carioca. O esporte começava a ultrapassar os limites da zona sul, alcançando novos territórios e públicos, o que contribuiu para a diversificação de seus praticantes e espectadores.

Observou-se o nascimento de novos hábitos adquiridos pela população, mudanças de comportamento e a criação de importantes figuras do esporte carioca. Tal aspecto impulsionou até o capital imobiliário na época, impulsionando vendas em residências próximas à praia, graças à ascensão do remo a partir de 1851 que tem

⁴ Os *sportmen*, como na Inglaterra se chamavam os envolvidos com a prática esportiva nas mais diversas funções (seja como público, dirigente, treinador ou praticante) com o decorrer do tempo receberão novas denominações: para os competidores, vai se vulgarizar o uso do termo atleta; o público será chamado de fã, aficionado, torcedor (no caso do Brasil), entre outros” (Melo, 2012, p. 24).

sua popularidade até 1910 quando é ultrapassado pelo futebol (Mascarenhas, 1999). Além disso, o final do século XIX é marcado pela consolidação da imprensa jornalística no Rio de Janeiro, com o surgimento e a diversificação de periódicos que passaram a retratar com mais regularidade o cotidiano da cidade (Asperti, 2006).

Segundo Melo (2015), em *Entre a elite e o povo: o sport no Rio de Janeiro do século XIX (1851–1857)*, essas transformações começaram ainda na primeira metade do século XIX, impulsionadas pelas primeiras competições de turfe e remo. Movidos pelo ideal de incorporar traços das sociedades europeias tidas como civilizadas, os setores mais abastados passaram a promover inovações culturais, entre elas a criação de *clubs*, sejam eles literários, de diversões ou voltados às práticas esportivas. No caso das agremiações esportivas, os eventos eram celebrados como símbolos de um novo tempo na sociedade fluminense, marcada pelo desejo de romper com o passado colonial e projetar um futuro promissor. Como destaca Melo (2015, p. 213), “os eventos esportivos eram celebrados como uma das marcas de um novo momento da sociedade fluminense, que perspectiva a abandonar o passado colonial e se preparar para um futuro alvissareiro”.

Esses encontros esportivos também passaram a expressar uma nova relação com os espaços públicos. Diferentes emoções estavam em jogo, assim como o desejo de ser visto e de experimentar sensações para além dos limites do ambiente doméstico. Essa característica foi especialmente significativa para as mulheres que, presentes nas tribunas, encontraram nesses espaços uma forma de ocupação pública. Ainda que marcada por tensões, a presença feminina nesses eventos carregava aspectos reivindicatórios, ao mesmo tempo em que refletia imposições de valores masculinos. As mulheres conferiam um caráter familiar às práticas esportivas e, por isso, sua presença era frequentemente elogiada pela imprensa da época (Melo, 2015).

Nesse ambiente, o entendimento do torcer sofreu diversas transformações ao longo das décadas. Primeiramente, havia o torcer atrelado a sua característica de assistência. Segundo Georgino Jorge de Souza Neto (2010), tal agrupamento pode ser observado no início do século XX a partir de uma elite econômica e social, sendo a elite mineira retratada pelo pesquisador. Além disso, para ele, “no cenário das partidas de futebol passava a ser cada vez mais comum a ocorrência de um público assistente, inicialmente constituído sem nenhuma vinculação afetiva com um ou outro clube de futebol” (Souza Neto, 2010, p.22). A participação desses indivíduos

estava atrelada a uma ostentação e reafirmação de sua posição social, além de retratar uma maneira individualizada de torcer entre aqueles que frequentavam esses espaços.

Em um movimento posterior, surgiram as torcidas uniformizadas com propósitos de levar esse sentimento para o campo, auxiliando o seu clube, ganhando novos sentidos e reafirmando seu importante papel dentro das arquibancadas. Segundo (Saldanha, 2023, p.55), tratava-se de experiência de coletivização do torcer, sendo lideradas por chefes de torcida,

figuras carismáticas que eram destacadas da massa por encarnar valores como comprometimento, assiduidade e abnegação, se tornando uma espécie de “reserva moral” de amor ao clube, em um momento onde a relação entre clubes e jogadores se tornava mais profissional.

Esse espaço de destaque e influência se manteve até o final dos anos 1960, quando houve uma mudança no perfil dos torcedores e os chefes de torcida começaram a perder sua autoridade. Isso gerou rupturas internas que impulsionaram a formação de novos coletivos de torcedores (Hollanda, 2008). Esses grupos emergentes buscavam afirmar novas identidades, com uma postura mais crítica e questionadora, embora mantivessem o compromisso de apoiar seus clubes de forma apaixonada. Diferentemente das antigas torcidas, mais próximas e alinhadas às diretorias dos clubes, esses novos agrupamentos passaram a defender uma atuação mais independente e autônoma. Nesse contexto,

Rompendo com o princípio da unicidade que vigorava até então, onde cada clube era representado por apenas uma torcida, sob o controle centralizado de um líder, esses grupos inauguraram uma nova relação com dirigentes e autoridades. Menos personalizadas, essas torcidas buscavam se distanciar do modelo até então existente, por considerá-las muito próximas e submissas às diretorias. Reivindicavam, assim, maior liberdade para torcer, e independência para expressar um comportamento mais crítico sobre a gestão dos clubes e a performance do time em campo (Saldanha, 2023, p.65).

Sendo assim, no final dos anos 1960, surgem as chamadas torcidas "jovens", que passaram a ocupar as arquibancadas com um perfil mais politizado e contestador. As primeiras formações desse movimento podem ser observadas em grupos como a Torcida Jovem do Flamengo, a Torcida Jovem do Santos, a Young Flu, a Torcida Jovem do Grêmio e a Torcida Jovem do Vasco. Logo, ocuparam as arquibancadas com propósitos que iam além de animar a torcida durante os 90 minutos de jogo, por meio de novos ideais progressistas e revolucionários para a época (Hollanda, 2008).

Tal processo perdurou pela década de 70, onde se teve a continuidade de criação das principais torcidas organizadas que se tem até os dias de hoje (Pimenta, 2000). Com grande influência nas arquibancadas e no meio esportivo, as torcidas passaram a ocupar também espaços na mídia, o que pode ser observado na criação de colunas e seções voltadas aos torcedores, como a seção *Camisa 12*, da Revista *Placar* (Mello, 2023).

As décadas de 1980 e 1990 marcaram um período de transformação nas arquibancadas, evidenciado por iniciativas como a tentativa de formalização das torcidas por meio da criação da ASTORJ (Associação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro), em 1988, e pela mobilização de torcedoras na construção de espaços de diálogo entre os torcedores, como foi o caso da organização do primeiro censo das torcidas organizadas, divulgado pela revista *Placar* na década de 80 (Mello, 2023).

Mesmo diante do aumento da violência nos estádios e da forte campanha midiática sobre os perigos das arquibancadas, intensificada nos anos 2000, torcedores passaram a formar dissidências dentro das torcidas tradicionais, criando grupos com outros ideais, muitas vezes sob influência de torcidas sul-americanas (Teixeira, 2013). Muitos desses coletivos surgiram com o propósito de acolher torcedoras mulheres, pessoas LGBTQIA+ e outros segmentos historicamente marginalizados no ambiente futebolístico. Além disso, posicionam-se de forma crítica ao processo de mercantilização do futebol, especialmente evidenciado a partir da Copa do Mundo de 2014.

Esses novos coletivos de torcedores também assumem um caráter político, ocupando as ruas e articulando pautas que extrapolam o universo esportivo, como demandas por justiça social, igualdade e direitos civis. Destaca-se, nesse cenário, a liderança de grupos de torcedores antifascistas, como o Ultra Resistência Coral, considerado o primeiro coletivo desse tipo no Brasil, fundado em 2005 (Lopes; Rueda, 2022). Essa atuação foi fortemente evidenciada nas manifestações em defesa da democracia realizadas em 2020. Nesse processo, as mulheres têm atuado de forma cada vez mais aguerrida, especialmente com o fortalecimento das redes sociais como espaço de mobilização e visibilidade para além do campo. Nathalia Cerreia (2020) evidencia a força das redes sociais como ferramenta de ativismo ao analisar de forma aprofundada a atuação online de grupos de torcedores antifascistas durante o período das eleições presidenciais de 2018.

Além disso, a partir de um ponto de vista torcedor, iniciativas como blogs, podcasts e perfis em redes sociais vêm sendo criadas por torcedores, evidenciando tanto seu potencial político quanto estético. Tal aspecto é discutido por Vimieiro (2014), que analisa como, nessas produções, os próprios torcedores assumem o papel de protagonistas, questionam as formas tradicionais de fazer jornalismo esportivo e propõem novas maneiras de narrar o futebol. Essas iniciativas contribuem para democratizar o acesso à informação e aproximar os torcedores de seus clubes do coração.

Dessa maneira, embora, no início do século XX, as arquibancadas fossem muitas vezes interpretadas como espaços de pouca visibilidade social para as mulheres, com o passar do tempo elas passaram a ocupá-las de forma mais ativa, por meio da participação em agremiações torcedoras e, em alguns casos, no exercício de lideranças. Tais transformações, contudo, não se deram de maneira linear ou homogênea, sendo fundamental compreendê-las à luz dos contextos históricos e sociais, considerando as múltiplas formas de inserção e os diversos papéis desempenhados pelas mulheres nesse universo.

Na matéria *A torcida, da elegância ao fanatismo*, publicada pelo *Jornal do Brasil* em 1979, na edição nº 21, o jornal percorre a trajetória histórica do “torcer” e aponta como seu sentido inicialmente elitista foi se transformando com o passar das décadas. Em tom de valorização, a matéria reconhece a importância das mulheres na origem do termo e revisita a história de diversos torcedores cariocas. Ao abordar o aumento do fanatismo e os episódios de violência nos estádios, o texto também discute a crescente participação das mulheres nas arquibancadas. Sobre esse processo, o jornalista Fernando Calazans destaca:

mesmo no início da era do Maracanã, nos anos 50, a presença da mulher no estádio era vista com preconceito. A partir da década de 60 é que ela passou a ser notada, primeiro nas tribunas especiais e nas cadeiras, mais tarde nas arquibancadas, com a camisa e a bandeira de seu clube, carregando uma faixa ou um instrumento da bateria (*Jornal do Brasil*, 1979, p.25).

Figura 2 - Matéria "A torcida, da elegância ao fanatismo sobre a trajetória do torcer"



No início do século, as tribunas do Fluminense eram o ponto de encontro da alta sociedade, frequentadas pelas jovens mais elegantes

A torcida, da elegância ao fanatismo

Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 21, abr. 1979.

Dessa maneira, a partir de tal contextualização histórica do torcer, podemos compreender que tal prática esteve condicionado a alguns aspectos que influenciam nas diferentes vivências do torcer, sendo eles “o perfil do torcedor (gênero, idade e classe social); as características estruturais do estádio, seus diferentes setores e a localização geográfica” (Sousa; Abrahão, 2022, p.85). Tais características interferem nas inúmeras possibilidades de vivenciar o futebol e as arquibancadas. Dessa forma, podemos compreender que as torcedoras enfrentam problemas não apenas atrelados ao gênero, mas também devido a idade, classe social e devido às condições dos estádios.

Ao discutir a presença feminina nas arquibancadas, esta pesquisa se apoia em estudos sobre gênero, cujo número tem crescido desde a década de 1980 (Goellner, 1998). Entendido como uma construção histórica e social, o conceito de gênero é fundamental para analisar o papel das torcedoras frente à ampla influência exercida pelo futebol na cultura brasileira (Januário, 2019). Inserido em um contexto de disputas simbólicas, “o futebol é entendido como produtor de práticas culturais e, por vezes, reproduzidor de práticas sociais enraizadas” (Januário, 2019, p. 17).

Ao retomar a discussão sobre os agrupamentos de torcedores e a participação das mulheres, ambos os grupos, charangas e torcidas jovens, detêm grande importância no panorama histórico das formas organizadas de torcer. Primeiramente, em ambas há forte atuação de torcedoras mulheres, algo muito marcante para a época. Ganhando força nas arquibancadas e influência entre seus

grupos, algumas dessas mulheres já haviam ocupado cargos de liderança ainda jovens, algo inovador até para os dias de hoje, como por exemplo a Dulce Rosalina (Vasco da Gama-RJ) que foi a 1ª mulher a presidir uma torcida no Brasil. Aos 22 anos, em 1956, ela presidiu a Torcida Organizada do Vasco (TOV). Essas mulheres também estavam profundamente envolvidas nas atividades da torcida, ajudando na confecção de bandeiras, cedendo suas casas para encontros e participando das caravanas. Foi nesse contexto que passaram a ser carinhosamente chamadas de “tias”, “donas” e “avós” por grande parte dos torcedores.

Ao abordar essas figuras, é possível ampliar o olhar e destacar a influência de torcedoras emblemáticas como Tia Helena (Flamengo-RJ), Tia Aida (Vasco da Gama-RJ) e Helena Lacerda (Fluminense-RJ), mulheres que se tornaram ícones nas arquibancadas cariocas. Fora do Rio de Janeiro, outras torcedoras também se notabilizaram por sua presença marcante, como Dona Elisa (Corinthians), Dona Conceição (Ponte Preta), Dona Filhinha (São Paulo) e Dona Maria José (Sport). Esses exemplos evidenciam que a atuação simbólica das torcedoras não se restringe ao eixo Rio-São Paulo, mas se estende por diferentes estados do país, revelando a força desta presença feminina no futebol brasileiro.

Todas essas mulheres notáveis compartilham algo além do amor por seus clubes: a faixa etária. A maioria já estava na fase final da vida adulta quando um movimento pautado por ideais juvenis começou a ganhar força nas arquibancadas, promovendo mudanças nos valores que orientavam aquele espaço. Nesse contexto, passaram a ser retratadas pela imprensa como personagens dignas de atenção e reconhecimento.

Sendo as arquibancadas e torcidas organizadas compreendidas como um ambiente masculino e demarcado pela violência (Dunning; Elias, 1992), é necessário compreender as razões que fizeram com que essas torcedoras rompessem barreiras de gênero. Enfrentando diversos desafios, como o machismo, objetificação de seus corpos a partir de sua hipersexualização, cânticos misóginos reproduzidos pelas torcidas e normas que inferiorizam o torcer das mulheres, como a proibição que mulheres sofrem ao não poderem tremular bandeiras durante os jogos (Souza Junior; Andrade; Toledo, 2021).

Tais normas fazem parte do processo de legitimação masculina, segundo Alvarenga (2023, p.603), “a legitimação masculina nos estádios de futebol faz com que muitas práticas machistas apareçam fora de questionamento, criando um

processo de naturalização que faz com que os torcedores assimilem determinadas formas de agir como regras de posturas que devem ser mantidas”.

Tal problemática pode ser levada além, visto que esse preconceito está institucionalizado a partir dos cargos ocupados pelas mulheres em suas agremiações torcedoras, estando atreladas a funções do departamento social, vendas e de comunicação (Andrade, 2020). Um outro exemplo pode ser observado por meio da proibição da participação feminina ao frequentar caravanas em partidas em outros estados do país (Mendes, 2022, p.73).

Além disso, ser mulher torcedora permeia estereótipos atrelados ao seu torcer. O apelido “maria chuteira” denota negativamente mulheres que só frequentam os jogos a partir do seu interesse nos jogadores, sendo entendidas como uma “camada formada por mulheres que privilegiam a visão em detrimento de um envolvimento mais intenso com o futebol” (Costa, 2006).

Além disso, tal problemática não é só utilizada pelos periódicos encontrados, mas também pelos anúncios encontrados em suas páginas, como pode ser observado na edição de nº 37797 do jornal *O Fluminense (RJ)*, em 2006. A expressão “depois da Maria-Chuteira, vai chover Maria-Gasolina”, utilizada em um anúncio da Volkswagen, reforça estereótipos de gênero ao retratar as mulheres como oportunistas, sugerindo que sua presença no futebol ou no universo automobilístico se dá apenas por interesse em vantagens associadas aos homens. Em outras palavras, trata-se de uma narrativa que reforça a ideia de que a mulher ocupa uma posição secundária nesses espaços, sendo valorizada não por suas escolhas ou interesses próprios, mas por sua relação com o desejo ou o sucesso masculino.

Figura 3 - Anúncio da Volkswagen no jornal O Fluminense



Fonte: O Fluminense (RJ), edição nº 37797 (2006).

Um outro aspecto que merece atenção são as diferentes formas de feminilidade torcedora presentes nas arquibancadas, observadas desde os primórdios do futebol no Brasil. Essas expressões de feminilidade são frequentemente desvalorizadas ou invalidadas, tendo o conhecimento das torcedoras sobre o esporte constantemente colocado em dúvida. Nesse contexto, “é necessário administrar sua identidade de gênero com a sua identificação com o esporte” (Araújo, 2023, p. 15).

A pesquisadora Daniela Torres de Araújo, em sua tese de doutorado intitulada *Estrangeiras do Próprio País: Memória, Espaço e Representatividade das Mulheres nas Torcidas de Futebol do Rio de Janeiro (1910–1950)*, buscou compreender como se deu a atuação de mulheres em posições de liderança nas torcidas durante a década de 1950, bem como os caminhos percorridos para que alcançassem papéis de prestígio. Ao recontar a história do futebol a partir da atuação de mulheres torcedoras, a autora propõe uma reflexão sobre os processos de deslegitimação do torcer feminino e aponta a importância de reconhecer essas trajetórias como parte da memória esportiva e social brasileira.

Partindo da compreensão das arquibancadas como um campo de disputa das relações de gênero, onde as mulheres estariam inferiorizadas, podemos relacionar com a ideia de Gomes (2008) ao identificar que o lazer pode ser utilizado tanto quanto um mecanismo que oculta contradições sociais, mas também como uma

possibilidade de questionar essa contrição e injustiça presente em seu meio (Gomes, 2008).

O antropólogo Guilherme Magnani corrobora com a compreensão de lazer em consonância com um sentido cultural, onde haveria afirmação de valores, identidades e práticas de sociabilidade. Em relação ao trabalho de Magnani (2018) em *Lazer de Perto e de Dentro*, podemos pensar na apropriação dos espaços pelos torcedores organizados e as demarcações presentes nesse ambiente, como sua localização fixa nas arquibancadas, sendo ela o principal ponto de referência entre os torcedores.

Além disso, as práticas torcedoras extrapolam os estádios e se destringem por pelotões em bairros, caminhadas coletivas, bares específicos para frequentação e entre outros. Dessa forma, percebe-se o lazer como uma prática de fortes laços de pertencimento, compartilhamento de emoções e a existência de uma rede que se identifica como tal e partindo disto, constroem laços por meio do futebol.

Ademais, discutindo o torcer como uma manifestação cultural do lazer, buscase entender como essa atividade no período de envelhecimento dessas mulheres pode ser analisada como uma ocupação do tempo livre. Tal compreensão deve levar em conta a complexidade de tal fase e as inúmeras possibilidades de ser vivenciada (Debortoli, 2012). Logo, ao causar melhorias na vida desse grupo social, permite o afloramento de suas sociabilidades e reafirmação de laços sociais.

Por fim, como demonstrado anteriormente, é necessário falar que nem todas as torcedoras símbolos irão ser retratadas como mulheres acima de 50 anos. Entre os dados encontrados em periódicos disponíveis no portal Hemeroteca Digital, há torcedoras na faixa dos quinze anos que são elogiadas por participarem de concursos de beleza e, por isso, designadas como símbolos da torcida. Essa constatação nos leva a questionar o próprio conceito de “símbolo” atribuído às torcedoras. A figura da torcedora símbolo, nesse sentido, parece mais vinculada à construção midiática de um ideal feminino do que a uma representação plural da mulher torcedora, reforçando estereótipos e limitando as formas de reconhecimento àquelas que se encaixam em certas normas de aparência e comportamento.

Tal representação pode ser relacionada aos primeiros registros sobre a participação das mulheres no futebol, nos quais sua presença estava frequentemente atrelada à valorização da beleza física. Nesse contexto, a

participação feminina é compreendida como condicionada à construção das mulheres como adereços do esporte (Nascimento; Araújo, 2021).

No livro *O Mito da Beleza* (1991), Naomi Wolf mostra como os padrões de beleza funcionam historicamente como instrumentos de controle sobre as mulheres. Ela argumenta que esses ideais limitam sua autonomia e reforçam a desigualdade de gênero. Nesse sentido, ao serem retratadas pela sua aparência, as torcedoras são enquadradas nos ideais da época, e mesmo quando conquistam novos espaços, sua presença só é aceita se corresponder às expectativas estéticas impostas. Dessa maneira, “as qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável” (Wolf, 2020, p.31).

Dessa maneira, percebe-se que a presença das mulheres torcedoras reflete aspectos socioculturais que moldam tanto suas formas de torcer quanto as representações que delas se constroem. Dada a relevância desse fenômeno, ele será aprofundado a seguir, a fim de discutir sua significância e influência na construção dessas figuras.

1.4 ENTRE CANTOS, BANDEIRAS E INVISIBILIDADES

As lideranças femininas nas arquibancadas são uma pauta recente, ainda. Dessa forma, torna-se importante compreender os motivos pelos quais as torcedoras símbolos se tornaram referência em um campo “masculino”. E essa problemática extrapola as arquibancadas, podendo ser observadas nos meios de comunicação esportivos da época. Por exemplo, ao observar a década de setenta da *Revista Placar*, algo chama a atenção: a falta de citação às torcedoras símbolos.

Entre as 505 edições publicadas na década de 1970, essas mulheres são mencionadas em apenas 11, e, mesmo assim, muitas vezes de forma generalizada, diluídas no termo 'torcedores'. Em contraste, os torcedores homens aparecem na maioria absoluta das edições. Até mesmo em algumas reportagens dedicadas exclusivamente às torcidas, apenas o ato de torcer praticado pelos homens é validado e destacado nos textos.

Dessa forma é importante compreender os motivos pelos quais a revista não fala sobre essas torcedoras, mesmo elas já ocupando importantes posições entre os torcedores. Logo questiona-se, “por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, ainda que saibamos que elas participam de

grandes e pequenos eventos da história humana?” (Scott, 1995, p.93). Assim, podemos pensar que o protagonismo das mulheres no futebol ainda carece de maiores pesquisas, registros e visibilidade (Goellner, 2021). A invisibilidade dessas torcedoras ao longo da história exige uma análise mais aprofundada, tanto do ponto de vista histórico quanto social, uma vez que revela questões complexas relacionadas aos preconceitos de gênero. Compreender essas dinâmicas é fundamental para elaborar estratégias de enfrentamento que fortaleçam as lideranças femininas nas torcidas da atualidade.

Além disso, diante da grande influência das torcedoras símbolos para os diferentes times nacionais e para todo o futebol, é necessário contribuir com as produções acadêmicas já realizadas sobre essas mulheres. Nesse quadro pode-se citar os trabalhos feitos pela doutora em História, Daniela Torres de Araújo, acerca da torcedora símbolo Dulce Rosalina (Vasco da Gama) e a pesquisa realizada pela doutoranda em Antropologia Social, Yordanna Lara Rêgo, sobre a torcedora símbolo Nega Brechó (Vila Nova). Pesquisas como essas são de grande valor para o reconhecimento dessas mulheres como elementos chave no futebol, além de valorizar a memória dessas torcedoras.

Dessa maneira, a presente pesquisa surge como uma tentativa de trazer maior visibilidade a essas mulheres, evidenciando sua importância para o torcer feminino e buscando suprir uma carência de produções sobre algumas torcedoras símbolos. Como observado no mapeamento acerca dos estudos produzidos sobre os torcedores de futebol realizados por Cleyton Batista Sousa e Bruno Otávio Abrahão, em 2022, entre 54 artigos analisados durante os anos de 2003 e 2010, apenas um deles refere-se à análise do perfil de um torcedor símbolo.

Logo, podemos compreender que existe uma lacuna ainda a ser preenchida quando se trata de torcedores símbolos. Devido ao fato que algumas dessas torcedoras já faleceram, torna-se importante evidenciar a história e trajetória dessas mulheres enquanto não só torcedoras, mas mulheres que quebraram barreiras e se encontram como influência até os dias de hoje. Além de abordar a representação dessas mulheres em jornais e revistas ao longo das décadas. Ao trabalhar com dados referentes a periódicos de grande circulação nacional, privilegia-se o uso de jornais como fontes históricas de grande valor para compreender a história do futebol e o lugar das mulheres torcedoras nesse panorama.

Compreendendo os jornais como veículos de manutenção de memórias (Soares; Helal; Santoro, 2004), as narrativas produzidas nesse meio de comunicação são de grande valor para o entendimento dessa figura torcedora. Como forma de percorrer essas diferentes representações, esta pesquisa se propõe a percorrer por um século de memórias esportivas, do início da década de 1900 ao fim dos anos 90.

Inicialmente, o trabalho buscava compreender as torcedoras símbolos de forma ampla, analisando suas representações em jornais de todo o país, desde a década de 70 até os anos 2010. No entanto, o grande volume de dados encontrados revelou um desafio metodológico: a dificuldade de abordar múltiplos veículos e perspectivas jornalísticas de maneira consistente.

Além disso, a ausência de uma conceitualização aprofundada sobre as torcedoras símbolos e a falta de respostas claras sobre sua origem evidenciaram lacunas significativas na pesquisa. Esses fatores levaram à necessidade de reorientar o estudo, concentrando-se em um recorte mais delimitado, com foco na origem e consolidação dessa figura como a questão central do trabalho. Essa mudança permitiu maior profundidade analítica, viabilizando o estudo e possibilitando responder questões fundamentais que anteriormente não eram devidamente abordadas.

O recorte temporal de um século foi escolhido por possibilitar uma análise mais detalhada e aprofundada de eventos, representações e discursos, permitindo compreender os diferentes aspectos sociais, culturais e políticos da época e como esses fatores influenciaram nas representações de torcedoras e os papéis de gênero a elas atribuídos. Além disso, esse recorte é de grande valor para entender as transformações na figura torcedora e a construção da ideia de símbolo no contexto do futebol.

Ao analisar os perfis de figuras torcedoras com base nos dados encontrados, tal discussão pode fomentar debates sobre as relações de raça e classe presentes entre elas. Nesse debate, as ciências humanas e sociais diante dessa problemática podem auxiliar na compreensão do futebol enquanto campo social e político, apresentando questões de interseccionalidade em seu contexto, buscando compreender como elas romperam diversas barreiras dentro desse ambiente: de gênero, raça, classe e geracional. A partir de um olhar multidisciplinar, diferentes enfoques provenientes da educação física, sociologia, psicologia, comunicação

social, história e geografia contribuem para a constituição de um campo de estudos que têm o futebol e suas diversas manifestações como eixo central (Souza; Marchi Júnior, 2017).

Ademais, por meio do que as difere dos demais torcedores/torcedoras, entender quais os aspectos distintivos que deixaram para as torcidas que faziam parte, influenciando outras mulheres a encontrarem um espaço nesse ambiente. Portanto, ao assumirem importantes atuações dentro das torcidas, essas mulheres buscam reafirmar os seus papéis no interior do futebol, reiterando um espaço que desde o início da década de vinte elas já ocupavam, mesmo que de forma acanhada: as arquibancadas.

Podendo auxiliar também para a criação de novas políticas públicas que regem o torcer nos estádios, incentivando a presença das mulheres nas arquibancadas mediante a garantia de seu livre exercício do torcer. Dessa maneira, “conhecer quem são as mulheres que frequentam os estádios de futebol, é de grande importância para que possamos referenciar políticas públicas de lazer para as mulheres, no que diz respeito ao futebol” (Campos; Silva, 2009, p.7).

Por fim, destaca-se a contribuição que os resultados deste trabalho podem oferecer ao campo dos estudos sobre futebol e lazer, ampliando a bibliografia existente acerca das múltiplas formas de atuação das mulheres no universo esportivo e em suas práticas de lazer. Assim, reforça-se a importância de aprofundar as discussões sobre lazer e gênero, uma temática em expansão, mas que ainda demanda mais pesquisas para preencher lacunas e contemplar as experiências femininas de forma mais abrangente (Cunha; Carvalho, 2021). Ao abordar as torcedoras símbolo e suas vivências, este estudo também contribui para reacender a memória dessas figuras e para a construção de um acervo que valorize e preserve suas histórias.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa documental com o propósito de identificar as abordagens dos jornais da época quando se referiam às mulheres torcedoras durante o século XX. Segundo Severino (2007, p.109), a pesquisa documental,

tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações e documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima.

A escolha de trabalhar com um século específico reflete o interesse em acompanhar a trajetória das mulheres torcedoras ao longo do tempo, contemplando as transformações culturais, políticas e sociais que marcaram este percurso, além de abranger o processo de profissionalização do futebol e como isso impactou aqueles que historicamente ocuparam as arquibancadas.

Ao adotar uma abordagem qualitativa, buscou-se estabelecer uma maior proximidade com o objeto de estudo, privilegiando a compreensão aprofundada dos sujeitos e contextos envolvidos. Como destaca Mirian Goldenberg (1997, p. 14), em *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*, “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc”.

Ademais, percorrer as transformações históricas que envolvem o ato de torcer pode contribuir para a construção de um entendimento mais amplo sobre o surgimento do termo “torcedora símbolo”, articulando-o às dinâmicas socioculturais que atravessam o futebol e suas representações. Trata-se, portanto, de compreender as múltiplas formas de representação associadas às mulheres que torcem, vibram e sofrem por seus clubes.

A partir de uma perspectiva crítica, buscou-se evidenciar as problemáticas implícitas aos diferentes discursos veiculados pelo *Jornal do Brasil* e por outros periódicos cariocas⁵, compreendendo-os como espaços de produção e reprodução

⁵ Entre os periódicos impressos nos quais foram observados dados, destacam-se: *A Luta Democrática* (1954-1987), *A Manhã* (1925-1929), *A Noite* (1911-1957), *A Rua* (1914-1927), *Beira-Mar* (1922-1946), *Correio da Manhã* (1901-1974), *Diário Carioca* (1928-1965), *Diário da Noite* (1929-1964), *Diário de Notícias* (1930-1974), *Fon-Fon* (1907-1958), *Gazeta Suburbana* (1910-1920), *Jornal da Noite* (1911-1957), *Jornal das Moças* (1914-1965), *Jornal do Commercio* (1827-2016), *Jornal dos Sports* (1931-2010), *Manchete* (1952-2000), *O Cruzeiro* (1928-1975), *O Fluminense* (1878 - Atual), *O*

de representações sobre as torcedoras. As motivações que orientaram a escolha desses veículos serão discutidas ao longo do texto, de modo a contextualizar os critérios de seleção e suas implicações analíticas.

Tal metodologia pode também contribuir com a criação de um banco de dados para servir como base para futuras análises. Para isso, foi realizado um levantamento de reportagens, matérias e outras formas de cobertura midiática encontradas em periódicos, visando a identificação de padrões de representação e possíveis estereótipos associados às torcedoras. Além disso, almejou-se compreender as condições de emergência dessas mulheres, a partir do entendimento histórico, social e futebolístico.

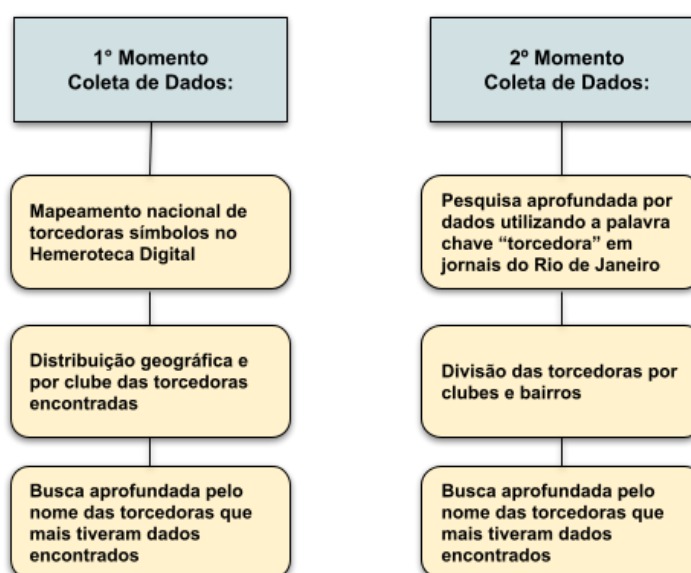
Acerca da representação nos jornais, Arlei Sander Damo (2005) discute o fato de o futebol ser composto por diferentes categorias de atores sociais: profissionais, torcedores, dirigentes e mediadores especializados. Esta última categoria refere-se àqueles envolvidos no processo de midiaticização do futebol, como é o caso dos meios de comunicação especializados na cobertura esportiva. Nesse sentido, os periódicos analisados possibilitam compreender como determinadas torcedoras foram representadas a partir de narrativas produzidas sob olhares masculinos e espetacularizados, contribuindo, assim, para refletir sobre a visibilidade atribuída a essas mulheres e sua inserção no campo futebolístico.

Para analisar a participação das torcedoras símbolos em diferentes periódicos foi utilizado como ferramenta o portal de periódicos nacionais Hemeroteca Digital. Fundado em 2006 pela Biblioteca Nacional, seu acervo conta com milhares de documentos que ajudam a contar a história do Brasil e de diferentes figuras nacionais. As bibliotecas nacionais desempenham um papel fundamental na democratização do acesso à informação, na preservação da memória coletiva e na difusão do patrimônio bibliográfico (Giordano, 2016). Além de possuir grande importância para os pesquisadores do futebol, auxiliando na compreensão das simbologias que cerceiam esse esporte. Nesse portal, buscas podem ser feitas a partir de palavras-chave, localidade e período.

A coleta de dados foi estruturada em dois momentos complementares, articulando amplitude e profundidade na busca por informações sobre as torcedoras-símbolos. O primeiro momento consistiu em um mapeamento nacional, realizado a

partir das ocorrências do termo “*torcedora símbolo*” em diferentes jornais disponíveis na Hemeroteca Digital, o que possibilitou identificar padrões de visibilidade e vínculos com clubes de distintas regiões. No segundo momento, a investigação voltou-se ao contexto carioca, com uma pesquisa sistemática em periódicos do Rio de Janeiro. Essa etapa buscou detalhar as trajetórias das torcedoras com maior número de menções, analisando também a distribuição por clubes e bairros. O quadro a seguir resume as ações desenvolvidas em cada etapa da coleta de dados:

Figura 4 - Quadro esquemático do processo de coleta de dados



Fonte: Elaborada pela autora (2025)

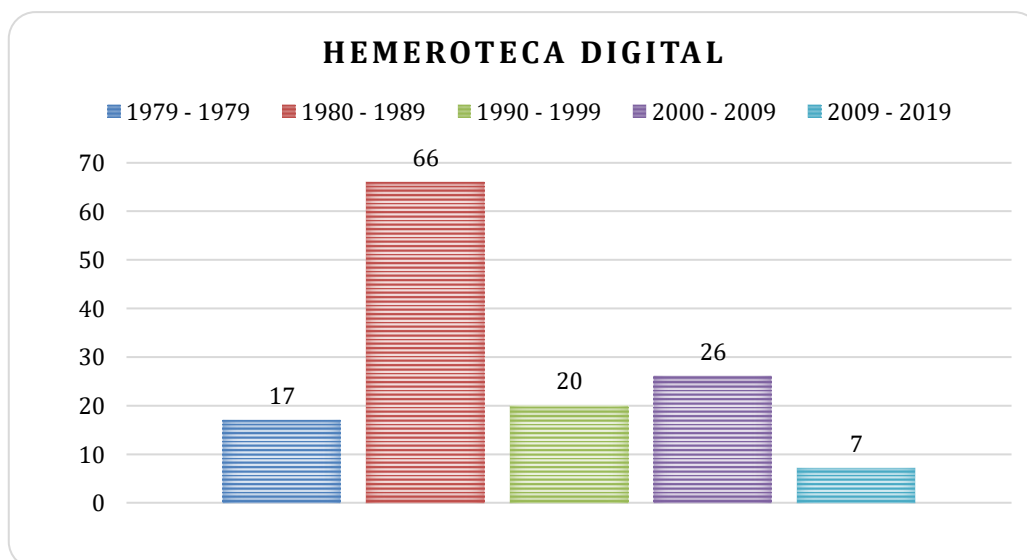
Inicialmente, uma pesquisa documental foi realizada para encontrar dados acerca de torcedoras símbolos em todo país e em diferentes jornais. Ao todo foram encontrados 118 dados em cinco diferentes décadas, dos anos 70 até a metade da década de 2010. O primeiro dado encontrado foi observado em agosto de 1970 no *Diário da Noite* (SP). Já o último dado se deu em março de 2015 por meio do *Jornal do Boqueirão* (SP). Tal pesquisa se deu pelo recurso de busca por palavra-chave, sendo ela “torcedora símbolo”. Os dados identificados são de nove estados do Brasil: São Paulo; Rio de Janeiro; Paraná; Distrito Federal; Pernambuco; Rio Grande do Norte; Mato Grosso; Amazonas; Rio Grande do Sul. E entre os periódicos encontrados, a diversidade regional encontrada pode ser vista no quadro abaixo, distribuídos em ordem alfabética.

Figura 5 - Quadro por periódicos encontrados no portal Hemeroteca Digital por meio do recurso de busca por palavras-chave (torcedora símbolo)

1. A Tribuna (RJ)	9. Diário do Paraná (PR)	17. Jornal do Commercio (RJ)
2. Cidade de Santos (SP)	10. Expresso Popular (SP)	18. Jornal do Dia (MT)
3. Correio Braziliense	11. Jornal de Hoje (RS)	19. Jornal do Hoje (RS)
4. Correio de Notícias (PR)	12. Jornal da Noite (RJ)	20. Jornal dos Sports (RJ)
5. Diário da Noite (SP)	13. Jornal da Orla (SP)	21. Manchete (RJ)
6. Diário da Tarde (RN)	14. Jornal do Boqueirão (SP)	22. O Estado de Florianópolis (SC)
7. Diário de Natal (RN)	15. Jornal do Brasil (RJ)	23. O Fluminense (RJ)
8. Diário de Pernambuco (PE)	16. Jornal do Commercio (AM)	24. Revista Careta (RJ)

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Figura 6 - Dados encontrados sobre torcedoras símbolos no portal Hemeroteca Digital ao longo das décadas por meio do recurso de busca por palavras-chave

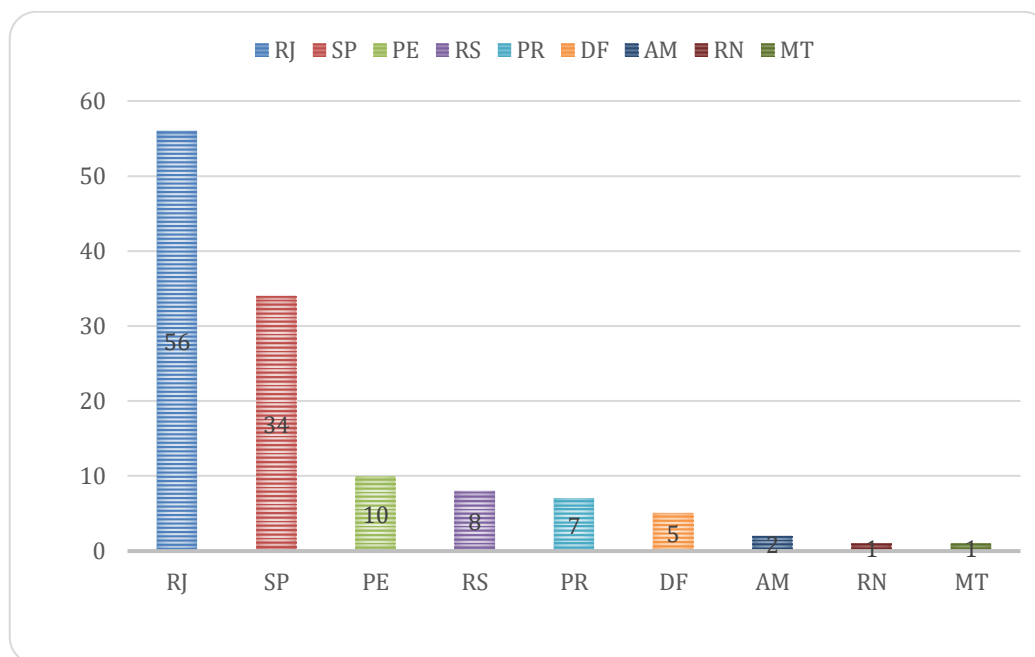


Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A partir dos dados apresentados, é possível compreender que a década de 1980 se configura como o período de maior visibilidade das torcedoras símbolo. Esse destaque pode estar relacionado ao aumento da violência nas arquibancadas, o que teria levado os jornais a explorarem o protagonismo feminino como uma estratégia simbólica para amenizar as problemáticas do ambiente esportivo, projetando uma imagem de “limpeza” e ordem nas arquibancadas. Outro aspecto relevante a ser considerado é que grande parte dos registros encontrados nos jornais referia-se ao falecimento de torcedoras símbolo. Esses anúncios eram frequentemente reproduzidos por diferentes veículos da imprensa esportiva, como

no caso da morte de Dona Elisa, torcedora do Corinthians, em 1987, amplamente noticiada em diversos jornais.

Figura 7 - Localidade dos dados encontrados no portal Hemeroteca Digital



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Ao finalizar essa busca pelas torcedoras símbolos, pesquisas foram realizadas com o propósito de comparação e para conseguir maiores informações sobre a origem da terminologia símbolo nas pesquisas. Além disso, é importante considerar a possibilidade de localizar dados sobre as torcedoras a partir da terminologia no masculino. Para isso, foi pesquisado “torcedor símbolo” no Hemeroteca Digital, buscando compreender sua abrangência desde os primeiros dados e suas aparições recentes.

Inicialmente, os dados se apresentam em maior número quando observada a utilização da terminologia no gênero masculino. Foram localizadas 173 ocorrências em 32 jornais e revistas. A primeira menção remonta à década de 1950, no *Jornal dos Sports*, com o anúncio intitulado “Um símbolo de glória popular”, que apresentava a história de um torcedor. Nesse mesmo período, observa-se uma forte relação com os jogos universitários, demonstrando que o torcer ia além dos grandes clubes tradicionais. Assim como no caso das torcedoras símbolo, a maior parte desses registros concentra-se na década de 1980, com 77 ocorrências identificadas nesse período.

Entre os aspectos que merecem destaque está a forte presença de torcedores símbolos vinculados à Seleção Brasileira. Esses torcedores são frequentemente descritos como fiéis, presentes em todos os momentos e dispostos a fazer grandes sacrifícios em nome de sua paixão, como dirigir por 16 horas para assistir a uma partida. Também foram identificadas matérias que trazem perfis de torcedores específicos, como a publicada em 1976 no *Diário de Natal*, sobre Antônio Mota, criador da Charanga do Mota, do clube Potiguar. Algumas novidades foram observadas nesse cenário, como a presença de torcedores símbolo que atuavam como presidentes de clubes. Além disso, destacam-se concursos promovidos tanto por jornais quanto pelos próprios clubes com o intuito de eleger seus torcedores símbolo, reforçando o caráter institucional e midiático dessa figura. Foi presente também atos em que o próprio clube concede o título de símbolo ao torcedor.

Alguns elementos presentes no caso das torcedoras símbolos também aparecem em representações mais amplas dos torcedores, como a nomeação de pessoas famosas como "símbolos" das torcidas e o noticiário sobre o falecimento de torcedores marcantes. Além disso, são inúmeras as matérias que buscaram retratar os torcedores como inimigos do jogo. Um exemplo é uma reportagem publicada no *Jornal dos Sports*, em 1980, que descrevia os torcedores símbolos como "seres com espíritos diabólicos e sem o mínimo de educação cultural". Em contraponto, no ano seguinte, uma matéria de 1981 lamentava o desaparecimento dessas figuras das arquibancadas.

Em seguida, novos dados foram encontrados a partir da busca focada no estado do Rio de Janeiro, procurando aprofundar a pesquisa na localidade em que mais dados foram encontrados. A escolha desse estado se justifica pelo protagonismo do Rio de Janeiro no desenvolvimento dos esportes no Brasil, além de ter sido a capital federal até 1960 (Melo, 2007). No início do século XX, a cidade contava com uma população de 746.749⁶ habitantes, segundo o recenseamento realizado pelo Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas e divulgado em 1905. Já em 1920, de acordo com um novo censo, esse número havia aumentado para 1.157.873⁷ habitantes, evidenciando o processo de crescimento urbano e populacional no início do século.

⁶ BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Censo de 1905.

⁷ BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Censo de 1920.

Além disso, a cidade passava por um processo de crescimento industrial, o que favorecia o aumento populacional com a chegada constante de trabalhadores oriundos de outras regiões. Esses trabalhadores também podem ser identificados como espectadores de futebol, contribuindo para transformar o esporte em uma prática de lazer e, conseqüentemente, auxiliando em sua popularização (Santos, 2008).

Diante da necessidade de compreender a trajetória do torcer feminino, as novas pesquisas se deram por meio do recurso de busca pela palavra-chave “torcedora”, encontrando assim uma nova gama de dados. A partir de um olhar atento e múltiplo sobre os diferentes periódicos em circulação, foi possível perceber o valor da variedade de representações atribuídas às torcedoras. Essa diversidade serviu de base para a escolha de um jornal que percorresse todos os períodos analisados, permitindo uma abordagem mais contínua e abrangente das formas como essas mulheres foram representadas ao longo do tempo.

Abaixo, estão listados todos os jornais e revistas nos quais os dados foram analisados e catalogados com o intuito de subsidiar este trabalho. Esses periódicos foram localizados por meio do portal Hemeroteca Digital, a partir de buscas filtradas por localidade. A plataforma permite a realização de pesquisas específicas, considerando título do periódico, período e região, o que foi fundamental para a construção do levantamento documental.

Figura 8 - Quadro de jornais cariocas que auxiliaram na compreensão do termo “torcedora”

A Manhã	O Brasil	Crítica	Diário Carioca	Beira-Mar: Copacabana, Ipanema, Leme
A Razão	A Noite	O Malho	Jornal do Brasil	Comedia Jornal de Theatro
Carioca	A Nação	O Globo Sportivo	A Batalha	Arealense
Futuro das Moças	Sports	A Política: O Momento	Lanterna: Diário Vespertino	O Imparcial
Jornal do Commercio: Edição da tarde	Gazeta de Notícias	Correio da Manhã	Jornal do Commercio	Oráculo
O Cartaz	Última Hora	Intervalo	Educação Physica	Vida Carioca
O Cruzeiro	Revista da Semana	O Paiz	O Radical	O Tijucano

O Jornal	Dom Quixote	O Fluminense	A Rua: Semanao Ilustrado	Selecta
Para Todos	Fon Fon	Frou-Frou	Ilustração Moderna	Revista Souza Cruz
Radiolândia	Jornal das Moças: Revista Feminina	Rádio Entrevista	Entre-Rios	Subúrbios em Revista
Revista da Semana	Careta	A Escola Primária	O Tico-Tico: Jornal das Crianças	Sport Ilustrado
Revista do Esporte	Imprensa Popular	Diário de Notícias	Flan: O Jornal da Semana	Manchete
Vida Esportiva: hebdomadario sportivo e mundano	O Imparcial: Diario Ilustrado do Rio de Janeiro	A Luta Democratica: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos homens que não podem lutar	Pranóve: orgão official do PRA 9 Rádio Mayrink Veiga	Gazeta Suburbana: Semanao Critico, Litterario, Noticioso, Dedicado aos interesses da zona suburbana

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A partir da busca pelo termo “torcedoras” em diferentes plataformas digitais de acervo jornalístico, foi possível reunir uma ampla variedade de dados que evidenciam formas diversas de representação dessas mulheres no universo esportivo. As ocorrências encontradas referem-se a figuras identificadas como rainhas, musas, chefes de torcida, entre outras denominações que, embora distintas, compartilham o papel simbólico de representar o clube e sua torcida nos meios de comunicação.

Além das imagens e narrativas atribuídas a essas personagens, os materiais analisados permitiram mapear aspectos importantes para a constituição do corpus empírico, como o clube de pertencimento, o período de visibilidade nos jornais, os contextos em que apareciam (festas, desfiles, entrevistas, campanhas de incentivo, entre outros) e, principalmente, os nomes dessas mulheres. A nomeação, por vezes ausente, mostra-se como um marcador relevante da forma como a mídia esportiva lidou (e ainda lida) com a presença feminina nas arquibancadas, seja destacando, embelezando ou apagando suas histórias.

O levantamento seguiu critérios de inclusão voltados à frequência da aparição, à forma de representação e à identificação textual ou fotográfica dessas torcedoras. Os dados encontrados foram organizados em planilha, possibilitando a

categorização de padrões discursivos e simbólicos, que sustentam as análises desenvolvidas nos capítulos seguintes.

2.1 O JORNAL DO BRASIL

A escolha do *Jornal do Brasil* como principal fonte desta pesquisa fundamenta-se em três aspectos centrais: sua ampla cobertura ao longo de todo o período analisado; sua relevância enquanto veículo tradicional da imprensa carioca; e sua expressiva influência na organização e divulgação de concursos voltados a torcedores. Além disso, trata-se de um jornal que acompanhou e narrou importantes marcos da história política e social brasileira, o que permite observar, em paralelo, as transformações ocorridas nas formas de sociabilidade e participação no campo esportivo. A utilização dessa fonte, portanto, possibilita uma análise mais aprofundada, favorecendo a identificação de padrões discursivos e representacionais atribuídos às torcedoras ao longo do tempo no Rio de Janeiro.

O *Jornal do Brasil* foi criado em abril de 1891 pelo jornalista Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas, e até hoje está em circulação. Foi o primeiro jornal do país a conter ilustrações em suas páginas, sendo muito importante para o avanço tecnológico no meio impresso (Fonseca, 2008). Desde o seu ano de fundação, a coluna "Sport" se dedicou a informar seus leitores sobre o esporte carioca e nacional (Couto, 2011). Contando com diversas seções fixas, chama atenção pelo protagonismo dado ao futebol no início do século XX. Além disso, serviu como porta-voz dos fãs do turfe, incluindo mulheres, e do cricket. A partir de 1910 assumiu uma linha editorial que ajudou a caracterizar como o jornal "populárrimo", tratando de assuntos frequentes no cotidiano da população (Araújo, 2023).

Com edições que giram em torno de 60 páginas, o jornal destacou-se, ao longo de sua trajetória, pela presença de colunistas de reconhecida relevância no cenário cultural e midiático brasileiro, como o cartunista Ziraldo, a escritora Clarice Lispector, a jornalista Hildegard Angel e a atriz Elisa Lucinda. Sua estrutura editorial compreende uma ampla gama de cadernos temáticos de política, economia, internacional, empregos, opinião, cidade, esportes e cultura, o que demonstra uma proposta de cobertura diversificada. Ademais, a publicação inclui expressivo volume de propagandas publicitárias, que se constituem como fontes valiosas para a reconstituição dos hábitos de consumo ao longo das décadas. Em 2010, diante das

transformações provocadas pela digitalização da informação, o jornal descontinuou sua versão impressa, passando a ser veiculado exclusivamente em formato digital.

Para mais, em termos metodológicos, este procedimento foi feito para compreender em que momentos essas torcedoras passam de torcedoras comuns a serem retratadas como torcedoras símbolos. Além de evidenciar a falta desse tratamento para com torcedoras que são símbolos de maior conhecimento nacional, mas que são pouco retratadas pelos periódicos.

Tendo como auxílio a abordagem teórico-metodológica da análise de conteúdo, os dados encontrados na análise documental transcorreram-se pelo tratamento das informações encontradas nas coletas. Sendo de grande valor para a interpretação dos dados e a identificação de discursos recorrentes. Segundo Laurence Bardin, a análise de conteúdo pode ser compreendida como

um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (1977, p.42).

Corroborando essa proposta, como ferramenta de apoio, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com base em produções já feitas sobre os torcedores símbolos do futebol. Tal metodologia se constitui “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (Fonseca, 2002, p. 32). Buscando compreender o que é ser um símbolo do futebol, suas vivências, relações com o esporte e as influências que exerceram durante os seus períodos de atuação nas arquibancadas e dentro das torcidas.

Além de contribuir com o entendimento de suas relações com seus clubes e suas inserções nas arquibancadas. Devido ao fato que algumas das torcedoras símbolos, trabalhadas na pesquisa já faleceram, torna-se importante evidenciar a história e trajetória dessas mulheres enquanto não só torcedoras, mas mulheres que quebraram barreiras e se encontram como influência até os dias de hoje.

Por fim, diante das possibilidades encontradas nas coletas de dados documentais e bibliográficos, algumas torcedoras ganharam maior destaque em virtude da quantidade e da qualidade das informações encontradas, que incluem, entre outros aspectos, imagens e entrevistas. Isso não significa que as demais torcedoras não mereçam destaque, mas sim que sua representação no *Jornal do Brasil* não se deu de forma tão completa.

3 FUTEBOL: A NOVA PAIXÃO DAS MULHERES

A divisão entre o feminino e o masculino atravessa todos os setores da sociedade, e no futebol, inclusive nas arquibancadas, essa lógica também se manifesta. As razões desse preconceito são múltiplas, mas uma delas se apoia no fato de que, historicamente, as mulheres foram vistas apenas como "torcedoras", enquanto o futebol, desde sua chegada ao Brasil, foi construído como uma prática essencialmente masculina (Melo; Lima; Castro, 2019, p. 146).

As relações de gênero nas torcidas de futebol estiveram presentes ao longo de praticamente toda a história do esporte no Brasil, sendo marcadas por configurações sociais que legitimam e sustentam a dominação masculina nesse ambiente. Considerando o gênero como uma forma de dominação simbólica conforme proposto por Bourdieu (2002), é possível compreender que esse domínio dos homens está enraizado nas estruturas das relações sociais mais amplas e, portanto, também se manifesta nas práticas culturais, como o lazer. Assim, o futebol historicamente constituiu-se como um espaço de reprodução de masculinidades hegemônicas.

Entretanto, essa configuração de domínio não impediu a presença feminina: as mulheres passaram a ocupar as arquibancadas e, gradualmente, a redefinir seu papel nesse espaço. Esse movimento ocorreu paralelamente à consolidação do futebol como um símbolo da cultura popular brasileira, inserido em um processo mais amplo de modernização e civilização dos costumes, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Os dados encontrados demonstram que a década de 1920 representou um período de efervescência para a criação de clubes e campeonatos, movimentando o processo de profissionalização do futebol na capital. Segundo Santos (2008, p.133), acerca das competições,

a estrutura adotada pelos campeonatos de futebol no Brasil, no início do século XX, segue a estrutura dos campeonatos dos seus inspiradores, os ingleses. Sistema de promoção e rebaixamento, com os campeonatos separados em divisões mais fortes e fracas. Havendo condições financeiras, podia-se montar um time, pagar para se inscrever na liga que organizava os campeonatos e disputar ano a ano a subida até a divisão principal.

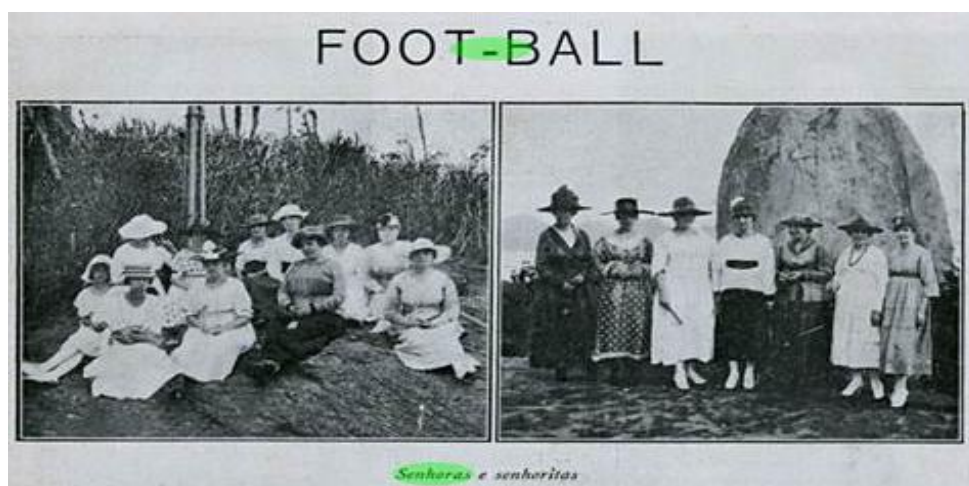
Nesse cenário, “as duas primeiras décadas do século sublinham um novo estilo de vida: pública, coletiva, eufórica e as ofertas de diversão abraçam homens e mulheres, redimensionando seus hábitos e suas práticas cotidianas, acrescidas de inúmeras outras possibilidades” (Goellner, 1998, p. 49). Assim, observa-se a

presença das mulheres nesse período, seja acompanhando maridos e familiares, seja motivada pela busca de pretendentes.

Diversas modalidades, como natação, remo, ciclismo, turfe, tênis, boxe, atletismo e as práticas de ginástica em espaços públicos e escolares, contribuíram significativamente para a consolidação do esporte na vida urbana brasileira, com especial destaque para o futebol (Ribeiro; Montenegro; Soares, 2023). Com lenços que balançavam como forma de expressar alegria e incentivar o clube, as mulheres chamavam a atenção pela animação e elegância. Frequentemente referidas nos jornais da época como "senhoras", "senhorinhas" ou "senhoritas", esses termos reforçam tanto a distinção social quanto os códigos de respeito atribuídos à sua presença nos eventos esportivos.

Representadas pelos jornais da época como importantes ornamentos da sociedade, as senhoritas marcavam presença em partidas de futebol, campeonatos de regatas e os tradicionais domingos de turfe. Nesses espaços de forte sociabilidade, eram descritas como sempre elegantes. Portando salto alto, joias ao pescoço, grandes chapéus e vestidos refinados, essas mulheres eram frequentemente fotografadas ao compor o ideal de feminilidade idealizado pelas elites cariocas. Suas aparições estampavam as páginas dos periódicos, reforçando um lugar social vinculado à aparência e ao status. Algumas dessas representações podem ser observadas nas imagens abaixo, extraídas dos jornais *Revista Careta*, *Fon-Fon* e *Vida Sportiva*, que retratam torcedoras em recortes das décadas de 1910 e 1920.

Figura 9 - Mulheres frequentando partidas de futebol na década de 10



Fonte: *Revista Careta* (RJ), edição nº 0501 (1918).

Figura 10 - Torcedores em um domingo de competições de Regatas



Fonte: revista *Fon-Fon*, edição de nº 34 (1924)

Figura 11 - Recortes da seção Vida Mundana do jornal *Vida Sportiva*



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Acerca da importância das fotografias nos jornais cariocas do início do século XX, em especial na *Revista Careta*, Machado Júnior (2006, p.79) destaca que elas

“imprimiram-se determinados padrões que foram desejados e imaginados como ideais para uma sociedade moderna e de consumo, engajada nas causas nacionais e alinhada à última moda e costumes provenientes da cultura estrangeira”. Nesse contexto, é preciso ressaltar que, embora as imagens evidenciem a presença de mulheres em jogos de futebol, essa representação permaneceu restrita, centrada sobretudo no registro visual. Pouco ou nenhum espaço era dado às suas vozes, experiências ou formas de protagonismo, reforçando um papel simbólico pautado na aparência e na função decorativa que lhes era atribuída.

A representação da torcedora transformou-se ao longo das décadas, sendo caracterizada por Araújo (2022) como múltipla. Esse processo envolveu a inserção feminina em diferentes modalidades esportivas, o fortalecimento de sua presença no futebol e a ampliação da diversidade de mulheres nas arquibancadas. Devido ao seu caráter plural, compreender essas representações torna-se fundamental para alcançar o objetivo de identificar quem são essas torcedoras e como constroem seus pertencimentos nesses espaços. Segundo Kathryn Woodward, sob a perspectiva dos estudos culturais, “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (2014, p. 18). Essa reflexão permite compreender que as representações das torcedoras não são apenas múltiplas, mas também carregadas de significados diversos, atravessados pelas singularidades dos períodos históricos em que foram construídas.

Como citado anteriormente, no início do século XX, era comum que as mulheres fossem apresentadas à sociedade em diferentes eventos com o objetivo de encontrar pretendentes, e o futebol passou a se configurar como um desses espaços (Araújo, 2019). Além disso, a beleza das mulheres que frequentavam os jogos ganhava destaque, sendo frequentemente associada à alegria e ao embelezamento das partidas. Essa percepção, marcada pela valorização da aparência feminina, ainda persiste nos dias atuais, seja em jornais esportivos, seja nas redes sociais. Sua presença, muitas vezes sutil, era atrelada à ideia de elegância e discrição, como destaca a seguinte passagem: “a mulher aparece como um elemento discreto, que dá brilho e orna a festa esportiva” (Neto; Campos; Silva, 2013, p. 4).

Inclusive, segundo relatos, a própria origem do termo torcedor surgiu por meio do cronista esportivo Coelho Neto⁸, em 1920, que buscava retratar essas mulheres, sendo elas identificadas como torcedoras do Fluminense. Segundo Bernardo Buarque de Hollanda, ao discutir sobre as ligações entre o torcer e a assistência do teatro grego,

A palavra torcedor, oriunda do verbo torcer, era consignada pelos cronistas com base em uma observação pitoresca feita nos dias de jogo: em meio aos lances de indefinição e expectativa anteriores ao arremate de um gol, lenços eram torcidos e contorcidos na arquibancada por parte do público feminino presente que, conhecido pela contenção e pela moderação verbal, contrastantes com os gritos, os berros e os impropérios mais permissivos ao público masculino, exprimia de maneira sutil seu sofrimento com as tensões emanadas da partida. Usados pelas mulheres de início para a saudação aos jogadores do time no decorrer do ritual futebolístico – seja a entrada da equipe em campo, seja a comemoração da vitória de sua equipe –, junto às fitas coloridas que serviam de adorno e de distintivo clubístico aos chapéus de cada espectador, a torção de tais adereços passou a simbolizar os gestos de aflição, bem como, os efeitos de contração do corpo a que se submetia de um modo generalizado todo e qualquer torcedor (2009, p.133, grifo nosso).

Apesar da atuação simbólica das mulheres nas arquibancadas, inclusive com influência na criação e popularização do termo “torcida” para designar os espectadores apaixonados por futebol, ao longo das décadas, a figura masculina passou a ocupar a posição central na definição do que se entende por torcedor. Nesse processo, os aspectos associados à feminilidade foram gradativamente interpretados como incompatíveis com o universo esportivo e, conseqüentemente, silenciados (Araújo, 2023).

Conforme apontam Bandeira e Seffner (2018), os estádios de futebol historicamente se constituíram como espaços culturalmente legitimados para a presença masculina, funcionando como ambientes pedagógicos que produzem e reforçam práticas de masculinidade. Por meio de cânticos, xingamentos e performances coletivas, os torcedores internalizam normas de conduta e formas de socialização que contribuem para a construção de uma identidade masculina valorizada nesse contexto. Nesse aspecto, os conhecimentos adquiridos pelas mulheres sobre o futebol, assim como suas formas de torcer, são constantemente colocados em comparação direta com os dos homens, muitas vezes sendo

⁸ Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934) foi um escritor, político e professor. Membro da Academia Brasileira de Letras e detentor do título de Príncipe dos Prosadores Brasileiros. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>. Acesso em: 03 maio. 2024.

desvalorizados ou questionados em função de uma lógica masculina dominante nesse espaço.

Ao longo do tempo, essa manifestação cultural ligada ao futebol foi adquirindo novos significados, tornando-se popular entre diferentes setores da sociedade e ocupando um lugar central no imaginário coletivo brasileiro. Reconhecida como uma prática de lazer, a experiência de torcer passou a influenciar as formas de sociabilidade, promovendo laços afetivos e identitários que se refletem na identificação com os clubes (Campos, 2010). Nesse processo, as formas de torcer das mulheres também passaram a ganhar visibilidade, embora seus conhecimentos sobre o futebol continuem sendo frequentemente colocados em comparação aos dos homens.^b

Dessa forma, o lazer pode ser compreendido como uma prática política, capaz de criar e reafirmar laços sociais, possibilitar o compartilhamento de emoções e fortalecer uma rede de pertencimento construída, entre outros meios, pelo futebol. Nesse contexto, a participação das mulheres exige reafirmações constantes: primeiro, como torcedoras legítimas dentro de um universo historicamente masculinizado; depois, como mulheres, cuja presença e expressão desafiam normas de gênero estabelecidas nesse espaço.

A partir da segunda metade da década de 1930, observa-se uma crescente valorização da presença feminina nas arquibancadas, refletida em sua aparição mais frequente nas páginas dos jornais esportivos (Araújo, 2023). Nesse período, como observado em dados, as mulheres passaram a opinar sobre os rumos de seus clubes, a conceder entrevistas após derrotas e vitórias e a conquistar reconhecimento por meio de concursos. Esse processo de visibilidade crescente também se manifesta nas mudanças vocabulares utilizadas para descrevê-las, com a adoção de expressões como “torcedora de facto”, “destaque”, “líder”, “chefe de torcida” e “não é de tribuna, é da arquibancada”, frases que sinalizam um deslocamento simbólico da figura feminina do espaço passivo de espectadora para um papel mais ativo e legitimado no cenário futebolístico.

Com a popularização do futebol nas primeiras décadas do século XX (Magalhães, 2010), diferentes perfis de público passaram a frequentar os jogos, contribuindo para a democratização do ato de torcer. No que diz respeito às relações entre futebol e lazer, Santos (2008) aponta que, nesse período, o consumo do futebol estava diretamente relacionado à disponibilidade de tempo livre. Segundo o

autor (2008, p. 137), “a demanda individual por esportes depende do tempo disponível do espectador, de sua situação econômica, do preço dos ingressos e de sua predileção por este ou aquele esporte”.

Esse cenário foi sendo possibilitado por transformações sociais iniciadas ainda no final do século XIX, como o fim da escravidão e o aumento significativo da imigração, que contribuíram para a formação de uma numerosa classe trabalhadora nos centros urbanos (Pereira, 2000). O crescimento industrial e o desenvolvimento das principais cidades brasileiras criaram condições para o surgimento de um público potencialmente consumidor de espetáculos esportivos, público esse que, nas décadas seguintes, passaria a dispor de mais tempo livre para o lazer, incluindo o futebol.

Esse fenômeno foi influenciado por mudanças culturais e políticas da época, marcadas pelo avanço da independência feminina, impulsionada pelo movimento feminista e pela recente conquista do direito ao voto pelas mulheres (Holanda; Santos Neta; Paiva, 2023). O estilo das torcedoras também passou por mudanças significativas. Das mulheres que usavam longos e elegantes vestidos, popularizou-se o uso de calça e roupas mais confortáveis, refletindo as transformações nos valores sociais ao longo dos anos. Sobre isso, um colunista da revista *Manchete*, na matéria “Futebol: a nova paixão das mulheres”, em 1969, destacou o uso de calça comprida como fator que estimulou o crescimento da presença feminina nos jogos. A associação do torcer feminino com a ideia de novidade expressa-se em diversas edições de diferentes períodos. Tal construção reforça que, embora as mulheres estejam presentes nas tribunas e arquibancadas desde muito cedo, ainda são vistas como sujeitos em processo de conquista de um espaço que historicamente não lhes foi reconhecido.

A matéria em questão trazia o seguinte anúncio: *“Elas não apareciam nos estádios. Mas, nos últimos tempos, voltaram em massa a desfilar nas arquibancadas, roendo as unhas por seus clubes e aplaudindo os jogadores mais bonitos”* (Manchete, edição nº 899, 1969). Apesar de reconhecer a maior presença das mulheres nos jogos, o texto reforça questões de beleza e machismo, ao associar o interesse feminino no futebol à aparência dos jogadores.

Figura 12 - Trecho da matéria “Futebol: a nova paixão das mulheres”



Fonte: Manchete, edição nº 899 (1969)

Entre as transformações observadas, os agrupamentos de torcedoras passaram a chamar atenção pela forte presença nos jogos e pela animação nas arquibancadas. Algumas dessas mulheres foram, inclusive, comparadas à famosa Charanga Rubro-Negra, considerada por muitos como a primeira torcida organizada do Brasil. Ao ampliar sua presença nesses espaços, as torcedoras romperam com os estereótipos de passividade que historicamente lhes foram atribuídos, assumindo papéis ativos na construção do torcer.

Muitas passaram a se destacar liderando torcidas, organizando abaixo-assinados, cobrando dirigentes, acompanhando seus clubes em partidas internacionais e puxando cânticos durante os jogos. Toda essa atuação foi amplamente retratada por jornais e revistas da época, evidenciando o protagonismo feminino no universo esportivo. Nesse contexto, Melo (2007, p.128) afirma, “as peculiaridades do envolvimento de mulheres em um espaço que originalmente foi majoritariamente concebido como território masculino, em grande medida refletem as lutas e reivindicações femininas por reconhecimento de sua possibilidade ampla de participação social”.

Diante desse pioneirismo, algumas torcedoras se destacaram, passando a representar os demais torcedores. Com apelidos como “veterana”, “avó”, “dona”, “a mais antiga torcedora”, “histórica” e “velha guarda”, elas foram retratadas de maneira afetiva, destacando o fator geracional como um ponto-chave na compreensão da figura dos torcedores símbolos. Para os jornais da época, apenas aqueles com anos

de trajetória reconhecidos como um “belo símbolo” ou “torcedora nº 1”, como apontado na edição nº 104 da *Manchete Esportiva*, publicada em 16 de fevereiro de 1957.

Esse processo ocorreu de forma gradual e será analisado ao longo deste trabalho. É fundamental evidenciar a relevância de compreender a trajetória das torcedoras como uma via de acesso à análise das representações de gênero no futebol, bem como à compreensão de como os concursos de torcedores refletem valores sociais e culturais, tensionando os papéis tradicionais atribuídos às mulheres. Essas torcedoras enfrentam e superam os estranhamentos associados à sua presença nas arquibancadas, espaço onde o torcer feminino é frequentemente deslegitimado, não sendo reconhecidas como torcedoras autênticas (Costa, 2006).

No fim do século XX, as competições envolvendo torcedores voltaram a refletir um padrão observado no início do século: a valorização da beleza das torcedoras. Mulheres cada vez mais sexualizadas passaram a ser representadas em jornais e na televisão, reforçando estereótipos e padrões de comportamento. Mais uma vez, as mulheres foram colocadas como autoras do embelezamento do futebol, relegando seu papel de torcedoras a uma função estética. Muitas de suas aparições na imprensa assemelhavam-se a verdadeiros ensaios de moda, com destaque para os trajes, os gestos e os comportamentos, compondo uma imagem que mesclava feminilidade e sofisticação, conforme se observa na figura a seguir.

Figura 13 - Representação torcedora nos anos 90 na Manchete



Fonte: Manchete, edições nº 2152 e 2383.

Por fim, embora nem todos os jornais citados neste capítulo sejam utilizados como fontes principais, é importante ressaltar o valor de cada um para a análise da trajetória dos termos “torcedora” e “torcedora símbolo” e sua evolução ao longo do tempo. Mesmo quando mencionados de forma pontual, esses periódicos contribuem para a compreensão das nuances discursivas, das mudanças de linguagem e das representações sociais atribuídas às mulheres torcedoras ao longo do tempo. A diversidade de abordagens, estilos editoriais e contextos históricos presentes nesses veículos enriquece a análise e possibilita uma leitura mais ampla e crítica das transformações simbólicas que atravessam o campo esportivo e o gênero.

3.1 SENHORINHAS, MADEMOISELLES, RAINHAS E SÍMBOLOS

Falar sobre o futebol no Brasil é, inevitavelmente, falar sobre os torcedores e torcedoras que tanto contribuem para a construção da história do esporte mais popular do mundo. Nessa perspectiva, como afirma Ramos (2022, p. 25), “a História pode construir balanços das experiências já realizadas, abrir novas perspectivas e incitar provocações sobre quais os destinos das trilhas que seguimos na atualidade”.

Recebendo diferentes nomes ao longo dos anos, a participação de torcedores na história do futebol destaca o protagonismo de mulheres que buscavam torcer pelo clube de seu coração. Algo semelhante foi observado com a presença frequente de mulheres nas tribunas de turfe, animando e torcendo pelos cavalos escolhidos. A animação foi tamanha que éguas chegaram a ser batizadas com o nome de “torcedora”, como registrado em diversas edições do jornal *O Imparcial* durante a década de 20.

Portanto, ao abordar a história de mulheres torcedoras é de grande importância que este trabalho comece pelo início do século XX, período em que o futebol ganhava destaque nos bairros do Rio de Janeiro. Nesse contexto, a mídia pode ser compreendida como uma das engrenagens centrais da modernidade, funcionando como uma máquina de informações que opera segundo interesses econômicos, tecnológicos e simbólicos, produzindo imagens fragmentadas da realidade conforme a lógica desses interesses (Azevedo, 2024).

Ao explorar a construção do conceito de torcedora símbolo, será possível contribuir para a escassa conceitualização do termo, já presente em alguns trabalhos realizados. O diferencial deste trabalho está na tentativa de compreender em que momento as torcedoras começaram a ser retratadas como símbolos e

quando a exaltação de sua beleza deu lugar à valorização do seu torcer nas arquibancadas. Esse processo foi gradual e suscitou diferentes discussões, permeadas por marcadores sociais. Assim, é essencial analisar os periódicos sob a ótica da época, mas também problematizá-los, considerando os preconceitos e desigualdades presentes.

Diante de um esporte inicialmente praticado majoritariamente pela elite carioca, as mulheres passaram a frequentar as arquibancadas e os arredores dos clubes de forma tímida. Sua presença nos jogos era frequentemente associada à beleza e à elegância, sendo vista com bons olhos por supostamente embelezarem as partidas e servirem de inspiração para os jogadores. Essa caracterização não se limitava aos discursos da época, mas também se expressava nas fotografias publicadas, que destacavam traços estéticos das torcedoras, geralmente acompanhadas de elogios à sua aparência.

Acerca do perfil dos frequentadores dos esportes naquele período, Bonfim (2023) destaca características econômicas que faziam com que uma mulher fosse reconhecida como torcedora.

No caso do futebol, para associar-se, ou seja, fazer verdadeiramente parte de um clube esportivo e frequentar as arquibancadas, era exigido, além de uma permissão estatutária concedida pelos membros antigos, uma condição social distinta. Fazia-se necessário assumir o pagamento de mensalidades e de uma jóia inicial para tornar-se sócio. O futebol forjava-se como uma atividade extremamente elitista e organizada praticamente por homens. (Bonfim, 2023, p.31).

Além disso, era comum que os sócios dos clubes esportivos tivessem conhecimento do inglês, já que grande parte do vocabulário associado ao futebol era oriunda dessa língua. Para aqueles que se aventuravam nos gramados, era preciso também investir em artigos importados, como a bola e o uniforme, o que reforçava o caráter elitizado da prática (Silva, 2010). Como afirma Silva em *A mulher nos estádios: das plumas ao disfarce*, “o futebol no início do século era pra quem podia pagar. Tanto para jogar quanto para assistir” (2010, p. 51).

Ao analisar a trajetória do ato de torcer, especialmente no contexto das torcidas uniformizadas e organizadas, a autora Elisabeth Silva (2010) destaca que a presença das mulheres, nos tempos atuais, ainda é atravessada por tensões de gênero. Inseridas em um ambiente historicamente dominado por práticas e valores masculinos, muitas torcedoras sentem-se compelidas a “disfarçar o feminino”, seja por meio da adoção de comportamentos considerados neutros, seja por meio da

masculinização de sua performance corporal e verbal, como estratégia de adequação e aceitação dentro do grupo. Segundo a autora, esse processo remonta à década de 1960, período marcado por diversas transformações culturais nos comportamentos sociais. Entre essas mudanças, destacam-se “o predomínio do *blue jeans*, das roupas unissex e certa juvenilização que fez com que as diferenças na aparência de homens e mulheres jovens fossem minimizadas” (Silva, 2010, p. 58).

À medida que as transformações sociais e culturais avançaram ao longo dos anos, tornou-se possível compreender as mudanças no significado de ser uma torcedora, bem como as peculiaridades que envolvem o ato de torcer do ponto de vista feminino. As diferentes formas como elas são retratadas revelam os perfis dos jornais e seus estilos jornalísticos, considerando aspectos como estrutura, anúncios e a maneira em que as mulheres são abordadas no geral. Sobre a importância dos jornais, segundo Souza e Knijnik (2007, p.36):

ao produzir imagens de todos os tipos - fotografias, anedotas, textos, entre outras - a mídia fortalece o que se chama de imaginário social coletivo - isto é, as representações que grupos sociais fazem de determinados eventos e personagens, os mitos e “idéias gerais” que nem sempre coincidem com a verdade, mas que são as versões mais difundidas.

No que se refere aos dados encontrados sobre as torcedoras, observa-se que a maior parte delas foi localizada nas seções esportivas dos jornais, especialmente naquelas voltadas à cobertura do futebol. Identificaram-se, ainda, registros em colunas sociais, que se dedicavam a retratar aspectos da vida social das mulheres cariocas, seus festejos de fim de semana e o envolvimento com as torcidas.

Aprofundando a discussão sobre torcedoras, foram encontrados dados que permitiram dividi-los em diferentes temáticas: comemorações (nascimento, aniversários e casamentos), festividades, significado do termo “torcer”, escalação do time, palpites, elogios, beleza, violência, entrevistas, rivalidade, liderança, romance, humor, saúde, vida de torcedora, torcida feminina, crônicas, duelos de torcidas e homenagens.

Esses registros, entre outros, contribuem para traçar a trajetória do torcer feminino no Brasil, ao revelar a presença de torcedoras até então invisibilizadas e evidenciar as transformações no modo como o esporte passou a ser apropriado e vivido por mulheres. A análise dessas representações permite compreender como o futebol, tradicionalmente masculinizado, foi sendo tensionado por presenças femininas que, apesar das limitações impostas pelos discursos da época, inscreveram suas formas de torcer na história do esporte nacional.

O primeiro registro encontrado de uma torcedora foi no ano de 1912, na edição de nº 742 *Jornal do Commercio*. Neste ano, uma leitora respondeu uma enquete sobre “quais os sports que convém a cultura physica brasileira”, citando o futebol. Ela foi uma das poucas mulheres a participar da seção de esporte daquela edição. A relação das mulheres com os esportes, nesse período, estava associada a outras modalidades, especialmente o turfe, considerado o primeiro esporte organizado no Rio de Janeiro (Melo, 2007). Nesse esporte as mulheres já participavam há décadas, logo, “é importante registrar que desde o início encontramos a possibilidade de envolvimento feminino no âmbito da prática esportiva” (Melo, 2007, p.132). Acerca dos aspectos que cerceiam o turfe,

O espaço para a realização das provas turfistas carregava as características da distinção social a partir dos valores dos ingressos, os mais caros, destinados à elite, davam acesso a lugares mais confortáveis. O turfe inaugura uma prática relevante para o modo de torcer do futebol, a associação aos clubes esportivos. Essa prática permite que membros da alta sociedade tenha privilégios e suas esposas e filhas frequentem às instalações das agremiações (Araújo, 2023, p.42).

Com o passar dos anos, a representação das mulheres torcedoras foi ganhando força e assumindo diferentes formas no meio impresso. Esse aspecto pode ser observado nos adjetivos utilizados para descrevê-las, que variam de acordo com os perfis dos jornais e o período em que eles foram publicados.

Figura 14 - Nuvem de palavras com as palavras mais frequentes na representação das torcedoras (1910-1999)



As palavras acima tendem a retratar apenas um tipo específico de mulher: branca e pertencente à elite. Dessa forma, a população pobre e negra não se encaixava nas caracterizações de “ardorosa” ou “interessantíssima”. Segundo Araújo (2023, p. 53), “a população pobre e subalterna fazia parte de uma memória colonial escravocrata oculta nesse discurso, porquanto deveria ser alijada da modernidade urbana com inspirações francesas da República”. Além disso, esse grupo não frequentava assiduamente os eventos esportivos da época, principal foco dos jornais e importante evento social daquele período.

Nesse contexto, alguns periódicos se destacam, como a revista *Fon-Fon!*, criada em 1907 e encerrada em 1945. Uma das principais revistas ilustradas do período, retratava a vida privada dos cariocas, seus comportamentos, estilos e cotidianos (Zanon, 2007). Com tom cômico, a revista noticiava os acontecimentos do país, fossem eles políticos ou ligados ao entretenimento. Ao retratar a Belle Époque, evidenciava o caráter europeizado da cidade e como essa influência se estendia a diversos setores, inclusive aos esportes e as festas esportivas.

. As festividades eram inúmeras, mas algumas se destacaram pela frequente presença das torcedoras. Entre elas, podemos citar os chás dançantes promovidos pelos clubes de futebol, remo e jóquei, descritos como “ocasiões dedicadas às danças em que chás e finos biscoitos eram servidos as pessoas presentes” (Silva, 2020, p. 8). Tal aspecto pode observado no dado abaixo, trata-se de um chá dançante oferecido pelas torcedoras do America aos jogadores do clube.

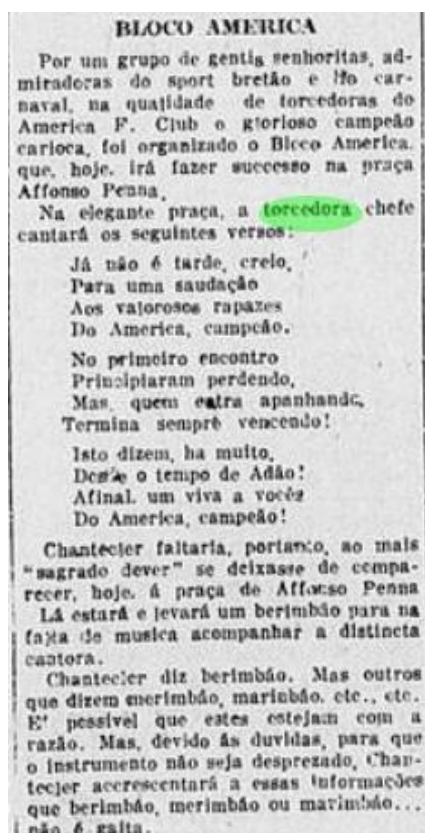
Figura 15 - Chá dançante das torcedoras do America



Fonte: revista *Careta*, edição nº 429 (1916).

Além disso, havia chás realizados para as comemorações de aniversários. Outra celebração frequente eram os aniversários de fundação dos clubes, bem como as premiações realizadas no final dos semestres. Bailes também marcaram presença nessa análise, sendo eventos muito frequentados por torcedores e torcedoras. Sobre o perfil dos frequentadores desse ambiente, destaca-se a presença das “famílias aristocratas de atletas, associados dos clubes, apostadores e entusiastas das diversões compuseram o público inicial dessas festas” (Bonfim, 2023, p.45). Observou-se ainda o comparecimento frequente de torcedoras em teatros, concertos, eventos de declamação de poemas e blocos de carnaval, evidenciando o movimento cultural daquela época. Essa proximidade é explicada devido ao fato de grande parte das atividades sociais da época serem realizadas nos salões dos clubes esportivos (Araújo, 2023, p.55).

Figura 16 - Anúncio do Bloco America no carnaval de 1917



Fonte: O Imparcial, edição nº 1491 (1917).

O recorte acima relata a organização do Bloco America por “um grupo de gentis senhoritas”, que se identificam como torcedoras do America Football Club. Aqui, observa-se um exemplo concreto de atuação pública feminina, em que mulheres se colocam como protagonistas tanto no apoio ao clube quanto na criação

de uma manifestação cultural (o bloco carnavalesco). Esse protagonismo é ainda mais evidente na figura da "torcedora chefe", que lidera a performance poética.

O episódio narrado ocorre na praça Affonso Pena durante o carnaval, e mistura referências ao futebol (campeonato, jogadores, mascote do clube) com a festividade carnavalesca (versos, sátira, música). Essa fusão de linguagens é típica da cultura urbana carioca do início do século XX, mas ganha aqui uma nuance de gênero: são mulheres que assumem o papel tradicionalmente masculino de celebrar publicamente o time, ao mesmo tempo em que o fazem de maneira poética e teatral.

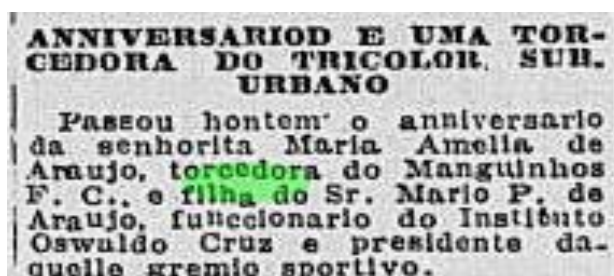
As mulheres retratadas nessas festividades eram, em maioria, mulheres brancas da classe média carioca, pertencentes a famílias tradicionais. Esse perfil é reforçado pelos jornais, que frequentemente descreviam as torcedoras com expressões como: "magnifico perfil da elite", "um dos mais finos e bellos perfis da nossa sociedade", "portadora de um vasto círculo de relações, dotes moraes e intelectuais" e "um dos mais preciosos ornamentos do nosso "set". Em seguida, era comum os jornais destacarem quem era o pai ou a mãe da torcedora e em qual bairro ela residia. Nesse ambiente, "o modo de torcer refletia o elitismo no qual o futebol estava inserido" (Araújo, 2023, p.17).

Além disso, sobre a construção social da memória e da representação do feminino, segundo Rocha e Bon (2020, p.108),

ao enquadrar o feminino, enquadram também uma memória projetada e fabricada como representação de tipos específicos dentro de uma sociedade, em uma tensão entre fala e silêncio. Essa tensão reflete uma disputa de poder e, sobretudo, uma disputa de discurso, editado e construído como história a ser contada.

Esse padrão pode ser observado na imagem abaixo, que apresenta o anúncio de aniversário de uma torcedora no *Jornal do Brasil* em 1921. Assim, o jornal, ao enfatizar a relação familiar, contribui para enquadrar a identidade esportiva da torcedora como uma extensão das relações familiares e não como uma escolha ou prática autônoma.

Figura 17 - Anúncio do aniversário de uma torcedora em 1921



Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 5 (1921)

Um ponto que merece destaque são os festivais promovidos pelos clubes, realizados em datas importantes para a instituição, como aniversário de fundação, conquista de títulos ou homenagens a figuras importantes. Nesses eventos, diversas provas ocorriam ao longo do dia, incluindo competições destinadas às torcedoras, como a “corrida de moças”, “corrida de agulhas”, “corrida de sacos”, “corrida do ovo na colher” e “prova de bambolê”, destacando a variedade das atividades que ocorriam nessas festividades. Os vencedores dessas provas recebiam prêmios variados, como perfumes, medalhas, dinheiro e roupas. Ademais, havia o prestígio de ter suas fotografias publicadas nos jornais.

Figura 18 - Fotografias da festividade “Dia da torcedora vascaína”



Fonte: revista Careta, edição nº 1453 (1936).

O dado acima apresenta as celebrações que marcaram o dia da torcedora vascaína, ocorrido no ano de 1936. Através de suas páginas, a revista *Careta*, importante periódico criado em 1908 e publicado semanalmente aos sábados, noticiava a participação feminina em eventos esportivos (Voks, 2012). Em uma de suas edições, anuncia que “senhoritas tomaram parte nas provas esportivas”, destacando a presença de mulheres em competições diversas, como a corrida com ovo na colher (representada na segunda imagem). Esse festival ocorreu no estádio do clube, São Januário, que estava quase comemorando 10 anos de inauguração. Esses dados evidenciam a participação feminina nas celebrações do clube, sejam elas chá dançantes ou festivais.

Segundo Bonfim (2023, p.43), acerca das festas esportivas, “para além da competição esportiva, central na propaganda daquela festividade, tais eventos tinham como intuito a promoção social e o convívio público através dos encontros esportivos”. Dessa forma, os encontros esportivos podem ser compreendidos como uma oportunidade para as mulheres conhecerem o mundo, ocuparem novos espaços e ampliarem suas redes de sociabilidade.

Outro momento de grande mobilização entre os torcedores era representado pelos concursos, eventos de significativa relevância para esta pesquisa. Por sua importância, essas práticas serão analisadas de forma mais aprofundada em um capítulo exclusivo. Presentes em todos os períodos analisados, essas competições surgiram inicialmente com o objetivo de celebrar a beleza, por meio de concursos como “a mais bela torcedora”, “a mais sympathica” e “a mais formosa”, realizados entre as décadas de 1910 e 1940. Esses concursos contavam com o apoio de patrocinadores, que premiavam as vencedoras com seus produtos.

Posteriormente, surgiram concursos que buscavam eleger rainha, como “Rainha do Benfica”, “Rainha dos Sports Suburbanos”, “Rainha dos Torcedores” e “Rainha dos Jornaleiros”. Além disso, havia a competição para descobrir a “miss dos sports”, que mantinha uma forte relação com os concursos de beleza. Outras disputas envolviam torcedores homens, jogadores e clubes, incluindo a eleição do “melhor torcedor”, aquele que promovia a festa mais animada nas arquibancadas (Souza, 2020).

Sobre a participação das mulheres nos concursos, Bonfim (2023) destaca aqueles realizados pelo Jornal dos Sports, um dos pioneiros na realização dos concursos esportivos e em sua ampliação para o público suburbano.

o público feminino não só participava dos concursos de Rainha do Sport, mas atuava ativamente nos “bolos esportivos” que apuraram os nomes do melhor jogador ou equipe de futebol da época. **Entre 1937, por exemplo, o mesmo jornal já contava com a participação de mais de 50% dos cupons assinados por mulheres** (Bonfim, 2023, p.211, grifo nosso).

A participação de mulheres torcedoras nesses concursos é um elemento de grande importância para compreender e analisar sua presença nas arquibancadas ao longo dos anos. Ao ocuparem espaços tidos como masculinos, são reconhecidas por outros torcedores como uma figura de grande influência entre os seus demais. Ao acessarem esses novos territórios, são gradualmente colocadas em pé de igualdade com os demais torcedores, desafiando fronteiras simbólicas de gênero.

No entanto, as torcedoras não eram retratadas apenas de forma positiva. Algumas matérias recorriam ao humor para ridicularizá-las, apresentando-as de forma animalesca. Esses casos eram encontrados em seções de humor, caricaturas e reportagens, como a “A força do sexo fraco”, publicada no jornal *O Imparcial* em 1927. Outro ponto frequente eram as críticas à presença feminina nos jogos, com colunistas (todos homens) afirmando que bola é coisa dos homens e o torcer também.

Em outros momentos, as mulheres torcedoras são reduzidas a um suposto interesse amoroso pelos jogadores, o que limita e deslegitima sua presença nas arquibancadas. Comentários sobre o modo como se vestem, muitas vezes destacando o fato de estarem “arrumadas demais”, são usados como piada, inclusive como estratégia para desestabilizar emocionalmente os jogadores adversários.

Além disso, as mulheres enfrentavam processos de apagamento e exclusão em diferentes espaços de representação da cultura esportiva. Um exemplo disso foi o concurso “Melhor Torcedor”, promovido pelo *Jornal dos Sports* em 1956, que considerava apenas as experiências, os dramas e as emoções vividas pelos homens nas arquibancadas. Essa exclusão ultrapassa os limites da imprensa esportiva e podia ser observada também em outras manifestações culturais, como no teatro, a exemplo da peça de humor “A Torcedora do Vasco”, amplamente divulgada na década de 1920, que ridicularizava a figura da mulher torcedora, reforçando estereótipos de histeria e exagero emocional.

Pensando em termos mais atuais, em 2018 foi ao ar um quadro na emissora Bandeirantes de Goiás, intitulado “Desafio das Musas”, exibido no programa *Os Donos da Bola*. Nele, torcedoras eram submetidas a perguntas de conotação sexual,

sob o pretexto de humor, sendo expostas a situações constrangedoras. A repercussão negativa nas redes sociais, marcada por críticas ao conteúdo machista do programa, levou à retirada do quadro do ar⁹. Esse episódio evidencia que, apesar dos avanços na participação das mulheres no universo do futebol, ainda há um longo caminho a ser percorrido. As torcedoras continuam sendo, em muitos contextos, tratadas como adereços ou artefatos que embelezam o espetáculo, tendo sua legitimidade como agentes ativos e conhecedores do jogo frequentemente colocada em questão.

A seguir, no próximo capítulo, será feito um aprofundamento na análise das torcedoras nos jornais, ampliando as discussões e valorizando a importância dessas figuras no cenário esportivo e midiático.

⁹ Cardim. Maria Eduarda. Após ofender musa do Goiás com perguntas sexuais, emissora exclui programa. **Correio Braziliense**, 22 fev. 2018. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/musa-goias-programa-donos-da-bola/>. Acesso em: 02 jun. 2025.

4 ENTRE PERIÓDICOS E REPRESENTAÇÕES: A MULHER TORCEDORA NA IMPRENSA ESPORTIVA

No segundo momento de coleta foi realizada uma pesquisa na representação das torcedoras no *Jornal do Brasil*, buscando analisar toda a trajetória até o surgimento da figura símbolo. Ao todo, 908 ocorrências foram encontradas nas fontes entre o período de 1900-1999, onde a palavra-chave “torcedora” foi utilizada como ferramenta. Apesar da pesquisa ter sido focada em “torcedora”, muitas delas já foram identificadas como símbolos nos dados encontrados.

Figura 19 - Número de ocorrências “torcedora” no Jornal do Brasil

Anos	Número de ocorrências
1900-1910	1
1910-1919	5
1920-1929	163
1930-1939	27
1940-1949	1
1950-1959	28
1960-1969	66
1970-1979	126
1980-1989	305
1990-1999	318

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O reduzido número de torcedoras retratadas na década de 1900 não deve ser interpretado como indicativo de sua ausência nos estádios ou no universo futebolístico, mas, antes, como reflexo da incipiente presença do futebol na cobertura jornalística carioca do período. À época, o esporte ainda disputava espaço com outras modalidades, ocupando uma posição inferior nas páginas dos jornais, o que influenciava diretamente a visibilidade das práticas e sujeitos a ele associados. Tal aspecto deve ser considerado também em outras décadas em que se observa queda nos registros. Além disso, soma-se o fato de que o termo *torcedora* passou a ser utilizado apenas a partir de 1910. Assim, é possível que as mulheres que acompanhavam os jogos anteriormente tenham sido designadas por outras denominações, que não enfatizavam diretamente o ato de torcer.

Nota-se um grande crescimento entre a década de 20. Entre as possíveis explicações para esse avanço, destaca-se a modernização da imprensa, impulsionada pelas inovações culturais e artísticas do movimento modernista (Almeida, 2025). Esse contexto contribuiu para transformações nos comportamentos

sociais e na forma como os jornais passaram a selecionar e apresentar seus conteúdos.

Além do mais, a partir da primeira década do século XX, a popularização do futebol levou à criação de clubes populares e de fábrica, em contraste com a exclusividade dos clubes da elite (Pinto, 2022). Ampliando o número de torcedoras no território carioca, que passaram a ser retratadas com mais frequência pela imprensa.

Outro desvio de padrão foi identificado na década de 1940, período para o qual apenas um registro foi localizado. Essa queda também se repete nos dados relativos aos torcedores homens. Algumas hipóteses podem ser levantadas para compreender essa diminuição. No Brasil, trata-se do período do Estado Novo, regime ditatorial liderado por Getúlio Vargas entre 1937 e 1945, quando o futebol avançava em seu processo de profissionalização (Negreiros, 2003). Nesse contexto, observava-se uma mudança no perfil social dos praticantes e torcedores, com o progressivo afastamento das elites e a crescente presença dos setores populares. Como aponta Negreiros (2003, p.123),

ao mesmo tempo em que o futebol foi perdendo seu caráter branco e elitista, veio o seu desprestígio social. A essas elites só restou desdenhá-lo como uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo. Em última análise, demonstrava-se a incapacidade de o futebol estar nas mãos dos setores populares.

Diante de tais transformações no perfil social dos sujeitos que vivenciavam o futebol, é possível presumir que esse processo esteja relacionado à diminuição dos registros encontrados sobre torcedoras e torcedores no período.

Para fins comparativos, é possível observar a quantidade de ocorrências das palavras “torcedor” e “torcedora” no *Jornal do Brasil* ao longo da primeira metade do século XX. O termo “torcedor” aparece 216 vezes, enquanto “torcedora” surge em apenas 197 ocorrências. Na segunda metade do decênio, esse número cresce expressivamente, chegando a 16.368 ocorrências sobre os torcedores. Embora o masculino tenha uma grande predominância, é importante destacar que “torcedor” pode ser usado de forma genérica, englobando tanto homens quanto mulheres. Nesse sentido, o número elevado de ocorrências específicas de “torcedora” revela não apenas a presença feminina no universo do torcer, mas também uma visibilidade nominal que desafia a ideia de exclusividade masculina nas práticas

torcedoras. Tal dado reforça a importância das mulheres nesse espaço, tornando-as sujeitos nomeados e reconhecidos nas páginas da imprensa esportiva da época.

Figura 20 - Número de ocorrências “torcedor” no Jornal do Brasil

Anos	Número de ocorrências
1900-1910	1
1910-1919	12
1920-1929	74
1930-1939	85
1940-1949	32
1950-1959	352
1960-1969	1406
1970-1979	3696
1980-1989	5231
1990-1999	5683

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Ao todo, 27 clubes foram mencionados a partir da citação a suas torcedoras, representando agremiações de diferentes regiões da capital carioca. Esse dado evidencia a ampla disseminação e popularização do futebol por toda a cidade, revelando que a prática de torcer, especialmente entre as mulheres, não se restringia a determinados bairros ou classes sociais. Abaixo, estão listados todos os clubes que marcaram presença nesta etapa da coleta.

Figura 21 - Clube das torcedoras citadas no Jornal do Brasil

Vasco da Gama	Bangu	São Cristóvão	Campo Grande
Flamengo	Botafogo	Luzitano	America
Flora	Irajá	Sport Club 24 de Maio	Helios
Manguinhos	Tupy	Real Grandeza	Preto e Branco
Sampaio	Municipal	Bruxelas	Carioca
Camponez	Itamaraty	Bonsucesso	Fluminense
Madureira	Olaria	Portuguesa	Mackenzie
Paissandu	Guanabara	Pavunense	Boqueirão do Passeio
Paulistano	Tijuca	Vila Isabel	Laranjeiras
Canto do Rio	Palmeiras/RJ	Rio de Janeiro	Atlas
Americano	Brasil	Audax Club	Eclair
Lapa Futebol Club	Inhaumense	Cascadura	União de Marechal Hermes
Riachuelo	Santa Cruz	Ramos	São Paulo-Rio
Andarahy	Ypiranga	Progresso	Serrano
Rio Cricket	Resende	Marqueza	Cocotá
Boa Esperança	Boa Noite	Del Castilho	Modesto
Abolição	Benfica	River	Piedade

Dramático	Íris	Recreio dos Bandeirantes	Santa Heloisa
Cruzada do Leme	Entrerriense		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação à divisão geográfica dos clubes, é fundamental, primeiramente, considerar a própria distribuição espacial da cidade. A divisão do município do Rio de Janeiro está organizada em Áreas de Planejamento (APs), que correspondem às chamadas zonas: Zona Norte, Zona Sul, Zona Central e Zona Oeste. Essa estruturação foi implementada oficialmente em 1976, por meio do Decreto nº 322, como parte do processo de reordenamento administrativo e urbano da cidade após a transferência da capital federal para Brasília, em 1960.

Anteriormente a este período, a divisão da cidade se dava por meio das freguesias urbanas e suburbanas. E em 1937 existiu o primeiro zoneamento da cidade em cinco zonas: Zona Comercial, Portuária, Residencial, Industrial e Rural e Agrícola (Mattos, 2022). Posteriormente, essa divisão foi consolidada e normatizada por documentos legais, como a Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro, promulgada em 1990, que reforçou a organização administrativa por Regiões Administrativas dentro das Áreas de Planejamento.

Entre os clubes com dados encontrados, a Zona Norte destaca-se com 29 clubes localizados nesta região. Suas localizações se fazem distribuídas em diversos bairros, são eles: Vasco da Gama (Vasco da Gama), São Cristóvão (São Cristóvão e Palmeiras), Tijuca (America, Tijuca e Atlas), Irajá (Irajá), Engenho Novo (24 de Maio), Bonsucesso (Bonsucesso), Madureira (Madureira), Olaria (Olaria), Portuguesa (Portuguesa), Méier (Mackenzie), Pavuna (Pavunense), Vila Isabel (Vila Isabel), Cascadura (Cascadura), Inhaúma (Inhaumense), Marechal Hermes (União de Marechal Hermes), Riachuelo (Riachuelo), São Francisco Xavier (Ramos), Andaraí (Andarahy), Engenho de Dentro (Progresso e Abolição), Cocotá (Cocotá), Quintino (Modesto), Del Castilho (Del Castilho), Piedade (River e Piedade) e Praça da Bandeira (Santa Heloísa).

As explicações para esse expressivo número podem ser encontradas no grande número de bairros suburbanos localizados nesta região. Segundo Santos (2008), os subúrbios cariocas eram observados como os espaços com maior número de campos de futebol e, conseqüentemente, aumentava-se o número de jogadores e clubes desta região, sendo intitulado pelo autor como “celeiro de craques”. Além

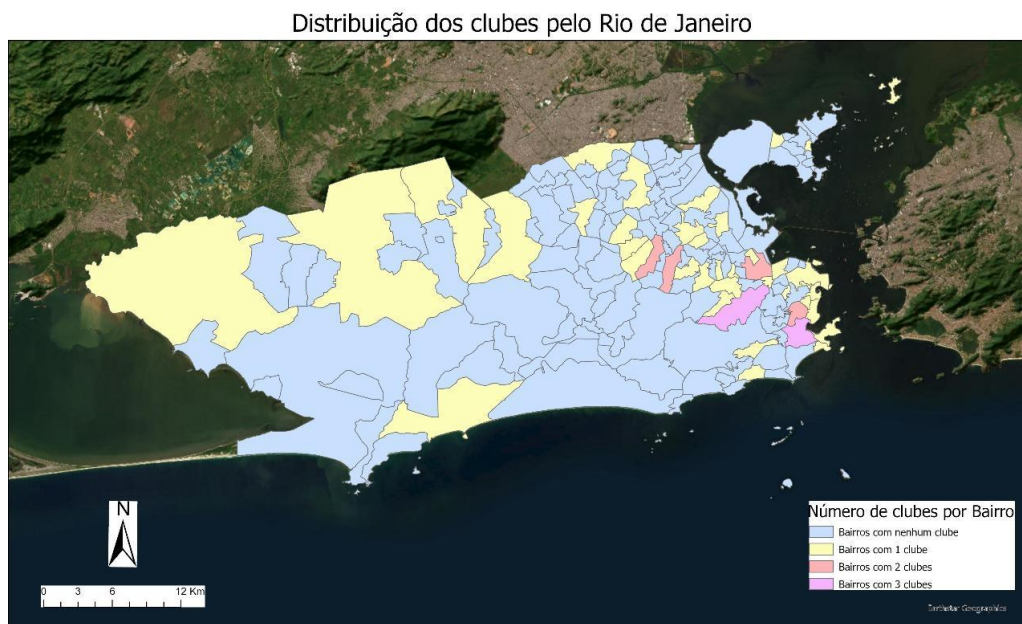
disso, vale ressaltar a estruturação das ligas suburbanas de futebol e seu caráter mais democrático que as demais localizadas em regiões metropolitanas.

Ainda sobre as ligas suburbanas e seu papel de democratizar o futebol na capital carioca, Santos (2008, p.143) afirma: “são essas associações, juntamente com os blocos carnavalescos, que formam o conjunto de agremiações que possibilitavam à população de mais baixa renda unir-se para buscar atividades que fugiam ao seu cotidiano do trabalho na cidade”. Outro ponto que merece destaque são os clubes que possuíam relação com as fábricas, sendo elas “impulsionada por imigrantes ingleses, proprietários, administradores e técnicos industriais” (Mattos, 2022, p.4). Essa relação também foi observada em clubes da Zona Oeste.

Em segundo lugar, destacam-se 11 clubes localizados na Zona Sul, distribuídos pelos seguintes bairros: Flamengo (Flamengo), Botafogo (Botafogo, Real Grandeza e Rio-São Paulo), Jardim Botânico (Carioca), Catete (Itamaraty), Laranjeiras (Fluminense e Laranjeiras), Leblon (Paissandu), Urca (Sport Club Brasil) e Leme (Cruzada do Leme). Devido à localização próxima ao mar, a maioria dos clubes desta região possui um histórico fortemente associado ao remo.

A proximidade da faixa litorânea também está marcada na Zona Oeste, com 5 clubes localizados nessa região. A distribuição deles se faz pelos bairros Recreio dos Bandeirantes (Recreio dos Bandeirantes), Realengo (Rio de Janeiro), Santa Cruz (Guanabara), Bangu (Bangu) e Campo Grande (Campo Grande). Por fim, a Zona Central que abrange a região histórica da cidade, abrange 6 clubes, localizados nos bairros Catumbi (Helios), Centro (Manguinhos), Paquetá (Municipal), Glória (Boqueirão do Passeio), Lapa (Lapa) e Santo Cristo (Dramático). Os clubes localizados nessa região possuem papel de destaque para criação da maior liga de futebol naquele período, a Liga Metropolitana de Futebol.

Figura 22 - Distribuição geográfica dos clubes que tiveram torcedoras mencionadas



Fonte: ArcGIS Pro (2025)

A imagem cartográfica apresenta a distribuição dos clubes esportivos na cidade do Rio de Janeiro, a partir de uma divisão por bairros e da quantificação do número de clubes em cada território. A legenda do mapa classifica os bairros em quatro categorias: aqueles que não possuem clubes (em amarelo claro), os que possuem um clube (em azul claro), os que concentram dois clubes (em rosa claro) e os que abrigam três clubes (em rosa escuro).

A análise da espacialização revela uma concentração significativa de clubes nas regiões centrais da cidade, bem como em bairros tradicionalmente ligados à história esportiva carioca, como Tijuca, Andaraí, Botafogo, Laranjeiras, Vila Isabel e Centro. Esses bairros, além de apresentarem infraestrutura urbana consolidada, são reconhecidos por abrigarem estádios, sedes de clubes históricos e manifestações esportivas variadas, o que pode justificar a maior presença de agremiações nesses locais.

Por outro lado, nota-se uma considerável quantidade de bairros com apenas um clube, distribuídos principalmente pelas zonas Norte e Sul da cidade. Esses territórios, ainda que não concentrem múltiplas instituições esportivas, mantêm uma presença mínima que permite a inserção local no circuito esportivo urbano. Os bairros em que não foram identificados clubes representam a maior parte do total

analisado: dos 166 bairros do Rio de Janeiro¹⁰, apenas 43 foram citados por meio da associação com clubes das torcedoras, evidenciando uma concentração seletiva dessas instituições em determinadas regiões da cidade.

Também foram localizados dados referentes a clubes distribuídos por diversas cidades do estado do Rio de Janeiro: Tupy (Barra Mansa), Canto do Rio (Niterói), Americano (Campos dos Goytacazes), Ypiranga (Macaé), Serrano (Petrópolis), Rio Cricket (Niterói), Resende (Resende), Boa Esperança (Petrópolis), Íris (São João de Meriti) e Enterrriense (Três Rios), evidenciando o desenvolvimento do futebol em todo o estado.

No quadro abaixo, estão listadas as torcedoras identificadas a partir da busca pelo termo 'torcedora', acompanhadas de seus respectivos clubes.

Figura 23 - Torcedoras citadas no Jornal do Brasil

Clubes	Torcedoras citadas
America	Antonieta Borges; Renée Gonçalves; e Odair Garcez
Bangu	Dona Carmen Medeiros
Bonsucesso	Dona Maria Francisca
Botafogo	Luana Ramos Dias; e Sonja Martinelli
Flamengo	Nilber Nascimento; Marilena Dabus; Dona Lita; Tania de Sousa; Sandra Brêa; Tia Helena; Lia Formiga; Vera Loyola; Penha; Daise Lima Moret; Cristina Albuquerque Faria; e Crisalda Almeida da Silva
Flora	Esmeraldina de Oliveira
Fluminense	Baiana; Dona Cléia; Tia Helena; Susana Werner; Beth; e Mercedes
Luzitano	Esterzinha Rodrigues
Madureira	Leny Veloso
Manguinhos	Maria Amelia Araujo
Municipal	Cantilde de Andrade; e Iracema
Preto e Branco	Gutomar Brandão Lisboa
Real Grandeza	Odette Vieira
Santa Cruz	Esther de Castro
Tijuca	Neyse
Vasco da Gama	Danuza Leão; Dulce Rosalina; Maria da Paz Nunes; Maria Francisca;

¹⁰ Dados oficiais da Prefeitura do Rio de Janeiro, obtidos na base “Limite de Bairros” da plataforma Data.Rio

Corina Serpa; Tatyana; e Dona Maria

Vila Isabel

Maria de Lourdes Gonçalves

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A partir dos dados apresentados, é possível destacar o protagonismo das torcedoras do Flamengo, com 12 registros. Em seguida, aparecem torcedoras do Vasco da Gama, com 7 ocorrências, e do Fluminense, com 6. O América contou com 3 torcedoras mencionadas, enquanto Botafogo e Municipal registraram duas cada. Os demais clubes foram citados com apenas uma torcedora. É importante ressaltar que a maior quantidade de torcedoras associadas a determinado clube não necessariamente corresponde à maioria dos dados coletados, uma vez que algumas torcedoras se destacaram por aparecerem em diversas ocorrências, gerando um número mais elevado de registros individuais. É o caso, por exemplo, de Dulce Rosalina, torcedora do Vasco da Gama, e de Lia Formiga, torcedora do Flamengo.

Individualmente, a partir da busca nominal pelas torcedoras, Dulce Rosalina reúne 91 ocorrências, enquanto Lia Formiga aparece em 43 registros. Os dados evidenciam a expressividade de ambas no cenário torcedor de seus respectivos clubes, especialmente considerando o período em que atuaram. No entanto, é necessário destacar a escassez de produções acadêmicas sobre Lia Formiga, cuja trajetória permanece pouco explorada, inclusive em espaços institucionais ligados ao Flamengo, como portais e acervos oficiais. Essa ausência revela não apenas uma lacuna historiográfica, mas também aponta para os silenciamentos que ainda atravessam as narrativas sobre mulheres no futebol.

A trajetória de Lia Formiga Mourão, tal como pode ser reconstruída a partir das ocorrências no *Jornal do Brasil*, revela uma torcedora atuante em diversas frentes da vida pública e cultural carioca. Nascida em 7 de março de 1930, compartilhava a mesma data de nascimento de Dulce Rosalina, ainda que fosse cinco anos mais velha. Ligada à Charanga do Flamengo, Lia foi identificada como chefe da torcida feminina do clube, sendo descrita, em 1973, como “a verdadeira expressão da torcida do Flamengo”.

Seu envolvimento extrapola os limites do estádio, sendo presença constante em jogos da Seleção Brasileira e participando do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, da qual fazia parte nos anos 1970, atuando no setor de relações públicas. De origem católica, também ocupou cargos

administrativos na prefeitura do Rio de Janeiro desde a década de 1950, especificamente na Secretaria Geral de Administração. Politicamente, candidatou-se a vereadora pela Arena em 1976, pelo PDS em 1988, e a deputada estadual em 1990, revelando uma atuação engajada nas esferas política e social.

Apesar da riqueza de informações encontradas sobre sua trajetória, chama a atenção a ausência de registros fotográficos de Lia Formiga nas fontes analisadas. A falta de imagens não apenas dificulta a preservação de sua memória, como também revela as limitações de reconhecimento público que muitas torcedoras emblemáticas enfrentaram, mesmo quando tiveram papel ativo e destacado no cenário esportivo e político de sua época.

Por fim, é necessário compreender como o *Jornal do Brasil* construiu a noção de torcedora símbolo ao longo das décadas. A partir dos dados analisados, observa-se que essa simbologia estava diretamente ligada ao afloramento das emoções, à demonstração intensa de amor ao clube e ao respeito conquistado tanto entre os torcedores quanto entre os jogadores. Essas mulheres ganhavam destaque ao expressarem opiniões firmes, misturarem o torcer com elementos religiosos e se posicionarem como representantes legítimas da paixão clubística. Um maior aprofundamento será feito na análise da trajetória das torcedoras ao longo do século XX.

4.1 AS TORCEDORAS NO JORNAL DO BRASIL

O primeiro dado encontrado nos anos 1900 revela uma confusão conceitual em torno do termo "torcedora". Trata-se, na verdade, de um anúncio publicitário de um medicamento à base de plantas medicinais, intitulado *Maravilha Curativa do Dr. Humphreys*¹¹. Durante a busca por palavras-chave, a ocorrência se deu a partir do termo "torcedura", relacionado à ação de torcer um membro do corpo e não à figura da torcedora como sujeito ligado ao futebol ou à prática esportiva. É importante ressaltar que o termo "torcedora" surgiu no início do século XX, inicialmente utilizado para se referir às mulheres que acompanhavam os jogos do Fluminense. Dessa forma, é compreensível que poucos, ou nenhum, registros tenham sido encontrados em períodos anteriores ao surgimento desse novo vocábulo.

¹¹ O produto, conhecido como *Dr. Humphreys' Homeopathic Remedy*, ainda é comercializado atualmente, com foco em tratamentos naturais e homeopáticos.

Na década de 1910, o *Jornal do Brasil* já registrava a presença de mulheres no universo esportivo, empregando o recém-introduzido termo “torcedoras”. Entre os dados encontrados, destacam-se anúncios de aniversários tanto de clubes quanto de torcedoras, uma prática bastante comum à época. Em uma dessas menções, Esterzinha Rodrigues, torcedora do Lusitano, ganha destaque ao ter um verso de sua autoria, dedicado ao clube, publicado no jornal. Descrita como uma “interessante menina e valente”, Esterzinha também participou das comemorações de um ano de fundação da agremiação. Já na edição nº 264, de setembro de 1919, o caderno esportivo chama atenção pela expressiva presença feminina na festa de 15 anos do America Football Club. A celebração contou com diversas atividades, incluindo provas esportivas, como uma corrida especialmente voltada para meninas.

A participação ainda tímida das torcedoras nessa época reflete o forte retratamento da vida social carioca da época. O *Jornal do Brasil* cobriu eventos como festas, casamentos, aniversários, inaugurações de negócios, concertos e apresentações teatrais. Ao retratar as mulheres nesses ambientes, seja como participantes ou organizadoras, o jornal valorizava sua presença em espaços públicos e sugeria que sua participação conferia prestígio e elegância ao evento.

Na década de 1920, as torcedoras passaram a ganhar maior destaque na cobertura esportiva. Nesse período, foram analisados 16 registros que contribuem para refletir sobre o torcer feminino. Assim como na década anterior, chama atenção a presença ativa das torcedoras nos eventos dos clubes, participando da organização das festas, das competições e, em alguns casos, sendo convidadas a discursar. Isso pode ser observado na edição nº 78, em que a torcedora Esmeraldina de Oliveira homenageia seu clube, o Sport Club Flora, durante a celebração de aniversário da agremiação. Ao subir em um local de destaque e manifestar publicamente seu amor pelo clube, Esmeraldina evidencia a forte relação que as mulheres já estabeleciam com o futebol naquele período.

Por outro lado, a presença feminina nos jogos era frequentemente associada à condição de acompanhantes. As mulheres que tinham acesso a esses espaços esportivos tinham sua presença vigiada e comentada, sendo submetidas às normas sociais vigentes da época. Para que fossem aceitas nesses ambientes, era necessário que se enquadrassem em determinados padrões de comportamento. Ainda assim, “apesar dos limites socialmente impostos às mulheres, do que fazer ou não nos ambientes esportivos, elas se deslocaram, experimentaram e

transformaram as experiências de iniciação no futebol a partir das festas esportivas nas primeiras décadas do século XX” (Bonfim, 2019, p.37-38).

Essas festividades também incluíam práticas como a tradicional “corrida das moças” e concursos para eleger a “torcedora mais sympathica”. A partir dessa participação mais ativa, as torcedoras passaram a ser notadas também na seção de palpites, espaço onde leitores enviavam sugestões para a formação dos *teams* de seu clube. Um aspecto significativo é que, entre as torcedoras que contribuíram com essas sugestões, nenhuma teve seu nome revelado: todas foram identificadas apenas por adjetivos, como “apaixonada”, “renitente”, “simpática” e “graciosa”.

Além disso, há registros de torcedoras que enviaram chapas para compor a diretoria de seus clubes, acompanhadas de declarações públicas pedindo votos. Em outro exemplo, na edição de nº 71 em 1921, a torcedora Odette Vieira, do Real Grandeza Football Club, faz um apelo aos *players* de seu time para que colaborem com a diretoria na construção de um futuro melhor para a agremiação.

Na edição nº 630, de setembro de 1922, o jornal celebra a vitória de uma torcedora do Bruxelas Football Club em um concurso de beleza. Ainda na década de 1920, há anúncios de aniversários de torcedoras e mensagens de votos de boa recuperação direcionadas àquelas que estavam doentes. Em outro caso, celebra-se a aprovação de uma torcedora em um concurso para o magistério no Rio de Janeiro. Destaca-se que a presença das mulheres era narrada de forma plural, com aparições diversas em diferentes contextos e situações.

Por fim, essa década também evidencia a relação entre o torcer e a fé. Na edição nº 149, de 1921, torcedoras se reúnem para entregar flores aos jogadores antes da partida, acompanhadas da imagem de um santo, uma demonstração de apoio espiritual à equipe. Vista de forma positiva pelos jornais da época, essa relação entre religiosidade e futebol permanece presente até os dias atuais, tanto entre torcedores quanto torcedoras.

A década de 1930 apresenta uma diminuição no número de registros sobre torcedoras encontrados nos jornais. Entre os dados disponíveis, destaca-se a organização de uma festa em homenagem à torcedora Antonieta Borges, candidata ao título de Rainha do América, conforme publicado na seção *Sociedades Recreativas* da edição nº 173, em 1934. Esse episódio evidencia uma conexão entre o futebol e o carnaval, já que a coroação de Antonieta ocorreu durante as celebrações promovidas pelo bloco carnavalesco formado pelo grupo de torcedores

Falange Rubra. Nesse período, observa-se também a realização de muitos festejos carnavalescos promovidos em parceria com clubes esportivos, conhecidos como “bailes fechados dos clubes”. Segundo Bezerra (2012, p. 106), havia algumas peculiaridades entre esses eventos,

destacando-se os bailes dos Democráticos, dos Tenentes, Fluminense F. C.; Vila Isabel F. C. (com uma batalha de confete interna), no Clube Municipal (traje à fantasia ou passeio), Botafogo F. C. (com um coquetel à imprensa carnavalesca), no C. R. do Flamengo (traje de passeio ou esportivo) e uma festa carnavalesca no Gynastico Portuguez.

Essa diminuição no número de registros também se verifica na década de 1940. É necessário lembrar que entre as décadas de 1940 e 1950, a presença feminina nas arquibancadas também foi afetada pelas restrições legais da época, especialmente pelo Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, que proibiu a participação de mulheres em diversas modalidades esportivas, alegando incompatibilidade com a sua natureza (Araújo, 2021, p. 23). Ainda assim, nota-se novamente uma forte relação entre o universo do futebol e o carnaval, desta vez envolvendo torcedoras do Bangu. Na edição nº 290, de 1940, o destaque recai sobre as caravanas de torcedores durante o “Torneio dos Avulsos”, disputado entre times de várzea. As torcedoras são mencionadas como fonte de incentivo aos jogadores e ao público presente, com especial ênfase em sua beleza. Além disso, torcedoras também são observadas entregando prêmios durante festividades em homenagem aos clubes ou jogadores, sendo frequentemente anunciadas como assistentes de palco. Mais uma vez, sua aparência é fortemente ressaltada, reforçando os padrões estéticos atribuídos às mulheres nesses espaços.

Na década de 1950, a maioria dos registros encontrados refere-se a torcedoras vinculadas ao universo do turfe, com destaque para eventos como a eleição da Rainha do Rancho. Observa-se que, mesmo com a crescente movimentação do futebol no cenário esportivo, o turfe ainda exercia grande influência sobre os torcedores. As celebrações retratadas evidenciam a estreita relação entre esporte, lazer e práticas sociais festivas do período, especialmente nas chamadas sociedades recreativas, importantes espaços de sociabilidade e pertencimento.

Um exemplo significativo desse contexto é a entrevista com Ivete Gomes de Macedo, torcedora do Flamengo, publicada na edição nº 190, de 1956. Ivete foi uma das candidatas ao título de Rainha da Primavera, concurso promovido pela Federação das Sociedades Recreativas, e compartilhou suas expectativas para as

festividades, além de comentar a situação do clube rubro-negro. A figura da “rainha” nesses eventos exercia uma função simbólica relevante: representava atributos como beleza, elegância e orgulho da coletividade torcedora, ao mesmo tempo em que reafirmava o papel das mulheres como símbolos afetivos e estéticos das associações esportivas.

Nesse período, foram encontradas poucas menções às torcedoras de futebol, tendência que também se repetiu em outras buscas realizadas em jornais cariocas da época. Algumas explicações podem ser sugeridas para esse apagamento. A imprensa carioca passava então por amplas reformas gráficas e editoriais, inspiradas em um modelo de jornalismo difundido nos Estados Unidos, cuja ênfase recaía sobre a objetividade e a neutralidade das narrativas. Conforme observa Ribeiro (2001), entre as principais transformações verificadas destacou-se a priorização da informação em detrimento dos artigos de opinião, espaço em que a presença das torcedoras era mais recorrente.

Soma-se a isso o fortalecimento dos padrões de beleza e símbolos da beleza, como as atrizes Marilyn Monroe e Audrey Hepburn, que passaram a ditar o que as mulheres deveriam consumir, desde vestuário até os esportes que podiam praticar ou acompanhar (Bohm, 2004). Além disso, outro aspecto relevante é o fato de que grande parte das seções esportivas desse período foi fortemente marcada pela cobertura das Copas do Mundo, especialmente após a traumática derrota do Brasil na final de 1950, no recém-construído Maracanã. Esse episódio ficou conhecido como “Maracanazo” (Costa, 2020). Esse estádio concentrou a maior parte dos registros sobre as torcedoras nas arquibancadas, evidenciando seu caráter simbólico que extrapola a condição de um simples espaço físico.

A década de 1960 representou um período de crescimento significativo no número de registros sobre torcedoras. Esse aumento pode ser atribuído, em grande parte, à consolidação das torcidas organizadas, que passaram a agrupar torcedores de forma mais estruturada e visível. Nesse novo cenário, as mulheres começaram a ocupar posições de maior protagonismo, assumindo papéis que até então eram predominantemente exercidos por homens, como a liderança de torcidas e a articulação de ações coletivas entre os torcedores.

Um marco importante desse período é a primeira menção à torcedora Dulce Rosalina, do Vasco da Gama, figura que viria a se tornar um dos maiores símbolos femininos das arquibancadas brasileiras. Vale destacar que Dulce já havia

alcançado um feito significativo em 1956, ao se tornar a primeira mulher a presidir uma torcida, fato que, no entanto, foi ignorado pelo *Jornal do Brasil*. Sua aparição inicial nos jornais, longe de ser celebrada, foi marcada por críticas contundentes. Em uma das edições, o jornal a acusa de “fazer campanha contra o próprio time”, colocando em dúvida sua legitimidade como torcedora. Além disso, Dulce é comparada a Jaime de Carvalho, notório torcedor do Flamengo e fundador da Charanga Rubro-Negra. A partir dessa comparação, o periódico argumenta que ela teria perdido todo o prestígio anteriormente conquistado, evidenciando um discurso que deslegitima sua atuação como torcedora símbolo.

Esse episódio revela não apenas o avanço da participação feminina nas torcidas organizadas, mas também os limites simbólicos impostos às mulheres que ousavam ocupar espaços de visibilidade e liderança no universo esportivo. As críticas dirigidas a Dulce evidenciam o incômodo gerado por sua autonomia dentro de um campo historicamente masculinizado, revelando as tensões entre tradição e transformação nas arquibancadas da época. O que se percebe é uma tentativa de deslegitimar sua atuação, mesmo quando ela repetia gestos já naturalizados entre torcedores homens. Enquanto estes eram exaltados por sua postura crítica, Dulce foi repreendida e questionada.

Por outro lado, o jornal também evidencia o protagonismo feminino de forma positiva na edição nº 258, de 1960, ao destacar Dona Maria Francisca, então com 63 anos, reconhecida como a torcedora mais antiga do Bonsucesso e sócia vitalícia do clube da zona norte do Rio de Janeiro. Intitulada como a “torcedora nº 1”, sua trajetória nas arquibancadas é celebrada e valorizada pela reportagem, que narra sua dedicação ao clube ao longo das décadas. A narrativa da velhice entre os torcedores é frequentemente utilizada pelos jornais para evidenciar um torcer que atravessa toda a vida.

No entanto, o mesmo relato revela como a idade passa a funcionar como um fator limitador na continuidade de sua prática torcedora. A matéria menciona que Dona Maria enfrenta restrições impostas tanto pelos filhos quanto pela própria diretoria do Bonsucesso, que a desencorajam, ou mesmo a proíbem, de frequentar os jogos. Esse episódio revela as barreiras simbólicas e sociais que incidem sobre o envelhecimento no espaço esportivo, especialmente quando se trata da presença feminina, sugerindo uma deslegitimação da participação ativa da mulher idosa nos ambientes tradicionalmente masculinos e jovens como as arquibancadas.

Figura 24 - Matéria “A que mais torce” com Dona Maria Francisca



Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 258, nov. 1960.

Indo além, a edição nº 298, de 1966, traz um episódio inusitado que reforça a atuação combativa e emocional das torcedoras. O jornal relata uma discussão entre Amélia, torcedora do Bangu, e o jogador Almir, do Flamengo. Segundo a matéria, Amélia teria ficado indignada com a postura do jogador durante uma disputa entre os dois clubes e, em resposta, decidiu enfrentá-lo pessoalmente. A torcedora foi até a Gávea, então centro de treinamento do Flamengo, com a intenção declarada de “mostrar quem era mais valente”.

A ação de Amélia rompe com a imagem passiva frequentemente atribuída às mulheres no espaço esportivo, revelando uma torcedora que não apenas ocupa as arquibancadas, mas também se engaja diretamente nos conflitos simbólicos e afetivos que envolvem os eu clube. O episódio ganhou ainda mais destaque quando Valdomiro, goleiro do Flamengo, respondeu com provocações, reforçando o embate verbal e público.

Esse tipo de narrativa desafia estereótipos de gênero ao apresentar a mulher torcedora como uma agente ativa, combativa e emocionalmente envolvida, deslocando-a do papel de simples espectadora para o de protagonista nas disputas simbólicas em torno do futebol. Essa característica também foi observada em episódios envolvendo a torcedora vascaína Dulce Rosalina, cuja atuação ia muito além de um papel passivo nas arquibancadas.

Por fim, ainda na década de 1960, destaca-se a criação de um espaço editorial voltado especificamente às mulheres torcedoras. Trata-se da coluna *Futebol – Mulher em Campo*, coordenada pela jornalista Teresa Barros, que chama atenção por abrir espaço à participação e visibilidade feminina no universo esportivo. Na edição nº 59, publicada em junho de 1969, o foco recai sobre três torcedoras: Danusa Leão, Maria Helena Elídio Soares e Marilene Dabus, apresentadas como representantes de lados opostos, possivelmente em alusão às suas paixões clubísticas e visões distintas sobre o futebol.

A iniciativa da coluna é significativa por oferecer às mulheres um lugar de fala no jornalismo esportivo, tradicionalmente dominado por vozes masculinas. Mais do que uma curiosidade editorial, esse espaço permite a articulação de discursos femininos sobre o futebol, contribuindo para a construção de novas representações da mulher torcedora. Não mais apenas como musa ou símbolo estético, mas como sujeito de opinião, análise e paixão esportiva.

Figura 25 - Estrutura da coluna “Futebol - Mulher em campo”

The image shows a page from the 'Jornal do Brasil' newspaper, dated June 1969. At the top, there is a fashion illustration titled '“Bonaf seller”' showing five women in various styles of clothing. Below this is the main headline 'Futebol - Mulher em campo' in a large, bold font. The page is filled with columns of text, interspersed with several photographs. One prominent photo shows a woman in a dark jacket and hat, carrying a large flag on her shoulder. Another photo shows two men in football uniforms standing side-by-side. There are also smaller photos and illustrations throughout the page, including a small illustration of a woman's face and a small photo of a woman sitting at a table. The page number 'PÁGINA 8' is visible at the bottom right.

Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 59, jun. 1969.

Marilene Dabus¹² é retratada na coluna *Futebol – Mulher em Campo* como uma torcedora apaixonada pelo Flamengo. A reportagem publica uma foto sua sorridente, empunhando orgulhosamente uma enorme bandeira do clube, em uma imagem que sintetiza sua identidade torcedora. No texto, Marilene revela seu grande sonho: tornar-se comentarista esportiva, seja no jornal ou na rádio, uma ambição ousada para uma mulher na década de 1960, em um campo ainda rigidamente masculinizado.

¹² Marilena de Aparecida Dabus (1939–2020), nascida no interior de Minas Gerais, foi uma importante jornalista brasileira, pioneira entre as mulheres que cobriram o futebol e a primeira a narrar uma partida de futebol no rádio. Rubro-negra de coração, Marilena possuía grande relação com o clube da Gávea, tendo ocupado o cargo de vice-presidente de Comunicação. A sala de comunicação do centro de treinamento do Flamengo recebe o seu nome.

Ela compartilha as dificuldades enfrentadas ao tentar ocupar esse espaço, destacando que sua principal barreira são os próprios homens, que monopolizam os meios de comunicação esportiva. Sua fala expõe com clareza a desigualdade de gênero e a resistência estrutural à presença feminina em posições de análise e autoridade no futebol. Além disso, Marilene defende abertamente a prática do futebol pelas mulheres, posicionando-se como uma voz que não apenas torce, mas também luta por transformações no esporte.

Já Danuza Leão¹³, modelo e colunista social, argumenta que a beleza dos jogadores é a causa para o aumento do público feminino, definindo as arquibancadas como local de paquera. Tal discussão pode ser observada no trecho abaixo, onde o jornal remonta a trajetória do torcer feminino para evidenciar a opinião de Danuza.

Em 1912, partida de futebol era programa da alta burguesia carioca: nas colunas de potins, o chapéu, o vestido ou a graça de determinada senhorita eram mais comentados que o jôgo, cujo resultado vinha geralmente em duas linhas de texto, no fim da notícia. Depois, as mulheres sumiram dos estádios e só mesmo as espôsas ou noivas de craques e antigas sócias de times da cidade tinham coragem de pisar o Maracanã: gritar nas arquibancadas e ser apupada pelos torcedores era um risco que muita mulher preferia não correr.

Mas, de repente nas arquibancadas e cadeiras, tribunas e até mesmo nas gerais, a mulher virou constante, de calça Lee ou maquilagem para noite; o que levou Danusa Leão a duvidar da boa-intenção e interêsse das moças: **"Mulher vai mesmo é por causa dos homens"** (*Jornal do Brasil*, edição 00059, p.3, grifo nosso).

Além disso, Danuza foi convidada pelo jornal para modernizar o uniforme do Vasco da Gama, considerado por ela como conservador. A jornalista desenhou um novo modelo, destacando a cruz de malta no centro da camisa e optando por shorts brancos.

Já Maria Helena, esposa do jogador Gérson, da Seleção Brasileira, representa uma visão mais conservadora sobre a presença feminina no futebol. Segundo ela, "campo não é lugar de mulher. A esposa deve estar ao lado do marido em todos os momentos – bons e maus – mas nada de torcer no Maracanã". O jornal reforça essa perspectiva ao descrevê-la como a "secretária perfeita": uma mulher caseira, dedicada à família e mãe de duas meninas. Essa representação enfatiza a associação entre a mulher e seu instinto maternal, sugerindo que seu lugar

¹³ Danuza Lofego Leão (1933–2022), capixaba de nascença, mudou-se ainda jovem para o Rio de Janeiro. Irmã da cantora Nara Leão, destacou-se na organização de festividades em clubes cariocas. Modelo e escritora, escreveu para importantes jornais, como *O Globo*, *Folha de S.Paulo* e *Jornal do Brasil*.

adequado seria o espaço doméstico e de apoio, em oposição ao ambiente público e masculino dos estádios.

Por fim, a década de 1960 também se caracteriza por atrelar as torcedoras às festividades de Carnaval, evidenciando uma forte relação na maneira como essas mulheres eram nomeadas e representadas: musas, rainhas e figuras simbólicas. Essa associação reforçava a aproximação entre o futebol e o universo carnavalesco, destacando atributos como beleza, charme e espetacularização feminina.

A década de 1970 possui muitos registros de torcedoras no *Jornal do Brasil*, totalizando 126 citações. Nesse contexto, algumas mulheres se destacaram mais que outras, seja por circunstâncias específicas, seja pela forte presença nas arquibancadas. Além disso, essa década foi marcada pela intensa mobilização das torcidas organizadas, o que pode explicar o aumento do número de referências a torcedoras nas páginas do jornal. Outro aspecto relevante é a ampliação de matérias destinadas aos torcedores, tornando esse espaço uma forma de divulgação da paixão clubística.

O *Jornal do Brasil* passou, então, a convidar com mais frequência as mulheres a exporem suas opiniões, seja sobre o clube do coração, seja sobre o que acontecia no futebol naquela semana. Suas expectativas, frustrações e palpites passaram a figurar com mais constância nas páginas do jornal, chegando a ser entrevistadas até mesmo em contextos não diretamente relacionados ao futebol. Um exemplo disso está na matéria sobre o vestibular do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em que a torcedora Lia Formiga, do Flamengo, expressa suas expectativas sobre a prova, e o jornal a descreve como "candidata faz prova pensando no Flamengo". Essa mesma torcedora aparece em outras edições, como na de nº 11, em que é anunciada sua candidatura à vereadora no Rio de Janeiro pelo partido ARENA. Além disso, é apresentada como uma das torcedoras mais fanáticas do Flamengo, sendo chefe de uma das alas da torcida, citada ao lado de figuras já consolidadas nas arquibancadas, como Tia Helena (Jovem Fla) e Jaime de Carvalho (Charanga do Flamengo).

Tia Helena foi retratada em uma matéria sobre a chegada do time do Flamengo ao Maracanã após conquistar o título de campeão brasileiro. Na ocasião, o presidente do clube, Márcio Braga, percorreu as arquibancadas cumprimentando figuras importantes da torcida, entre elas a "torcedora mais tradicional". Helena,

mesmo em uma cadeira de rodas, não deixou de torcer e celebrar a conquista do clube rubro-negro.

Sobre o fanatismo, uma matéria da edição n.º 69, publicada em 1975, sob o título “Coração é que mata mais o torcedor”, trouxe relatos de casos de infarto em estádios brasileiros, evidenciando as intensas emoções que envolvem o futebol. Um dos casos é o da torcedora Tânia de Souza, também do Flamengo, que, em um momento de tensão, mordeu outro torcedor. Em sua defesa, afirmou: “O juiz roubou meu Flamengo e acabamos perdendo o jogo para o Fluminense”. O episódio, no entanto, ocorreu em junho de 1969.

Figuras já mencionadas também mantêm presença nesta década, como Marilene Dabus, Danuza Leão e Dulce Rosalina. Marilene aparece em colunas de opinião, como na discussão sobre a saída do treinador João Saldanha da Seleção Brasileira. Ao lamentar a demissão, a torcedora é chamada de “dramática” pelo jornal. Já Danuza Leão tem suas aparições vinculadas aos uniformes dos clubes. O jornal propõe, novamente, uma “revolução” estética nos trajes do futebol carioca, apontando a necessidade de embelezar o esporte mais popular do país.

Outros dados revelam torcedoras frequentando treinos e realizando críticas presenciais a técnicos e jogadores. Há também exemplos de exaltação dessas mulheres, seja por suas habilidades, como na edição nº 358, que destaca a tese de Maria do Carmo Leite de Oliveira, torcedora vascaína, sobre o fenômeno linguístico do futebol, seja por sua beleza. Na edição nº 8, por exemplo, a coluna de Zózimo anuncia Sandra Bréa, torcedora do Flamengo, como a mais cortejada do fim de semana de jogos. Algo semelhante é observado em reportagens sobre torcedoras da Seleção Brasileira, frequentemente tratadas como “musas do Brasil”.

A década de 1970 também trouxe diversas matérias abordando o torcer feminino. Na edição nº 63, sob o título “Hoje para a mulher o importante é torcer”, o jornal analisa a trajetória das mulheres nas arquibancadas, destacando o perfil elitizado das torcedoras da época. Segundo o jornal, durante a Copa do Mundo de 1970, a maioria das torcedoras presentes nos estádios era de classe média e não tinha receio de se destacar, chegando a tirar a blusa para comemorar a vitória. O jornal destaca (*Jornal do Brasil*, p. 63, 1970):

Os sociólogos, que tudo explicam – e na maioria das vezes acertam – devem ter há muito uma explicação para o que está acontecendo com as mulheres neste campeonato, e com o interesse cada vez maior que o futebol desperta em todas as classes sociais. Elas estão unidas no corpo-a-corpo das ruas, abraçando-se na euforia de um

gol, tirando a roupa com a maior tranquilidade, num país de 90 milhões de católicos, jogando para o alto a famosa discricção do palavreado feminino na hora da raiva.

Ainda sobre a Seleção Brasileira, a edição nº 79, de 1973, sob o título “Negras na paisagem loura”, ironiza a presença de uma torcedora negra brasileira entre torcedoras suecas loiras. O colunista Oldemário Tonquinho insinua que ela só estaria ali por ter se casado com um sueco, ou por ser ex-passista de escola de samba ou integrante do grupo Brasiliana. A matéria é abertamente racista e sexualiza a mulher negra, revelando os preconceitos presentes na cobertura jornalística da época. Tal aspecto está relacionado a uma exclusão de mulheres negras nos jornais esportivos, como afirmado por Araújo (2023, p.24):

O apagamento dessas mulheres nas narrativas ocorre para além das narrativas esportivas. Tais representações sociais localizam-se à margem da idealização de sociedade moderna. Portanto, mesmo dentro da categoria mulher podemos perceber polos de pertencimento e não-pertencimento. O conjunto de poderes que influem sobre indivíduo tencionam a sua presença como membro do grupo social e as representações em torno da sua participação.

Em relação à crescente presença das mulheres nos estádios, a edição nº 201, de 1971, publicou uma matéria intitulada “Elas irradiam futebol”, destacando o aumento da atuação feminina em diferentes âmbitos do futebol, inclusive nas transmissões esportivas. Um exemplo é a Rádio Mulher, que formou uma equipe feminina de narração. Dentre os desafios enfrentados pelas radialistas, estava a ausência de banheiros femininos nas cabines dos estádios, um direito básico que evidencia a desigualdade de gênero. Esse tipo de exclusão institucional se manteve por décadas, como mostra o fato de o Senado brasileiro ter construído seu primeiro banheiro feminino no plenário apenas em 2016, após longa pressão de senadoras.

A matéria da Rádio Mulher é dividida em diferentes tópicos. O jornal relata que, além de narrarem os jogos, as radialistas premiavam o melhor jogador em campo e também o mais charmoso. A cobertura elogia o “toque feminino” da narração e atribui o uso de diminutivos ao sucesso do programa. Em entrevista, as profissionais defendem a liberação do futebol feminino no país e a criação de campeonatos nacionais. O jornal encerra a reportagem com o bordão da rádio: *“Amiga, este é o futebol florido da sua 730, Rádio Mulher. Venha para o campo, venha prestigiar o esporte. E lembre-se: uma mulher a mais no estádio é um palavrão a menos”*, repetido nas tardes esportivas.

Por fim, esse período também registra casos de violência nas arquibancadas. Um exemplo está na edição nº 242, de 1977, que relata o caso de uma torcedora do Botafogo atingida por uma pedra durante um jogo, o que lhe rendeu 12 pontos na cabeça. O jornal critica a omissão dos policiais e relata que o clube levou o caso à Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro. A confusão foi tamanha que até um jogador alvinegro se feriu, lesionando o joelho.

Já na década de 1980, observa-se um aumento significativo no volume de registros sobre torcedoras. Novamente, entre os dados encontrados, destacam-se casos de violência nas arquibancadas e relatos sobre os modos de resolução de conflitos entre torcedores. Logo no início da década, um caso que ganhou ampla repercussão foi o assassinato de Cristina Albuquerque, torcedora do Flamengo de apenas 15 anos. Ela foi morta a tiros nas imediações do Maracanã durante uma tentativa de assalto, que também deixou outros dois torcedores feridos. Cristina era integrante da torcida organizada Raça Rubro Negra, e o clube arcou com os custos de seu sepultamento.

Como forma de protesto, torcedores organizaram uma passeata até o batalhão da polícia, exigindo maior policiamento nos dias de jogo. O caso teve ampla cobertura da imprensa, que não apenas noticiou a missa de sétimo dia e a prisão dos envolvidos, como também registrou homenagens feitas pela torcida, como se observa na imagem abaixo, e pela diretoria do clube que distribuiu bandeiras antes da partida.

Figura 26 - Homenagem a torcedora Cristina Albuquerque feita pela torcida Raça Rubro-Negra



Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 33, maio. 1988.

Acerca da presença feminina nos dados encontrados, algumas torcedoras se destacam nesse período por suas recorrentes aparições nos registros jornalísticos. Entre elas estão Dona Cléia (Fluminense), Dulce Rosalina (Vasco da Gama) e Rosemary Melo (Seleção Brasileira). Os motivos de suas presenças na mídia são distintos e vão além do simples ato de torcer, como será discutido a seguir.

Dona Cléia, torcedora do Fluminense, chama atenção por sua presença constante nos treinos do time, onde era conhecida por “abençoar” os jogadores e lhes trazer sorte. Na edição nº 303, de 1982, sob o título “O incentivo sempre vibrante de D. Cléia”, ela é identificada como uma “torcedora tradicional”. O jornal exalta sua participação na delegação tricolor durante uma partida em Alagoas, assim como sua presença em jogos no Recife. No ano seguinte, sua atuação volta a ser destacada, dessa vez com a entrega de fitinhas do Jesus Crucificado de Porto das Caixas aos atletas, gesto que reforça seu papel como torcedora símbolo. Sua religiosidade é valorizada na narrativa jornalística, sendo tratada como um traço que a distingue das demais torcedoras.

Em 1984, na edição nº 331, o jornal noticia seu falecimento, mais uma vez reafirmando seu status de símbolo do clube e grande apoiadora, especialmente nos

jogos fora do Rio de Janeiro. Essa relação entre religiosidade e torcida tricolor ressurgiu na edição nº 343, em 1985, na qual a torcedora é lembrada pelo seu ato de distribuir terços e folhetos de oração aos jogadores, numa tentativa de reverter a crise enfrentada pelo clube das Laranjeiras. Percebe-se que a trajetória da torcedora está fortemente atrelada à sua religiosidade, depositando na fé a esperança de dias melhores para os jogadores e para o Fluminense.

Dulce Rosalina, torcedora do Vasco, destaca-se por sua influência e visibilidade pública ao longo da década. Suas aparições na imprensa vão além das arquibancadas, sendo frequentemente convidada para entrevistas e programas de televisão, além de ter seu nome envolvido em debates e disputas políticas internas do clube. Na edição nº 74, de 1982, o jornal anuncia sua participação no programa *Delas*, da Rede Bandeirantes, apresentando-a como uma “famosa torcedora do Vasco”. Já na edição nº 44, de 1988, Dulce é entrevistada sobre o aumento da violência nos estádios, sendo descrita como “a líder pacífica do Renovascão”. Nessa ocasião, ao discutir sobre sua idade, ela declara: “Minha única tristeza é saber que um dia eu vou fechar os olhos e nunca mais ver o Vasco.” A frase, carregada de emoção, sintetiza a profunda identificação da torcedora com o clube e a dedicação cultivada ao longo de décadas pelo time da Colina.

Figura 27 - Matéria com Dulce Rosalina



Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 44, maio. 1988.

Por fim, entre as figuras femininas em destaque, Rosemary Melo ganha notoriedade por sua participação em um episódio marcante envolvendo a Seleção Brasileira. Durante uma partida contra o Chile, em setembro de 1989, Rosemary acendeu um sinalizador luminoso que acabou atingindo o goleiro chileno Roberto Rojas. O caso teve repercussão imediata, transformando a torcedora no centro das atenções e alvo de intenso assédio por parte da imprensa esportiva. No entanto, investigações posteriores revelaram que o goleiro havia simulado um ferimento com auxílio de uma lâmina escondida. O médico da seleção chilena chegou a processá-lo, e Rojas foi punido pela FIFA, sendo banido do futebol internacional. A figura abaixo ilustra parte da perseguição midiática vivida por Rosemary naquele período.

Figura 28 - Matéria “O pesadelo de Rosemary”



Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 150, set. 1989.

O aumento da violência nos estádios também é abordado em crônicas, como a de João Saldanha publicada na edição de nº 261, de 1986. Nela, o autor aponta que o crescimento das brigas entre torcedores foi um dos principais fatores para o afastamento do público das arquibancadas. Saldanha também critica atitudes machistas que contribuíram para a exclusão das mulheres dos estádios, destacando duas mudanças que favoreceram o retorno desse público: o uso da calça jeans, já que muitas evitavam ir de saia por medo de assédio, e a instalação de banheiros femininos. Ao final do texto, Saldanha propõe uma solução para o problema da violência: a criação de uma lei que puna os clubes em casos de brigas envolvendo seus torcedores.

O jornal segue dando destaque a algumas figuras, torcedoras que têm seus dados atrelados a suas opiniões e participação em momentos de influência. Há a publicação de cartas de uma torcedora do Vasco solicitando a resolução de um problema que ocorreu com o SuperCarnê do Vasco. Outro exemplo pode ser observado na edição de nº 61, em 1983, onde a torcedora Daise Lima Moret, torcedora do Flamengo, entra na justiça contra a venda do jogador Zico para o clube

italiano Udinese. Segundo ela, o acordo foi feito dentro dos panos, privando os sócios de opinarem sobre tal decisão acerca do maior ídolo do clube.

Figura 29 - Matéria “Torcedora vai à Justiça contra venda de Zico”



Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 57, ago. 1983.

Alguns registros evidenciam a relação afetiva e duradoura de torcedoras com seus clubes, desafiando estereótipos de uma participação ocasional ou periférica. Um exemplo emblemático é o de uma torcedora vascaína que, ao completar 100 anos de idade, celebra também o bicampeonato do Vasco da Gama. Mesmo assistindo aos jogos pela televisão, sua identificação com o clube se manifesta com intensidade, ao vibrar pelas vitórias da janela de casa. Outro caso é o de uma torcedora do Madureira, exaltada em matéria jornalística como a “número 1” do time, uma designação que reconhece sua fidelidade e protagonismo como representante da torcida. Ambas as torcedoras podem ser observadas nas imagens abaixo. Mais uma vez, a idade das torcedoras é evidenciada como um elemento que caracteriza sua lealdade ao clube e reforça seu papel como símbolo.

Figura 30 - Imagens de torcedoras eleitas torcedoras número 1 de seus clubes. Dona Maria - Vasco da Gama (à esquerda) e Leny Veloso - Madureira (à direita)



Fonte: Jornal do Brasil, edições nº 77 (ago. 1988) e nº 107 (julho. 1988)

A última década de análise é observada através de muitos dados, podemos pensar nesse período como o de maior representação das torcedoras no *Jornal do Brasil*: 318 ocorrências. Inicialmente, grande parte dos dados são referentes a matérias e colunas em que as torcedoras estão presentes distribuindo opiniões. Por exemplo, em uma edição, torcedoras discutem como os efeitos do Plano Collor afetaram as viagens para acompanhar os jogos. Já na edição de nº 270, em 1994, a torcedora Lia Formiga, “torcedora de carteirinha do Flamengo”, opina sobre casos de corrupção envolvendo a Federação de Futebol do Rio de Janeiro, principalmente, no Campeonato Estadual daquele ano.

Ainda nessa temática, na matéria “Clima de velório nas Laranjeiras”, a torcedora Beth, é entrevista sobre a situação do Fluminense diante da possibilidade de rebaixamento. A solução dada pela torcedora é ampliar os investimentos na categoria de base do clube. Discussões como essa também aparecem em outras matérias, nas quais torcedoras expressam suas opiniões e reivindicam melhorias para a situação de seus clubes.

Ainda nessa época, há a atualização do caso do goleiro do Chile e a torcedora da Seleção Brasileira. Sendo chamada pelo jornal de “a fogueteira”, Rosemary teme frequentar novamente os estádios e ser hostilizada. Acrescenta que com o aumento das violências nas arquibancadas, seu medo aumentou. Acerca

dessa temática, o jornal destaca três episódios que acabaram com morte e graves ferimentos. Em 1995, uma placa publicitária atingiu a torcedora do Flamengo, Crisalda Almeida da Silva, de 55 anos. A torcedora foi levada ao hospital e precisou levar inúmeros pontos no corte. Outro momento ocorreu em 1991, onde o clássico Flamengo e Vasco terminou em balas e bombas trocadas entre os torcedores e a polícia. Uma torcedora da Raça Rubro-Negra foi entrevistada e contou detalhes da confusão. Por fim, o jornal noticia o falecimento de uma torcedora vítima de pisoteamento antes do jogo. Em um dos portões do Maracanã houve um tumulto muito grande que ocasionou o falecimento da torcedora Nilber Nascimento.

Outro aspecto importante que marca essa década é a relação entre o torcer e a religiosidade, especialmente em episódios protagonizados por torcedoras. Há registros de mulheres que faziam promessas de fé para que seus clubes fossem campeões, além de relatos de torcedoras que espalharam fotos do jogador Túlio Maravilha com a intenção de atrair sorte. Em outro caso, torcedoras do Fluminense entregaram imagens de Santo Antônio e Santa Terezinha aos jogadores durante um momento de crise do time. Sob o título “Fluminense apela para o misticismo”, a notícia também destaca a presença de integrantes da umbanda no clube, que deixaram velas acesas e uma imagem da entidade Cabocla Jurema.

Um outro ponto de destaque é o fato de algumas figuras se destacarem ao terem seu nome citado em diferentes edições. Na matéria “O funk sacode a massa no Maracanã”, a torcedora Dulce Rosalina opina sobre o uso de letras de funk pelas torcidas, que anteriormente adotavam letras de sambas em suas melodias. Segundo o jornal, “gritos de guerra substituem os sambas-enredos”, e a torcedora opina: “samba é maravilhoso, mas quando acaba, o negócio tem que ser o futebol. Hoje em dia não se fazem mais sambas bonitos como antes”. Além disso, defende o uso de marchinhas pela torcida e cita seus cantos favoritos.

Na edição de nº 82, em 1992, o jornal entrevista novamente a torcedora vascaína. Dessa vez, é apresentado suas frustrações por não poder mais acompanhar os jogos do Vasco durante todo o tempo. Devido a uma cirurgia na vista, não pôde permanecer na claridade por muito tempo e passou a apenas ficar no Maracanã antes do jogo começar auxiliando os preparativos de sua torcida RenoVascão. O jornal segue elogiando a torcedora, destacando que de seus 58 anos, 56 foram torcendo pelo Vasco. Ainda é eleita como a última torcedora de uma geração que marcou as arquibancadas.

Figura 31 - Matéria “O Calvário de Dulce Rosalina”

O calvário de Dulce Rosalina

Ela não pode mais vibrar na arquibancada

Oldemário Touguinhó

Dulce Rosalina, a última torcedora de uma geração que consagrou nas arquibancadas o rubro-negro Jaime de Carvalho, o botafoguense Tazzan, o bangüense Juarez e o americano Manduca, não pôde ver o seu Vasco reagir e empatar com o Flamengo. Dulce chegou cedo ao Maracanã, pouco depois do meio-dia. Organizou tudo na Torcida Renovação, mas quando o jogo começou, às 17 horas, foi embora. Uma operação nos olhos a impede de ficar na claridade, inclusive de refletores.

Dulce está com 58 anos, mas já tem 56 de Vasco. Seu pai a colocou de sócia com dois anos de idade. Sempre acompanhou o Vasco. Confessa que viveu muitas emoções e só lamenta não poder mais gritar nas arquibancadas na hora do ataque de seu clube.

“Parece que a bola está com a gente na hora do chute. O gol também é nosso. Participei de muitas comemorações. Agora o jogo e me



Dulce agora só fica no Maracanã até o jogo começar

conformar em ir para casa e ouvir o rádio. Ordem do médico que tenho que respeitar,” lamenta desanimada.

Só mesmo em momentos como o que está passando agora é que Dulce deixa de ver o Vasco jogar. Em 1968, o ônibus da torcida organizada se acidentou na Rio-São Paulo e Dulce ficou dois anos hospitalizada. O problema atual e uma operação que sofreu nos olhos.

“O Dr. Fernando Aragão (parente do Renato Aragão, dos Trapalhões) está cuidando de mim com muito carinho. Não posso contrariá-lo. Tudo que ele proíbe eu cumprio; até mesmo ir para casa, na hora em que o Vasco está jogando, o que é um sofrimento para mim. Se Deus quiser, ainda verei muitos gols do meu clube. Quero sair logo para não ouvir o grito da torcida. Isso é que me me da saúde.

Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 82, jun. 1992.

Na edição de nº 57, em 1994, o jornalista Maurício Valladares é entrevistado em uma série de perguntas. Ao ser questionado pelo que representaria a mulher carioca, ele responde: “minha deusa Dulce Rosalina, a torcedora símbolo do Vasco e a última que só quer torcer em paz”. Dulce é destacada como a última sobrevivente de uma época dourada das arquibancadas, período que o jornal considera impossível de ser revivido, seja pelo aumento dos casos de violência nos estádios, seja pelo falecimento dos precursores do torcer simbólico no Rio de Janeiro.

Por fim, na coluna de Armando Nogueira, sob o título de “Duas santas do futebol”, o jornalista tece elogios às torcedoras Dulce Rosalina e Tia Helena, do Fluminense. Além disso, reconstrói a trajetória do torcer nas arquibancadas. Por fim, critica os novos movimentos de torcedores e destaca:

Recém-chegado ao Rio, essa classe de torcedor me fascinava. Eu era simpatizante do Botafogo, mas admirava o coração de Jaime de Carvalho. Depois, o torcedor do Maracanã foi se tornando mais tenso, menos lúdico. Mais implacável. Menos impiedoso. Seu time vencia, não bastava. Queria mais. Queria que o time do amigo, jogando noutro campo, perdesse. Era

assim como na máxima de Jules Renard: “Não basta ser feliz: é preciso que os outros não sejam.” Daí pro vandalismo, foi um passo. Triste sina do futebol. Tia Helena e Dulce Rosalina, que Deus as proteja (Jornal do Brasil, 1994, p.34).

O jornal também anuncia as festividades de aniversário de algumas torcedoras, como Marilene Dabus, anunciada como torcedora número um do Flamengo. Além disso, na edição nº 165, em 1997, torcedoras do Botafogo organizam uma festa para os aniversariantes do mês, contando com a presença de jogadores e comissão técnica do clube alvinegro. Essa mobilização também pode ser observada em outro dado da mesma edição, onde a torcedora Corina Serpa faz campanhas para arrecadar fundos e auxiliar o jogador Barbosa, do Vasco da Gama, que enfrenta problemas financeiros. Além disso, planeja entrar em contato com o ídolo cruzmaltino e deputado Roberto Dinamite para organizar uma partida beneficente em prol do jogador.

Nesse período, torcedoras da Seleção Brasileira chamaram a atenção, aparecendo em diversos dados. Tais representações perpassam pelo viés do machismo, visto que algumas torcedoras estão sexualizadas e possuem sua beleza destacada em relação ao torcer. Na edição de nº 71, em 1990, o colunista Alfredo Ribeiro discute sobre a ocasião em que uma torcedora fez topless durante um jogo do Brasil. Já em 1998, na véspera da Copa do Mundo, o jornal produziu uma matéria que busca ensinar as mulheres a entenderem o futebol, generalizando que a maioria do gênero feminino desconhece a maioria das normas do futebol.

Ainda nesse ano, o jornal publica um aumento na venda de calcinhas com as cores da bandeira do Brasil, principalmente aquelas que contêm cristais energizantes. Algo parecido é observado anos antes na edição de nº 236, em 1996, onde a colunista Sonia Biondo ironiza a relação entre a mulher e a bola, sendo incompatíveis, segundo ela:

Quem gosta de futebol sabe que é impossível fazer isso na companhia de mulher. Se houver mais de uma, então, a gritaria é enlouquecedora. Ficam repetindo coisas sem sentido, como: “coitadinho dele”, “ai, meu deus faz essa bola entrar” ou “olha só que pernas”. Daí para serem expulsas da sala não demora, e elas terminam por ver o jogo sozinhas, votando no mais bonito, falando os palavrões que não tem coragem de enunciar na frente dos parceiros. Fora da Copa do Mundo, voltam rapidamente a ignorar futebol. Usam o noticiário esportivo para forrar a prateleira da despensa, e, em paz, recuperam aquele maravilhoso olhar perdido diante do esporte na TV, ao vivo, domingo à tarde. A bola, aliviada, agradece (grifo nosso).

Sobre a proximidade de torcedoras com jogadores da Seleção Brasileira, dados sobre isso podem ser encontrados em duas edições. Na primeira delas, o jogador Ronaldo Fenômeno é visto utilizando um brinco com formato da bandeira do Brasil que ganhou de uma torcedora do interior de Minas Gerais. Outras formas de apoio a Seleção foram citadas, ao destacar que os jogadores recebiam milhares de cartas durante o período de concentração para a Copa de 1998.

Acerca do torcer feminino, na edição de nº 207, em 1998, o jornal produziu a matéria “Lugar de mulher é ...” onde entrevistam torcedoras dos quatro maiores clubes do Rio de Janeiro. Destacadas como símbolos, essas torcedoras dão dicas e recomendações sobre como as mulheres devem e podem frequentar os jogos no Maracanã.

Uma dessas torcedoras símbolos merece destaque não apenas por sua atuação nas arquibancadas, mas também por sua filiação familiar. Cristiane é tricolor e neta de Nelson Rodrigues, um dos cronistas mais influentes do futebol brasileiro, cuja obra é fundamental para a construção do imaginário esportivo nacional.

Figura 32 - Matéria “Lugar de mulher é...”



Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 207, nov. 1998.

A partir do depoimento de quatro torcedoras de clubes cariocas (Fluminense, Vasco, Botafogo e Flamengo) é revelado trajetórias marcadas pela afetividade, resistência e apropriação do espaço do estádio. As narrativas destacam práticas cotidianas como a escolha de vestimentas funcionais, o posicionamento estratégico nas arquibancadas e o enfrentamento de situações de assédio ou invisibilidade. Embora relatem desafios relacionados ao machismo e à hostilidade de parte da torcida, as entrevistadas afirmam seu pertencimento ao espaço futebolístico com segurança, conhecimento e paixão. Suas experiências evidenciam a reconfiguração de normas de gênero nos ambientes esportivos. Assim, o estádio é ressignificado como um espaço também de vivência feminina e de afirmação identitária.

Os exemplos citados incluem mulheres que vão aos jogos com familiares ou sozinhas, que aprenderam a se proteger em meio à torcida masculina, e que criaram estratégias para lidar com o ambiente. Apesar das dificuldades, todas reforçam que

o estádio também é espaço para mulheres e encorajam outras a ocuparem esse lugar. Destaca-se que, na década de 1990, intensificaram-se os discursos sobre a participação das mulheres nas arquibancadas, incluindo menções a possíveis formas de união entre elas para vivenciar esse espaço de maneira mais livre e autônoma.

Sobre essa perspectiva progressista do torcer feminino, na edição de nº 127, em 1999, através da matéria “Raça feminina - mulheres descobrem no Maracanã um ótimo lugar para diversão” é destacado a crescente presença feminina nas arquibancadas do Maracanã, apontando o estádio não apenas como espaço de consumo de futebol, mas também como local de sociabilidade e lazer para grupos de mulheres.

Ao relatar experiências de torcedoras que frequentam clássicos cariocas, o texto evidencia a ressignificação do Maracanã como ambiente seguro e atrativo para o público feminino, em contraste com estigmas anteriores associados à violência e ao machismo. As mulheres entrevistadas afirmam sua autonomia, desmistificam riscos e reivindicam o estádio como espaço de pertencimento. Além disso, valorizam elementos como a amizade, o ritual da torcida e o próprio prazer em assistir ao jogo, sinalizando uma transformação nos modos de torcer e ocupar o espaço urbano esportivo. Por fim, o jornal pontua que torcidas femininas estão cada vez mais comuns nos arredores do Maracanã, em tendência crescente.

Figura 33 - Torcedoras representadas na matéria “Raça Feminina”



Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 127, ago. 1999.

Outro dado encontrado foi localizado na edição de nº 348, em 1999, a partir da matéria “uma beleza de clássico”. O jornal aborda como foi a celebração do dia da mulher no Maracanã, onde as torcedoras receberam presentes e entrada franca. Elogiando o torcer feminino, o jornal destaca como as mulheres possuem um jeito peculiar de torcer, grande aliado para diminuir a violência nos estádios. Segundo o jornal:

Apesar das confusões típicas de um jogo que reuniu mais de cem mil pessoas, o Maracanã foi um lugar mais tranquilo e civilizado - não é novidade para ninguém que o mais furioso dos hooligans ronrona feito um gatinho manhoso quando está cercado de mulheres por todos os lados. O templo do futebol virou uma ilha de tranquilidade - com algumas turbulências na entrada - e o futebol ficou mais feliz.

Por outro lado, a matéria adota uma perspectiva institucionalizada e simbólica de inclusão, marcada por ações comemorativas em alusão ao Dia Internacional da Mulher. A distribuição de flores, brindes e maquiagens reforça estereótipos de feminilidade, sugerindo que a presença feminina suaviza comportamentos agressivos e transforma o estádio em uma “ilha de tranquilidade”. Ainda que celebre a participação das mulheres, o texto inscreve-as em um papel pacificador e ornamental, valorizando sua presença por atributos estéticos e comportamentais associados ao “feminino ideal”.

O jornal continua com um protagonismo feminino, dando destaque a discussões sobre a criação de uma liga independente de futebol e a participação de um clube do bairro Barra da Tijuca no Campeonato Estadual. No primeiro exemplo, a torcedora do Flamengo Yasmin Vilhena discorda argumentando que a nova liga traria um caráter antidemocrático ao futebol. No outro exemplo, Vera Loyola, moradora da Barra da Tijuca, vibra com a ideia de ter seu clube jogando com os grandes cariocas. Inclusive, é torcedora do Flamengo, mas com a fundação do clube Barra ela deixaria de torcer pelo rubro negro.

Já em 1996, o jornal publica a sua matéria mais sexualizada das torcedoras. As fotografias centralizam mulheres vestidas com trajes sumários, como biquínis e camisetas curtas, em poses sensuais, reforçando uma representação que privilegia a estética corporal em detrimento do engajamento torcedor. As legendas e os textos de apoio enfatizam marcas de consumo (como roupas, cervejas e acessórios), articulando a figura feminina ao espetáculo, ao fetiche e à lógica mercadológica. Sob o anúncio de “Fla-Flu é a transa mais suada”, de autoria de Marcelo Tas, o jornalista

descreve o que o fez, paulista, torcer para o Flamengo, deixando claro que se encantou com o espetáculo de sua torcida. Em seguida, o jornalista Milton Montenegro, tece elogios ao clube das Laranjeiras.

Apesar de exaltar os dois clubes e suas torcidas, não é isso que é observado nas imagens. A representação de mulheres em poses sensuais, reforça estereótipos de gênero e enquadra a torcedora como objeto decorativo das arquibancadas, desprovida de voz ou pertencimento pleno ao universo do futebol. Em vez disso, suas presenças são reduzidas a elementos de sedução, contribuindo para a midiaticização do futebol como entretenimento visual masculino.

Portanto, tal material jornalístico exemplifica um dos mecanismos pelos quais a mídia esportiva contribuiu historicamente para a produção e reprodução de um imaginário excludente sobre as mulheres no futebol, reforçando as fronteiras simbólicas de gênero nas arquibancadas e na cultura torcedora. Apesar de evidenciar o protagonismo feminino, esse tipo de abordagem o faz a partir de uma perspectiva machista. Alguns trechos da matéria em questão estão destacados na imagem abaixo, localizada à esquerda.

Figura 34 - Torcedoras representadas na matéria “Fla-Flu é a transa mais suada” (imagem à esquerda) e Torcedora recebendo cumprimento do jogador Romário (imagem à direita)



Fonte: Jornal do Brasil, edições 69 e 283, década de 1990.

Ainda nesse aspecto, na edição de nº 283, uma torcedora do Fluminense tem sua beleza exaltada e valorizada em uma matéria que cita o beijo que ganhou do jogador Romário (imagem acima à direita). Ao ser eleita a musa do Rio, Susana Werner marcou presença em um evento na praia onde encontrou o jogador. O jornal publicou em sua capa uma imagem de Susana, vestindo um biquíni, ganhando um beijo na mão de Romário, melhor jogador do mundo na época e recém-contratado pelo Flamengo.

Além da sexualização e objetificação da figura feminina, observa-se um outro traço recorrente na construção midiática das torcedoras símbolos: a valorização de mulheres que possuem vínculos pessoais com figuras masculinas de poder dentro do universo futebolístico. Um exemplo emblemático é o da torcedora Tatyana, do Vasco da Gama, apresentada na edição nº 236, de 1992, em coluna assinada por Oldemário Touguinhó. Filha do então diretor jurídico do clube, Tatyana tem sua trajetória narrada com destaque, sendo descrita como uma torcedora “privilegiada”, frequentadora de São Januário desde os quatro anos de idade. Sua paixão pelo futebol é enfatizada a partir de sua presença contínua no estádio, sempre posicionada atrás do gol adversário, e de sua participação em peladas com os filhos de Eurico Miranda durante os intervalos das partidas.

Essa narrativa reforça a ideia de que o pertencimento feminino aos espaços do futebol, especialmente aqueles mais legitimados como o estádio, está condicionado a relações familiares ou de proximidade com homens que ocupam posições de prestígio no clube. Assim, ao mesmo tempo em que visibiliza uma torcedora com histórico de envolvimento com o clube, a mídia subordina essa vivência à mediação masculina, reiterando barreiras simbólicas à plena autonomia e protagonismo das mulheres no universo torcedor.

Acerca da prática do futebol pelas mulheres, um último dado foi encontrado e merece destaque. Na seção de carta dos leitores da edição de nº 289, em 1995, a torcedora Francisca Marta, envia uma carta prestando apoio à modalidade. Ao discutir sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, destaca:

Imagino que o preconceito que nossas jogadoras sofrem seja parecido com o que sofreram as primeiras jogadoras de basquete, quem sabe as primeiras jogadoras de vôlei. É o preconceito que sofrem todas as pioneiras, talvez o seu caso seja pior porque ousam invadir uma praia exclusivamente masculina. Assim, não importa muito a paixão de cada uma pelo esporte, a competência profissional, a disciplina; fala mais alto algo do tipo “futebol não é coisa de mulher”. Ponto final, as meninas e seus sonhos que esperem que lhes abram a porta ao pé de uma parede sem porta (grifo nosso).

Francisca acrescenta chamando a atenção de dirigentes esportivos e da mídia, ambos devem entender que o futebol feminino já era uma realidade no país e era papel deles apoiar a modalidade. Por fim, declara: “só não sei quanto tempo levará ainda para que a cabeça dos homens que dirigem o futebol neste país esteja mais atendida com o primeiro mundo”.

A partir dos dados analisados, destaca-se que a presença das torcedoras no *Jornal do Brasil* passou por diferentes representações ao longo do tempo. Inicialmente retratadas de forma mais tímida, com ênfase na beleza e elegância, essas mulheres passaram a assumir posturas mais ativas em sua forma de torcer. Ainda assim, toda essa trajetória foi marcada por preconceitos e pela constante tentativa de deslegitimação de sua presença nas arquibancadas. Apesar dessas dificuldades, com o passar das décadas, as torcedoras conquistaram maior visibilidade e autonomia, influenciando outras mulheres a ocuparem esses espaços.

No que se refere à figura da torcedora símbolo, os dados do *Jornal do Brasil* evidenciam uma forte associação com aspectos como o carnaval, as festas esportivas, a religião e o envelhecimento. Ao longo dessas características, foi possível perceber que a designação de 'símbolo' estava relacionada a certos traços recorrentes, algo que também se confirma quando analisamos o uso da terminologia 'torcedora símbolo' em jornais de diferentes regiões do país. A partir dessas observações, o parágrafo a seguir buscará aprofundar tais recorrências, evidenciando os sentidos atribuídos a essa figura em diferentes contextos.

Cabe destacar, por fim, que grande parte das matérias e formas de protagonismo concedidas às torcedoras pelo *Jornal do Brasil* foi produzida por jornalistas mulheres. Isso indica que a lacuna de representação foi, em parte, preenchida por um grupo historicamente engajado em ampliar vozes femininas. A presença dessas profissionais na cobertura não apenas rompe com a lógica da invisibilidade, como também permite a construção de narrativas que vão além da sexualização ou do tom jocoso frequentemente adotado por jornalistas homens ao retratar as torcedoras.

4.2 AS TORCEDORAS SÍMBOLOS

Após a discussão sobre a presença das torcedoras ao longo de uma década específica, o trabalho passa agora a se debruçar sobre a figura das torcedoras

símbolos ao longo dos anos. Embora a coleta de dados sobre as torcedoras símbolos tenha sido realizada em um primeiro momento, sua apresentação neste ponto da dissertação, após a análise dos dados referentes às torcedoras cariocas, se justifica por razões metodológicas e analíticas. Tal escolha se dá pela necessidade de, primeiramente, percorrer a trajetória da mulher torcedora em seus diferentes papéis: como espectadora, chefe de torcida e figura atuante nas arquibancadas. Compreender esses caminhos prévios permite lançar um olhar mais aprofundado e contextualizado sobre a construção da torcedora símbolo.

Inicialmente, apresenta-se abaixo uma lista com os nomes das torcedoras símbolos identificados na primeira etapa da coleta, que totalizou 118 registros. No entanto, é importante destacar que esse número não corresponde a 118 torcedoras distintas, uma vez que algumas delas foram mencionadas mais de uma vez, em diferentes jornais e momentos. Ao todo, foram identificadas 55 torcedoras, cujos nomes e respectivos clubes ou esportes estão organizados no quadro a seguir.

Figura 35 - Quadro de torcedoras símbolos, encontradas na 1ª coleta de dados por meio do recurso de pesquisa por palavras-chave (torcedora símbolo)

Modalidade	Clube ou Delegação	Torcedoras
Futebol	America - RJ	Tia Ruth
Futebol	Bangu - RJ	Maria Amélia
Futebol	Botafogo - RJ	Maria Amélia; Sonja Martinelli; e Tia Nininha
Futebol	Campinas - SP	Conceição
Futebol	Cetral – PE	Maria do Socorro Menezes
Futebol de salão	Clube dos Oficiais – PR	Graça
Futebol	Corinthians – SP	Dona Elisa; e Tia Dirce
Futebol	Coritiba – PR	Alba Mazza
Futebol	Cruzeiro – MG	Maria Abdala Ibrahim
Futebol	Cuiabá – MT	Mariana Fernandes Macedo
Futebol	Delta – SP	Maria Tereza Dantas
Futebol	Flamengo – RJ	Dona Laura; Lia Formiga; e Dona Zica

Futebol	Fluminense – RJ	Dona Cléia; Tia Helena; e Susana Werner
Futebol	Goiás – GO	Tia Fia
Futebol	Guaratinguetá – SP	Ana Maria
Futebol	Inter de Limeira – SP	Maria Inês
Futebol	Internacional – RS	Terezinha Morango
Futebol	Jabaquara – SP	Maria Gonçalves
Futebol	Náutico – PE	Dona Lia
Futebol	Operário de Ponta Grossa – PR	Dona Alice
Futebol	Ouro Preto – SP	Dona Zica
Futebol	Ponte Preta – SP	Dona Ana; e Dona Conceição
Futebol	Randon – RS	Norma
Futebol	River Plate – Argentina	Haydê Martinez
Futebol	Santos – SP	Sílvia Rezende; Lígia; Dona Luiza; Lígia; Tereza Campino; Dona Rivalda; e Emilia
Futebol	São José – SP	Cathy
Futebol	São Paulinho do Catiapoã – SP	Celeste
Futebol	São Paulo – SP	Filhinha
Futebol	Sport – PE	Dona Maria José
Futebol	Taubaté – SP	Dona Ditinha
Fórmula 1	Sem delegação	Maria Helena
Futebol	Seleção Brasileira	Sônia Braga
Olimpíadas	Brasil	Dona Dedé
Baseball	Sem delegação	Jane Fonda
Bocha	Sem delegação	Josefá Blanco de Souza
Futebol	Vasco – RJ	Sandra Barros; Conceição; Dona Marli – Xuxa; Eunice Cândida Teixeira; e Dulce Rosalina

Futebol	Vila Nova – GO	Nadir
Futebol	Vila Nova – MG	Dona Adelina – Negrinha

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Tal quadro buscou mapear todas as 55 torcedoras símbolos encontradas na busca por palavras-chave no portal Hemeroteca Digital. A partir dos dados coletados, as informações foram organizadas em uma planilha, na qual se estabeleceram categorias como: edição, página, data de publicação, data da ocorrência, resumo do conteúdo, localidade, clube mencionado e palavras-chave que evidenciam as principais características de cada registro. Essa sistematização visou facilitar a análise qualitativa e quantitativa das ocorrências, permitindo identificar padrões de representação e recorrências temáticas ao longo do tempo.

No que diz respeito à distribuição geográfica das torcedoras identificadas, observa-se uma predominância nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Tal resultado era, em certa medida, esperado, considerando-se que a maior parte dos periódicos e revistas utilizados na coleta de dados possui sede ou circulação concentrada nessas regiões. Além disso, ambos os estados desempenharam papel central no processo de consolidação e popularização do futebol no Brasil, sendo considerados pioneiros na prática e difusão da modalidade esportiva no país.

Dentre as palavras-chave recorrentes nos registros analisados, destacam-se: chefe de torcida, fã, amuleto da sorte, caravanas, liderança, falecimento, opinião, humor, beleza, religiosidade, influência, ídolos, musas, envelhecimento e apoiadora. A frequência desses termos evidencia não apenas os papéis atribuídos às torcedoras nas narrativas midiáticas, mas também os valores e representações simbólicas associados à presença feminina no universo do futebol ao longo do tempo.

Além disso, ressalta-se que em Minas Gerais¹⁴ também faz parte dos estados da região Sudeste em que foram encontrados dados no portal Hemeroteca Digital. Na região sul, foram encontrados dados acerca de torcedoras do Rio Grande do Sul

¹⁴ Percebe-se a escassez de registros sobre torcedoras símbolos em Minas Gerais ao longo de 50 anos de análise. Apenas duas foram encontradas: Maria Abdala Ibrahim, do Cruzeiro, e Dona Adelina, do Vila Nova. A trajetória de Maria Abdala é pouco documentada, apesar de sua eleição como torcedora símbolo em 1966. Os dados sobre outras figuras marcantes, como Salomé, Vovó do Galo e Dona Zuzu, só surgem a partir da década de 2010.

e Paraná. Já na região Centro-Oeste, a busca concentrou-se nos estados de Mato Grosso e Goiás. Por fim, ressalta-se a falta de dados encontrados sobre torcedoras nas regiões Norte e Nordeste. Entre os 16 estados que compõem essas duas regiões, apenas o estado de Pernambuco foi citado através de suas torcedoras símbolos: Dona Maria José, Dona Lia e Dona Maria do Socorro. Tal distribuição pode ser observada abaixo no mapeamento geográfico das torcedoras símbolos, realizado pelo software QGIS 3.22.

Figura 36 - Divisão geográfica de torcedoras símbolos, encontradas na 1ª coleta realizada pelo QGIS



Fonte: Elaborada pela autora. QGIS (2024).

Ademais, é necessário ressaltar que existem estados onde foi localizado a citação a mais de uma torcedora símbolo. As regiões com mais dados encontrados foram São Paulo e Rio de Janeiro, totalizando 30 torcedoras símbolos. Em seguida, nos estados do Rio Grande do Sul e Pernambuco, três torcedoras símbolos foram encontrados em cada um deles. Goiás, Minas Gerais e Paraná são as regiões onde apenas duas torcedoras símbolos foram localizadas.

Entre os dados encontrados na primeira coleta foram encontradas matérias, fotos e entrevistas com algumas torcedoras símbolos, como: Dona Elisa (Corinthians); Dulce Rosalina (Vasco da Gama); Dona Conceição (Ponte Preta); Filhinha (São Paulo); entre outras. Exemplos dessa participação podem ser observados quando há discussões nas páginas da revista sobre o desempenho dos

times em campo, onde a opinião das torcedoras símbolos são apresentadas, destacando sua relevância para os demais torcedores.

Os dados coletados correspondem a uma múltipla gama de torcedoras. Sendo elas identificadas em diferentes clubes, torcidas, estados e em variadas modalidades esportivas. Apesar do volume expressivo de registros, a maioria consiste em menções breves ao nome dessas mulheres, com destaque para o anúncio de suas aparições em jogos, participação em torcidas e outras atividades. Nesse sentido, o número de imagens localizadas foi reduzido, evidenciando um apagamento visual das torcedoras nos registros jornalísticos, que limita sua visibilidade e reforça sua marginalização no imaginário esportivo midiático.

Possuindo diferentes idades, a representação dessas mulheres é também observada em formas plurais. Algumas ganham matéria sobre elas, são entrevistadas, têm suas fotos publicadas e um pouco de suas trajetórias retratadas. Já outras, são brevemente citadas por meio de sua participação nos jogos ou em outras atividades atreladas ao torcer.

Ademais, também foram observadas torcedoras de times formados pelo clube dos oficiais do exército, futebol de várzea, clubes do interior, times de bocha e futebol de areia. Tal variedade contribui para a compreensão das torcedoras símbolos como não sendo atreladas unicamente ao futebol profissional. Apesar de representarem uma grande variedade de clubes, alguns deles possuem mais de uma torcedora símbolo identificada pelos jornais. Aumentando o entendimento dessas torcedoras como figuras múltiplas.

Dona Elisa foi a torcedora com maior projeção nacional, aparecendo em dezenas de registros e sendo mencionada por jornais de pelo menos sete estados diferentes. Sua trajetória inclui encontros com presidentes da República, participação no elenco de um filme sobre o Corinthians, presença em eventos oficiais do clube e até na partida de despedida de Pelé. Já Dulce Rosalina, também mulher negra e de origem humilde, ocupou um espaço que, historicamente, o futebol tentou negar às mulheres suburbanas, o que torna sua projeção simbólica ainda mais significativa.

Figura 37 - Presença de Dona Elisa no jogo de despedida do Pelé pelo Santos Futebol Clube



Fonte: Cidade de Santos, edição nº 6750, set. 1974.

Dona Conceição, torcedora símbolo da Ponte Preta, também teve papel de destaque na cena esportiva, não apenas por sua atuação no clube, mas pelas relações estabelecidas com torcedores de outros estados. Participando de caravanas, assistindo jogos de outros clubes com suas respectivas organizadas e participando de encontro de torcedores. A presença de torcedoras mais velhas, como ela, também revelou tensões em torno do etarismo, uma vez que muitos jornalistas questionavam se essas mulheres deveriam continuar ocupando as arquibancadas. Ainda assim, a imprensa frequentemente exaltava sua fidelidade como uma expressão legítima de amor ao clube.

Um traço marcante nas representações das torcedoras símbolo é a relação próxima que muitas delas estabeleciam com os jogadores e dirigentes dos clubes. Esse vínculo favorecia o acesso a espaços restritos, como treinos, festas, viagens e até mesmo jogos internacionais. Ganhavam ingressos, presentes e mantinham relação direta com atletas, dando sugestões para melhorar a performance da equipe no campo. Seja como conselheira ou figura materna, as torcedoras adentram novos espaços e ganham confiança entre os torcedores.

Entre as torcedoras cariocas, era comum o gesto de entregar flores, imagens de santos, terços ou conselhos aos jogadores. Em muitos casos, elas faziam perguntas que os próprios jornalistas desejavam fazer. Essa relação de intimidade é

bem ilustrada na matéria do *Jornal do Brasil*, de 1983, que mostra jogadores do Fluminense pedindo bênção à Dona Cléia, enquanto ela assistia ao treino sentada à beira do campo.

Figura 38 - Dona Cléia presente no treino do Fluminense



Depois, cumprimentou D. Cléia, a torcedora-símbolo

Fonte: *Jornal do Brasil*, edição nº 197, out. 1983.

Por outro lado, essa visibilidade também se manifestava nos momentos de dor. As torcedoras símbolo frequentemente apareciam chorando após derrotas ou rebaixamentos dos clubes, como no caso de Dona Ruth, torcedora símbolo do America, que teve fotos suas chorando publicadas em diversos jornais cariocas, em uma delas, sendo consolada pelo jogador Romário. Além disso, algumas eram alvo de caricaturas ou músicas que ridicularizavam sua dedicação, como a canção “Pobre Elisa”, publicada pelo jornal *A Tribuna* em 1991. Após uma derrota, muitos jornais viam nas torcedoras símbolos uma oportunidade de dramatizar ainda mais essa perda, como observado na imagem abaixo onde a torcedora americana Dona Ruth é capa na matéria sobre a derrota para o Fluminense.

Figura 39 - Dona Ruth sendo utilizada para representar todos os jogadores após derrota do América



Fonte: Jornal dos Sports, edição 22997, 26 jan. 2004.

A figura da torcedora símbolo também aparece como construção ocasional e até efêmera. Algumas mulheres ganham esse título após um momento de forte comoção pública, como o caso de Sonja Martinelli, que recebeu o nome de torcedora símbolo do Botafogo após ser fotografada chorando durante um jogo, aos 11 anos de idade, em 1988. Já em tempos recentes, essa construção simbólica migra para o universo digital, como no caso de Nando Galdino, conhecido como Nando Gald, torcedor símbolo do Vasco que viralizou nas redes sociais. Gay e drag queen, Nando relata sua vivência nas arquibancadas e quebra estereótipos com um perfil não hegemônico de torcedor, revelando novas formas de representação e pertencimento no cenário atual, marcado pela lógica das redes e pela ampliação de vozes dissidentes.

Dentre os periódicos analisados, destaca-se a atenção a criação de uns espaços específicos dedicados às torcedoras, como observado na *Revista Vida Esportiva: hebdomadario sportivo e mundano*, que, na década de 1910, criou a “Galeria das Torcedoras”. Esse espaço era destinado à apresentação das torcedoras, felicitações de aniversário, anúncio de festividades, declarações de amor e mensagens de apoio ao clube. Além disso, muitos jornais buscaram compreender as características desse novo personagem que surgia nas partidas. Essa tentativa é

evidente nas análises de perfis, prática comum em diversas publicações da época. Ainda nessa década, surgiram colunas dedicadas a discutir sobre a origem do torcer.

Inúmeras fotografias corroboram a participação ativa das torcedoras nos jogos. Nas arquibancadas ou tribunas, elas cantavam, vibravam e sofriam com as partidas. Há registros também de torcedoras que participaram de brigas após os jogos, cobrando diretores e presenteando o clube com camisetas para os jogadores. Atos de amor ao clube eram frequentemente evidenciados em matérias específicas sobre as torcedoras. Um exemplo é a edição de nº 258 do *Jornal do Brasil*, em 1960, que destacou a torcedora mais antiga do Bonsucesso, intitulado-a como a torcedora número um.

Outro ponto de discussão relevante é o fato de algumas torcedoras símbolos só serem reconhecidas pelos jornais após seu falecimento. Nesses casos, suas contribuições nas arquibancadas eram exaltadas e consideradas de grande valor para o esporte. Essa problemática é ilustrada pelos dados encontrados sobre a torcedora Maria Amélia (Bangu-RJ). Todos os registros sobre ela nos jornais estavam relacionados à sua morte. Identificada como integrante da Torcida Leal, Maria Amélia foi exaltada como uma torcedora que nunca deixou de frequentar partidas importantes do Bangu.

É necessário destacar que a década de 1990 concentra a maioria dos registros relacionados ao falecimento de torcedoras símbolos, bem como às homenagens e lembranças de suas trajetórias nas arquibancadas. Nesse período, observa-se uma ênfase nos discursos nostálgicos da imprensa, que lamenta o desaparecimento das pioneiras das arquibancadas.

As homenagens como indicativo da influência e representação dessas mulheres podem ser vistas de diferentes formas e em diferentes momentos. Um dado importante é que a maioria delas ocorre após o falecimento da torcedora, como observado em diversos dados coletados na primeira coleta. Esse reconhecimento póstumo sugere que, embora tenham exercido papel ativo e central no cotidiano das torcidas, a valorização simbólica e institucional de suas trajetórias tende a se consolidar somente após sua ausência física. Tal dinâmica evidencia um processo de reconhecimento tardio, no qual a memória dessas mulheres ganha legitimidade sobretudo após sua morte. Observa-se, ainda, que a idade avançada frequentemente aparece como elemento justificativo das homenagens, associando

longevidade e fidelidade como critérios de distinção e celebração no universo das torcidas.

Além disso, com base nos dados coletados foi possível observar diferentes manifestações de torcedoras símbolos. Essa diversidade foi observada em divulgações de concursos que buscavam eleger a torcedora símbolo de determinados campeonatos e também em premiações onde essas mulheres eram indicadas. Um outro aspecto foi visto mediante a diferenciação entre o reconhecimento de ser torcedora símbolo do clube ou ser torcedora símbolo de uma determinada torcida, além de existir a figura que transita entre essas duas denominações, como por exemplo a torcedora Dulce Rosalina que foi evidenciada tanto como torcedora símbolo do Vasco da Gama quanto das torcidas das quais fez parte, sendo elas a Torcida Organizada do Vasco e a torcida RenoVascão.

Os dados analisados evidenciam diferentes formas de divulgação e reconhecimento das torcedoras símbolos. Como discutido anteriormente, a utilização da terminologia 'símbolo' segue certos padrões recorrentes, estando muitas vezes associada a torcedoras mais velhas, à religiosidade e à participação em concursos promovidos por clubes ou pela imprensa esportiva. Esses elementos reforçam a construção simbólica dessas mulheres como figuras de destaque nas arquibancadas, ancoradas em valores como tradição, devoção e longevidade. Tal aspecto pode ser observado na imagem abaixo, trata-se de uma fotografia da torcedora Dulce Rosalina disponível em uma matéria sobre ela na Revista do Esporte em 1959 rezando sob a legenda “Ela pede a todos os santos que ajudem o Vasco a triunfar”.

Figura 40 - Imagem de Dulce Rosalina rezando pelo Vasco da Gama



Fonte: Revista do Esporte, edição 00013, 06 jun. 1959.

Outro aspecto que merece atenção é o deslocamento do foco em aspectos da beleza das torcedoras para a prática do torcer em si. Esse movimento reforça a construção da torcedora símbolo como uma figura marcada pela longevidade e pela fidelidade ao clube, evidenciando que a aparência física deixa de ser o principal critério de valorização. Nesse contexto, destacam-se mulheres mais velhas, cuja trajetória nas arquibancadas ganha centralidade, em detrimento de atributos tradicionalmente associados ao feminino observados em dados na primeira metade do século XX.

Resta ainda observar outra problemática relevante: por que algumas torcedoras ganham maior visibilidade nos registros enquanto outras permanecem à margem? Tal questionamento nos conduz à necessidade de considerar os múltiplos fatores que influenciam essa visibilidade, entre eles aspectos de classe, raça, idade, filiação política, posicionamento nos espaços públicos e até o clube ao qual estavam associadas. Ao lançar mão da perspectiva da interseccionalidade, é possível compreender como essas diferentes dimensões se entrelaçam na construção das representações midiáticas e históricas. Assim, a maior ou menor presença de determinadas torcedoras nos jornais não deve ser entendida apenas como reflexo de sua atuação, mas também como resultado de estruturas sociais que definem quem é digno de memória, de prestígio e de repetição simbólica.

Apesar do número expressivo de torcedoras símbolo identificadas, é fundamental reconhecer que nem toda torcedora se enquadra nessa categoria,

mesmo quando apresenta trajetórias e características semelhantes. Nem toda torcedora é considerada símbolo, e os motivos para isso merecem ser debatidos com atenção. Há muito significado no que permanece não dito, nos silêncios da memória e nos contextos que não foram contemplados pelos registros analisados.

Além disso, há o limite metodológico de tentar compreender as transformações no entendimento de 'torcedora' a partir de periódicos de uma única região. O Rio de Janeiro, embora tenha sido a capital federal por décadas e exerça protagonismo histórico no futebol brasileiro, não pode representar a totalidade do fenômeno. Isso suscita novas questões: quem foram as torcedoras símbolo em outros estádios? Como se deu a trajetória dessas mulheres e quais convergências ou contrastes existem, ao longo do século XX, em relação às cariocas?

Por fim, observou-se a escassez de acervos sobre torcedoras. Buscas em plataformas digitais, arquivos de clubes e blogs de torcedores revelam a falta de imagens, dados e narrativas sobre as mulheres que personificam a paixão clubística. Predominantemente, suas histórias são lembradas, e mesmo assim de forma limitada, apenas após o falecimento, reforçando um padrão de reconhecimento póstumo que silencia ou minimiza suas contribuições em vida.

4.3 DULCE ROSALINA: A TORCEDORA MAIS QUERIDA DO VASCO

Diante do protagonismo das mulheres observado nos dados discutidos, uma figura específica chama a atenção: Dulce Rosalina, torcedora símbolo do Vasco da Gama. Dulce tornou-se sócia do clube aos dois anos de idade, e essa paixão permaneceu até o fim de sua vida, em janeiro de 2004. Vivendo nas proximidades de São Januário, na rua Amazonas, Dulce cresceu imersa no ambiente cruzmaltino (Silva, 2001). Desde cedo, sentia o clube não apenas como uma instituição esportiva, mas como parte de seu cotidiano, de sua vizinhança e de sua identidade. Filha de imigrante português, casou-se com o jogador Ponce de León, com quem teve dois filhos. Como afirmado anteriormente, Dulce foi a primeira mulher a presidir uma torcida organizada no Brasil, em 1956.

Em seu livro *Lugar de mulher é no futebol*, Daniela Araújo expõe os resultados de sua dissertação e aborda a trajetória da torcedora vascaína por meio de três momentos. O primeiro deles retrata os modos de torcer das décadas de 1950 e 1960; o segundo, os momentos de crise de representatividade de Dulce dentro da

torcida vascaína; e o terceiro, o debate sobre sua figura diante do torcer feminino na contemporaneidade.

Para a autora, Dulce ocupou espaços de maneira única, ao representar a mulher torcedora pelo seu torcer em si. Diferente de outras representações femininas nas arquibancadas, muitas vezes centradas na beleza e na estética, Dulce destacava-se por suas opiniões, ações e presença ativa. Ao romper com esse padrão de embelezamento do futebol, reafirmou o papel das mulheres como sujeitas políticas nas arquibancadas: participava de caravanas, cobrava a diretoria e opinava sobre as eleições do clube. Sua atuação política era rara à época.

Logo, pode-se afirmar que “a legitimação do seu poder torcedor é inversamente proporcional à representação de suas características femininas, tais como a adjetivação por ‘senhorita’, ‘moça’ ou ‘alegre’”. Ao contrário do perfil das torcedoras da Torcida Feminina do Vasco, Dulce Rosalina foi construída a partir de atributos como liderança impositiva, personalidade aguerrida, força e não submissão aos mandos dos dirigentes vascaínos (Araújo, 2025, p. 153).

Tal aspecto pode ser observado na edição nº 207 do *Jornal do Brasil*, publicada em 1965, em uma entrevista com Dulce Rosalina sobre suas expectativas para o "duelo das torcidas". Nela, o jornal a apresenta como uma torcedora capaz de fazer de tudo pela torcida vascaína, até mesmo entrar em confronto físico com a torcida adversária, representada por Tarzan, torcedor símbolo do Botafogo. Durante a entrevista, Dulce afirma não ter medo da polícia e relata já ter sido presa em nome de seu amor pelo Vasco.

Além disso, é apontada como precursora no uso de papel picado nas arquibancadas, prática que viria a se tornar marca das festas torcedoras nos estádios. Seu comprometimento com o coletivo vai além, ao custear ingressos para torcedores mais pobres do grupo, comprando materiais e instrumentos para a torcida e fazendo questão de frisar que não aceita nenhum tipo de ajuda financeira da diretoria do clube (Araújo, 2025). A construção dessa imagem de entrega absoluta e autonomia reforça seu lugar como símbolo vascaíno e como figura central nas dinâmicas de torcida da época, desafiando estereótipos de passividade atribuídos às mulheres nos estádios.

Ao romper com o padrão de embelezamento frequentemente associado às mulheres no futebol, Dulce reafirmou seu papel como sujeito político nas arquibancadas. Sua entrega ao clube era tamanha que influenciou até mesmo suas

escolhas de vida. Segundo depoimento resgatado pelo portal *Torcidas do Vasco* (2016), Dulce relatou que chegou a considerar trabalhar no comércio ou na indústria, mas optou por não seguir esse caminho por acreditar que isso a afastaria de sua dedicação ao Vasco. Seu desejo era poder dedicar integralmente seu tempo ao clube¹⁵.

A fala evidencia não apenas a dimensão afetiva de seu torcer, mas também o quanto esse pertencimento atravessava questões existenciais e de identidade. O clube não era apenas um espaço de lazer, mas o eixo estruturante de sua vida cotidiana e emocional. Fazendo parte intrínseca de sua vida, Dulce frequentemente colocou o clube como prioridade absoluta. Um episódio marcante que ilustra esse comprometimento ocorreu quando sofreu um grave acidente com o ônibus da torcida, no qual ficou seriamente ferida. Após um longo e difícil processo de recuperação, seu primeiro desejo foi voltar a ver o Vasco jogar.

Ainda assim, apesar de seus atos de transgressão, Dulce enfrentou inúmeros desafios relacionados à invalidação do seu torcer. Por ser mulher, precisou legitimar-se constantemente diante dos homens, torcedores e jornalistas, que acompanhavam e noticiavam suas ações. Foi criticada por sua liderança, especialmente ao apoiar um candidato à presidência do clube. Chegou a sofrer ameaças de perder seu título de sócia, como forma de retaliação à sua postura crítica e atuante. Sofreu também um apagamento simbólico: mesmo eleita a maior torcedora do país, nas Copas de 1954 e 1966 viu o torcedor Jaime de Carvalho ocupar o posto de chefe da torcida brasileira, desconsiderando sua trajetória e relevância (Araújo, 2025).

Além disso, sofreu racismo por parte de torcedores rivais, mas fazia questão de ressaltar que foi justamente o posicionamento do Vasco contra o preconceito racial, na década de 1930, que a fez escolher o clube para torcer (Araújo, 2025). Sua identificação com a história de lutas sociais da instituição reforça que sua relação com o futebol não era apenas familiar ou afetiva, mas também política. Destoava, inclusive, do estereótipo da “mulher de jogador”, pois seu vínculo com o clube antecede o casamento com Ponce de León, subvertendo a lógica machista presente na ideia de “maria-chuteira”, mesmo antes dessa expressão se consolidar no senso comum.

¹⁵ TORCIDAS do Vasco. 100 anos da torcida vascaína. 2016. Disponível em: <https://torcidasdovasco.blogspot.com/2016/12/vasco-2016-livro-100-anos-da-torcida_11.html>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Mesmo diante de conflitos e dificuldades, Dulce Rosalina recebeu amplo apoio de parte da torcida vascaína, tanto em momentos de crise quanto de celebração. Após seu falecimento, em 2004, seu nome foi homenageado como nome de rua nas proximidades de São Januário, perpetuando sua memória no território vascaíno. Dulce segue sendo um dos principais nomes quando se pensa em torcedores fiéis no Brasil, reconhecimento que se sustenta também na pesquisa: ela foi a torcedora com o maior número de ocorrências encontradas no Rio de Janeiro e uma das mais citadas nacionalmente, ao lado de Dona Elisa, torcedora símbolo do Corinthians.

A relevância de Dulce ultrapassa os limites do clube e adentra o imaginário do torcer feminino no país. Como apontado no obituário publicado pelo *Jornal do Brasil*, ela foi (e continua sendo) a torcedora mais querida do Vasco. Ao afirmar que, mesmo lotado, o estádio de São Januário permaneceria vazio sem sua presença, o jornal não apenas presta homenagem, mas reafirma o papel central de Dulce na construção da identidade vascaína, na afirmação do torcer como prática feminina e na história do futebol brasileiro.

Figura 41 - Obituário da torcedora Dulce Rosalina



Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 287, jan. 2004.

4.4 BELEZA, TORCIDA, ANIMAÇÃO E VOTAÇÃO POPULAR: AS TORCEDORAS E OS CONCURSOS

Finalizando a análise, parte-se de um momento chave para evidenciar a importância das competições e premiações no universo do futebol para os torcedores. Há décadas, essas práticas fazem parte do imaginário esportivo, com concursos que elegem desde o melhor jogador, técnico e equipe, até a torcedora mais bela e a melhor torcida. No fim de 1959 ao início de 1960, a *Revista do Esporte* (RJ) promoveu um concurso que buscava eleger o maior torcedor do Brasil. Desde o primeiro dia de votação, a torcedora símbolo Dulce Rosalina (Vasco da Gama - RJ) aparece em primeiro lugar, onde permaneceu até os dias finais do concurso. E o resultado não poderia ser outro, Dulce foi vencedora com impressionantes 15.270 votos, enquanto o 2º colocado, Ramalho (Vasco da Gama - RJ) recebeu 6.800

votos. Em 3ª posição ficou Jaime de Carvalho (Flamengo - RJ) com 5.420 votos. Além disso, nesse concurso também foi observada a presença da torcedora símbolo Dona Elisa (Corinthians - SP), ficando em 6º lugar com 1.510 votos. Um dado importante a ser apresentado é que dos 15 torcedores que participaram do concurso, havia apenas duas mulheres: Dulce Rosalina e Dona Elisa.

Figura 42 - Resultado do concurso para eleger o maior torcedor do Brasil em 1960



Fonte: Revista do Esporte, edição nº 00055 (1960).

Estando associados, ou não, a outras manifestações culturais, esses eventos são percebidos como um importante meio para a visibilidade das mulheres, figuras historicamente apagadas das narrativas esportivas. Diante desse destaque, a pesquisa investigou de que forma os concursos de torcedoras ajudaram a consolidar essa personagem no imaginário esportivo e quais modelos de comportamento feminino eram promovidos por essas práticas.

Sendo as identidades femininas presentes nas arquibancadas compreendidas como múltiplas (Araújo, 2022), é de imaginar que suas representações ocorrem em diferentes aspectos. Logo, ao passar das décadas, essas mulheres possuíam perfis únicos que dizem muito sobre como romperam barreiras que impediam sua presença no futebol e nas arquibancadas.

Para alcançar esse objetivo, palavras-chave foram utilizadas na categorização dos dados relativos aos concursos, de modo a organizá-los conforme as temáticas

predominantes em cada competição. Esse processo também possibilitou identificar aspectos relevantes, como a existência ou não de premiação para os vencedores e se havia distinções entre os prêmios destinados a mulheres e homens.

Inicialmente, os dados foram organizados conforme sua origem. De um lado, agruparam-se os concursos encontrados no *Jornal do Brasil*, fonte principal da pesquisa; de outro, os provenientes de demais jornais cariocas. Ambos os conjuntos foram considerados relevantes, uma vez que suas páginas contribuem para reconstruir a trajetória de figuras importantes nas arquibancadas, além de auxiliar na compreensão dos papéis femininos em diferentes períodos históricos.

A partir dessa divisão inicial, foi possível identificar não apenas a recorrência dos concursos ao longo das décadas, mas também as mudanças em seus formatos, critérios e discursos associados aos perfis dos periódicos. Observou-se, por exemplo, uma variação no perfil das candidatas e nos atributos valorizados em cada época, o que reflete transformações sociais mais amplas sobre o papel da mulher no universo esportivo e na sociedade brasileira como um todo.

Os dados localizados no *Jornal do Brasil* referem-se, majoritariamente, a concursos que buscavam eleger torcedoras com base em critérios de beleza ou outras características relacionadas à aparência física. O primeiro registro foi em setembro de 1922. Nesse período, era comum a realização de festivais promovidos por clubes, que reuniam diversas atrações e competições esportivas como parte das comemorações. No caso específico, celebrava-se o primeiro aniversário do Bruxelas Football Club, evento que incluía partidas de futebol, provas de corrida, salto em distância e arremesso de dardos. Entre as atividades programadas, destacou-se ainda a realização de um concurso de beleza, que visava eleger a torcedora mais bonita e a mais simpática. De acordo com o regulamento, cada clube deveria indicar uma representante para a disputa, sendo a vencedora escolhida por maioria de votos.

Em 1924, um registro semelhante é localizado nas páginas do *Jornal do Brasil*, desta vez relacionado às festividades em homenagem ao Itamaraty Football Club. O evento anunciava uma programação diversificada, incluindo partidas de futebol entre clubes representantes dos bairros cariocas. A notícia destaca, ainda, que a “torcedora mais sympathica” receberia uma “grande surpresa” como premiação. No entanto, poucas informações foram disponibilizadas sobre o conteúdo

desse prêmio ou sobre a eventual participação de torcedoras vinculadas a outros clubes.

Por fim, os demais registros encontrados no *Jornal do Brasil* reforçam a valorização de atributos estéticos das torcedoras, muitas vezes em detrimento de sua atuação como torcedoras propriamente ditas. O foco dessas iniciativas recai, predominantemente, na exaltação da beleza e da simpatia feminina, apagando ou secundarizando o ato de torcer como prática engajada e legítima.

A ampla presença de concursos voltados às torcedoras foi observada em diversos jornais cariocas ao longo das décadas, evidenciando como essas disputas se tornaram um recurso recorrente nos noticiários esportivos e femininos. As principais fontes identificadas foram os periódicos: *Vida Esportiva*, *Jornal das Moças*, *O Imparcial*, *O Paiz*, *Correio da Manhã*, *Sport Ilustrado*, *Última Hora*, *Jornal do Commercio*, *A Rua*, *A Noite*, *Beira-Mar*, *Arealense*, *Gazeta de Notícias*, *Diário da Noite*, *A Manhã*, *Jornal dos Sports*, *Flan*, *Revista do Esporte* e *A Luta Democrática*. A recorrência do tema nos impressos aponta para uma prática disseminada no cenário esportivo e midiático do Rio de Janeiro, envolvendo clubes de diferentes proporções e públicos.

O primeiro concurso registrado foi identificado na edição de setembro de 1918 do jornal *Vida Sportiva*, com o título: “Concurso de Belleza: qual a mais bella torcedora?”. A iniciativa era apresentada como uma homenagem às leitoras do periódico e incentivava a participação de torcedoras de outros estados. O sistema de votação previa que os leitores recortassem um cupom impresso no jornal, preenchessem com sua escolha e o enviassem para a redação. As vencedoras teriam suas fotografias publicadas nas páginas do jornal. Em edições seguintes, a apuração parcial foi divulgada, com destaque para o empate entre as torcedoras Helena Leal e Sarita Porto, esta última identificada como torcedora do Bonsucesso.

No mesmo ano, o *Jornal das Moças* promoveu o concurso “Qual a torcedora mais apaixonada?”. Para participar, as candidatas deveriam enviar um cupom com seu nome, o clube para o qual torciam e um pseudônimo do votante, além de fotografias que seriam publicadas semanalmente até o fim da disputa. O concurso também solicitava broches dos clubes e incentivava o envio de bilhetes e objetos simbólicos, evidenciando o valor dado à estética, à performance e à afetividade. Os prêmios incluíam itens de beleza, broches personalizados e, sobretudo, a presença na capa da revista. A vencedora foi Ruth Mendonça, torcedora do America Football

Club, que esteve à frente durante toda a competição, conforme as apurações parciais também publicadas.

Durante a década de 1920, os concursos tornaram-se ainda mais frequentes. O *Vida Esportiva* organizou disputas específicas para eleger as torcedoras mais belas, simpáticas e formosas dos clubes Botafogo, Fluminense e Flamengo. Outros periódicos, como *O Paiz* e *O Imparcial*, realizaram concursos semelhantes voltados aos clubes Cascadura e Mackenzie.

O jornal *Sport Ilustrado* promoveu concursos para eleger as torcedoras mais “renitentes” (fiéis) de clubes como Flamengo e Botafogo. Este último também foi objeto de uma disputa organizada em parceria com o *Jornal do Commercio*, cujo objetivo era eleger a “mais formosa e graciosa senhorinha torcedora do Glorioso”. A vencedora foi Dagmar Braga, consagrada durante o Festival do Botafogo.

Concursos baseados na performance do “torcer” também ganharam espaço. Em 1922, o *Correio da Manhã* anunciou um concurso idealizado por um grupo de sportmen para eleger a maior torcedora do Rezende. Cada cupom valia dois votos, e a vencedora foi anunciada durante o festival do clube em janeiro daquele ano.

Além disso, concursos vinculados à noção de “rainha” foram observados. Em 1926, o jornal *O Paiz* organizou a eleição da Rainha dos Sports Suburbanos, com votos vindos de torcedores de pequenos clubes da capital. A torcedora Ida Vellez, do Irajá, foi uma das mais votadas. No ano seguinte, o jornal *A Rua* realizou concurso semelhante, elegendo Ermelinda Vieira como a torcedora mais bela do clube Irajá.

Vale mencionar ainda o caso do *Sport Ilustrado*, que iniciou em 1920 um concurso para eleger a torcedora mais bela da cidade, mas acabou cancelando-o após algumas edições. Em seu lugar, foi criada a competição “Qual a maneira mais engraçada de se fazer uma torcida?”, cujo prêmio era um relógio de ouro.

Em 1921, o jornal *O Imparcial* promoveu o concurso “Rainha das Torcedoras da Primeira Divisão”, que incluía, em sua justificativa, um destaque ao papel decisivo das mulheres no futebol carioca, apontando as torcedoras e suas belezas como incentivo à presença masculina nos jogos. O texto dizia:

As torcedoras têm no football carioca um papel saliente, às vezes, até decisivo nas diferentes pugnas. Pode-se mesmo dizer que o amor pelo jogo bretão subsiste e se desenvolve, entre nós, não tanto pelo sport propriamente, mas pelo estímulo, dos mais preponderantes, que lhe dá o elemento feminino, com toda constância.

Já em 1929, o jornal *A Noite* lançou uma grande competição que premiou três categorias: o mais completo esportista brasileiro, o vencedor do concurso de palpites dos jogos de football e a mais bela torcedora do Brasil. O prêmio para os vencedores era um conversível, um item de altíssimo valor para a época, revelando o grau de importância atribuído à participação feminina dentro da lógica de espetáculo esportivo.

Na década de 1930, o perfil dos concursos começou a se transformar. Em vez de focar exclusivamente na beleza, os jornais passaram a buscar a “torcedora mais popular”, como registrado na edição nº 46 do jornal *A Manhã*. Contudo, o apelo visual e a valorização da aparência continuaram sendo elementos centrais.

Figura 43 - Recortes de concursos de beleza e melhor torcedora



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Já na década de 1940, o jornal *Gazeta de Notícias* promoveu um novo concurso para eleger a mais linda torcedora do futebol carioca. Em 1948, o *Diário da Noite* criou o concurso Miss Campeonato de 1948, que avaliava beleza, saúde e inteligência. A participação era exclusiva para integrantes dos quadros sociais dos clubes, e as cédulas de votação eram depositadas em urnas distribuídas nos campos cariocas em dias de jogo.

Em muitos desses concursos, as torcedoras eram descritas como “número um”, sendo exaltadas por sua presença constante, número de votos recebidos e privilégio de frequentar jogos com destaque. Essa lógica continuou presente, sobretudo, em concursos relacionados às torcedoras símbolos da Seleção Brasileira, especialmente em anos de Copa do Mundo.

Nos anos 1950, os concursos promovidos pela imprensa esportiva passaram a valorizar mais os torcedores e suas trajetórias nas arquibancadas. Um exemplo dessa mudança pode ser observado no *Jornal dos Sports*, que lançou o concurso “A história do torcedor”. Nele, os leitores eram convidados a enviar cartas contando suas experiências nas arquibancadas, declarando o amor pelos clubes e as loucuras já cometidas em nome do futebol. No mesmo jornal, em 1957, foi lançado um concurso para eleger torcedores em diferentes modalidades, como: torcedora mais elegante, torcedora mais esportiva, torcedor mais original e portador da maior bandeira.

Figura 44 - Recortes de matérias sobre os concursos de torcedores



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Na edição nº 8339, a torcedora rubro-negra Elza Rodrigues tornou-se a primeira mulher a ter sua história publicada neste concurso, uma presença pioneira, mas não solitária. Ao longo de 1956, outras torcedoras também tiveram suas narrativas destacadas, revelando um espaço crescente para vozes femininas nas páginas do jornal.

Diferente marco significativo foi promovido pelo *Jornal dos Sports*, que organizou um concurso para eleger o “maior torcedor do futebol”. A vencedora foi a cruzmaltina Dulce Rosalina, jovem torcedora vascaína que já se destacava pela presença ativa nas arquibancadas e pela forte atuação nas competições de torcida da época. Durante boa parte da disputa, Dulce foi a única mulher mencionada nas

apurações parciais, o que ressalta ainda mais o impacto de sua vitória. Com apenas 21 anos, tornou-se símbolo da representatividade feminina no universo torcedor da década de 1950.

Além disso, vale destacar a promoção de disputas entre torcidas, como a realizada entre torcedores do Flamengo e do Fluminense, promovida pelo jornal *Última Hora* em 1952. Anos depois, em 1960, Dulce Rosalina voltou a se destacar ao vencer mais um concurso de torcida, também no *Última Hora*, superando o torcedor Ramalho, igualmente vascaíno.

Outro espaço de forte participação feminina eram os concursos de palpites, bastante populares nas páginas do *Jornal dos Sports* ao longo da década de 1960. As mulheres figuravam com frequência entre as vencedoras, sendo muitas vezes protagonistas de matérias que valorizavam o “torcer feminino” e o conhecimento das mulheres sobre o futebol. Em algumas dessas ocasiões, o jornal tratava como inusitado o fato de uma mulher saber tanto sobre o esporte a ponto de superar os homens nos palpites.

Também eram comuns os concursos de “madrinha dos clubes”, como o promovido pelo jornal *A Noite*. Em sua edição nº 15.816, foram abertas as inscrições para o concurso de Madrinha do Flamengo. Para participar, as interessadas deveriam atender a três exigências: ser sócia ou torcedora do clube, ter mais de 18 anos, estar filiada a um posto de produção e apresentar uma fotografia em tamanho grande, que seria publicada no jornal. Dessa forma, a votação baseava-se no princípio de eleger a torcedora mais bonita, reforçando a associação da mulher no esporte a critérios estéticos.

Mais uma vez, a beleza feminina aparecia como critério central. Esse aspecto não se limitou aos anos 1950, permanecendo recorrente nas décadas seguintes. Nesse sentido, Chiés (2024, p.29) observa que as mulheres eram frequentemente reduzidas ao papel de coadjuvantes, destinadas a embelezar uma prática cultural concebida e valorizada como essencialmente masculina.

A natureza dos prêmios oferecidos também evidencia os estereótipos de gênero associados às mulheres. As torcedoras vencedoras receberam itens como maquiagens, perfumes, relógios delicados e jóias, presentes que reforçam uma associação entre o feminino e o universo da estética e do cuidado pessoal. Em contraste, os torcedores homens eram premiados com objetos ligados ao universo

do futebol, como relógios com o escudo do clube, ingressos para partidas e bandeiras.

Por fim, a análise dos concursos promovidos pela imprensa esportiva revela não apenas o crescente protagonismo das mulheres no universo das torcidas, mas também os limites impostos por uma lógica fortemente marcada por estereótipos de gênero. Embora torcedoras como Dulce Rosalina tenham conquistado visibilidade e reconhecimento em disputas tradicionalmente masculinas, a valorização da presença feminina esteve, muitas vezes, atrelada a atributos estéticos e à reafirmação de papéis sociais convencionais. Assim, os concursos funcionavam simultaneamente como espaços de expressão e de contenção, permitindo a participação das mulheres, mas dentro de moldes que reforçam a distinção entre o torcer masculino e o torcer feminino.

5 ENTRE TRIBUNAS E ARQUIBANCADAS: REFLEXÕES FINAIS SOBRE AS TORCEDORAS SÍMBOLOS CARIOCAS

A partir da contextualização do torcer feminino no Rio de Janeiro, foi possível observar as transformações que envolvem essa figura tão significativa para o cenário esportivo. Desde os primórdios do futebol no país, as mulheres ocuparam espaços e encontraram formas de expressar seu pertencimento clubístico. Inicialmente retratadas por sua beleza e elegância, sua participação era condicionada aos valores e expectativas sociais da época. Com um perfil elitista, as tribunas dos primeiros jogos delimitavam o acesso àqueles com condições socioeconômicas específicas, o que incluía, muitas vezes, ser sócio do clube e participar ativamente da sua vida social.

A vida social da primeira metade do século XX desempenhou um papel importante na ampliação da presença feminina em espaços públicos, como bailes, chás dançantes, festas esportivas e outras celebrações que tinham o esporte como meio de inserção. Ainda que as representações midiáticas dessas torcedoras estivessem majoritariamente associadas a mulheres brancas e de classes elevadas do Rio de Janeiro, o destaque dado a elas pelos jornais também abriu espaço para discussões sobre liberdade feminina e protagonismo na organização de festividades diversas, como bailes e blocos de carnaval.

Destaca-se a relevância dos concursos promovidos por jornais e clubes na reconfiguração da imagem da mulher torcedora, que passa a ser reconhecida não apenas por atributos estéticos, mas também por sua dedicação e identificação com o clube. Esses concursos funcionavam como espaços de visibilidade e consagração: ao conquistar o primeiro lugar, essas mulheres passavam a circular por outros ambientes, tornavam-se conhecidas entre os torcedores, ganhavam brindes, eram convidadas para jogos e recebiam homenagens em cerimônias oficiais, inclusive sendo retratadas em páginas de jornais.

Nessas novas representações, as torcedoras são apresentadas como agentes atuantes nas arquibancadas: criticam, participam de caravanas, constroem vínculos e tornam-se referência para outros torcedores. Quando convidadas a opinar, rompem com o estereótipo de que “mulher não entende de futebol”, reafirmando sua legitimidade no universo esportivo. Tal envolvimento também é

visível em concursos de palpites sobre placares, artilheiros e resultados dos jogos, revelando um conhecimento técnico muitas vezes negligenciado.

Esses avanços, no entanto, coexistem com desigualdades persistentes. Atitudes consideradas naturais entre os homens, como opinar, criticar ou expressar paixão intensa pelo clube, quando realizadas por mulheres, frequentemente são alvo de estranhamento, sátira ou deslegitimação. Essa tensão é revelada em colunas de humor, charges e matérias que abordam o torcer feminino dentro de limites estreitos, aceitando sua presença desde que ela se mantenha alinhada aos padrões de feminilidade impostos.

No que diz respeito à figura das torcedoras símbolo, o vínculo com o carnaval aparece como elemento central. A própria terminologia já circulava em blocos carnavalescos ligados a torcidas, e sua presença se destacava em festas esportivas e concursos organizados pelos clubes, com títulos como “rainha”, “madrinha” ou “torcedora número 1”. Pode-se afirmar, assim, que as primeiras torcedoras símbolo emergem justamente no entrelaçamento entre futebol e carnaval, ocupando espaços de celebração e organização.

Foi possível verificar o surgimento da questão da torcedora símbolo a partir da década de 1930, em consonância com o contexto das festas esportivas e da ampliação da cobertura midiática. Inicialmente, os enquadramentos simbólicos dessas torcedoras eram atribuídos sobretudo pelos próprios clubes e torcedores. Já nas décadas seguintes, essa atribuição passou progressivamente a ser conduzida pelos jornais, que passaram a exercer um papel central na legitimação dessas figuras.

A princípio, essas figuras não eram valorizadas por sua forma de torcer, mas por atributos como simpatia e capacidade de transitar entre os salões da elite e os ambientes esportivos. A recorrência de seus nomes em colunas sociais e esportivas reforça esse perfil, no qual a projeção social era mais relevante que sua atuação efetiva nas arquibancadas.

Com o surgimento dos concursos de torcida e o maior envolvimento das mulheres nas arquibancadas, a representação da torcedora símbolo passa a se transformar. O amor incondicional pelo clube, a dedicação contínua e a presença nos jogos tornam-se elementos centrais para a legitimação dessas mulheres. O tempo de arquibancada passa a ser valorizado como símbolo de fidelidade e

resistência, dando origem a figuras respeitadas inclusive dentro do universo das torcidas organizadas.

Ao mesmo tempo, observa-se um certo apagamento dessas torcedoras nos registros jornalísticos, evidenciado pela escassez de imagens e pela superficialidade das informações disponíveis. Muitas são mencionadas de maneira breve, sem que se conheçam seus nomes completos, clubes de coração ou trajetórias. Mesmo quando há imagens, estas geralmente reforçam enquadramentos estéticos ou emocionais do torcer feminino, evidenciando sentimentos como a dor, o choro e a paixão. Entre as que alcançam maior visibilidade estão as “donas” e “tias”, senhoras idosas cuja paixão pelo clube persiste apesar da idade, traço que a imprensa frequentemente trata como algo curioso ou excepcional.

A idade, nesse contexto, aparece como elemento ambivalente: ao mesmo tempo em que legitima o torcer pela longevidade e respeito conquistados, também funciona como limite simbólico, sendo retratada como desafio físico. A narrativa jornalística reforça, assim, uma ideia de heroísmo silencioso, associando essas mulheres à resistência corporal e à abnegação.

Em muitos casos, o reconhecimento pleno só ocorre após o falecimento dessas torcedoras. A partir da década de 1990, cresce a tendência de retratá-las como “santas” ou símbolos de um torcer idealizado, já desaparecido. Essa lógica nostálgica contribui para cristalizar suas imagens em moldes românticos, muitas vezes despolitizando suas trajetórias e apagando os enfrentamentos cotidianos que marcaram sua atuação nas arquibancadas.

Essa ausência de homenagens em vida, com exceções pontuais geralmente limitadas ao Dia da Mulher ou a efemérides, evidencia um processo de apagamento que é tanto institucional (por parte dos clubes) quanto cultural (por parte dos torcedores e da imprensa). Reconhecer essas mulheres é também desafiar os critérios que definem quem merece ou não ser lembrado na história do futebol brasileiro.

Dessa maneira, destaca-se a importância de pesquisas que se debrucem sobre essas trajetórias, como os trabalhos de Daniela Torres de Araújo sobre Dulce Rosalina. Estudos como esses contribuem para ampliar a compreensão do que significa ser uma torcedora símbolo e revelam as complexas camadas de gênero, classe, raça e geração que atravessam essas experiências. Além disso, é fundamental refletir sobre o que significa ser símbolo no presente, em um contexto

de crescente presença de coletivos de torcedores e de novas formas de engajamento por meio das redes sociais. Esses espaços propõem outras possibilidades de representação e ressignificação do torcer.

Por fim, este trabalho, ao construir um mapeamento exploratório das torcedoras símbolos no Brasil, contribui para refletir sobre a pluralidade dessas figuras. Os dados reunidos evidenciam representações em diferentes regiões do país, abrangendo distintas faixas etárias e formas de atuação. A pesquisa também aponta para a necessidade de investigações futuras que considerem os múltiplos marcadores sociais envolvidos na construção dessas trajetórias e os silenciamentos que ainda persistem. Afinal, é preciso seguir refletindo sobre porque nem todas as mulheres de reconhecida importância nas arquibancadas são compreendidas como torcedoras símbolo.

Reconhecer, documentar e valorizar essas trajetórias é também um gesto político de resistência e de memória. Que este trabalho possa contribuir para a construção de um futebol mais plural, onde as torcedoras sejam vistas não apenas como figuras decorativas, mas como protagonistas de suas próprias histórias. Honrando aquelas que abriram caminhos para novas formas de torcer no feminino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Vitor. Nas páginas do progresso: visões da modernidade na imprensa suburbana carioca (1900-1922). **História Social**, [S. l.], v. 19, n. 27/28, p. 250–281, 2025. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/5311>. Acesso em: 17 jul. 2025.
- ALVARENGA, Thiago Madureira. Ethé de comandos femininos de torcidas organizadas com base em imagens de Facebook. **Mosaico**, v. 15, n. 23, p. 597-625, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/rm.v15n23.2023.88562>. Acesso em 27 out. 2023.
- ANDRADE, Marianna Castellano Barcelos de. Muito além da arquibancada: sociabilidade feminina na Gaviões da Fiel. **Ludopédio**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/archibancada/sociabilidade-feminina-na-gavioes-da-fiel/>. Acesso em: 12 abr. 2024.
- ARAÚJO, Daniela Torres de. **Estrangeiras do próprio país: memória, espaço e representatividade das mulheres nas torcidas de futebol do Rio de Janeiro (1910 - 1950)**. Orientador: Bernardo Borges Buarque de Hollanda. 2023. 120 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2023.
- ARAÚJO, Daniela Torres de. **Lugar de mulher é no futebol: Dulce Rosalina, a primeira líder de torcida**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2025. 176 p.
- ARAÚJO, Daniela Torres de. **Lugar de mulher é no futebol: Dulce Rosalina e a representatividade feminina nas torcidas**. Orientadora: Ariane Diniz Holzbach. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Instituto de Artes e Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- ARAÚJO, Daniela Torres de. Representação do feminino: As múltiplas identificações das torcedoras de futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 15, n. 1, p.1-16, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/52790>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- AREIAS, Fábio. Sonja: o choro de uma glandula por seu amor ao Botafogo. **Ludopédio**, São Paulo, v. 125, n. 10, 2019. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/archibancada/sonja-o-choro-de-uma-gandula-por-seu-amor-ao-botafogo/>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica. **Contemporânea**, n.7, 2006, p. 45-55. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/contemporanea.2006.17576>. Acesso em: 04 mar. 2025.
- AZEVEDO, Leticia Silva. **Momentos de distinção e alegria: representações de lazer e gênero na Revista Bello Horizonte na década de 1930**. Orientadora: Flávia da Cruz Santos. 2024. 215 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Fisioterapia, Educação Física e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000200010>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 284-301, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74098>. Acesso em: 03 fev. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. 229 p.

BEZERRA, Danilo Alves. **Os carnavais do Rio de Janeiro e os limites da oficialização e da nacionalização (1934-1945)**. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. Boitempo, São Paulo, 2018. 252 p.

BOHM, Camila Camacho. **Um peso, uma medida**. o padrão de beleza feminina apresentado por três revistas brasileiras. 2004. 102 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Bandeirante de São Paulo. São Paulo, 2004.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Orientador: Bernardo Borges Buarque de Hollanda. 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BONFIM, Aira Fernandes. **Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)**. São Paulo: Aira Bonfim, 2023. 352 p.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Küh-ner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 159 p.

BRUHNS, Heloisa Turini. (Org.) **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Unicamp, 1997. 154 p.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Orientador: Silvio Ricardo da Silva. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e o lazer esportivo nos campos de futebol. In: **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Salvador, 2009. Disponível em: <https://gefut.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/04/7-campos-p-a-f-silva-s-r-mulheres-e-o-lazer-esportivo-nos-campos-de-futebol-in-xvi-conbrace-iii-conice-2009-salvador-anais-xvi-conbrace-iii-conice-2009.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2025.

CASTRO, Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 7, n. 10, 2010.

CERREIA, Nathalia Borges. **As torcidas antifascistas no Brasil**: um estudo sobre o ativismo online nas eleições presidenciais de 2018. Orientador: Felipe de Moraes Borba. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Centro de Ciências Jurídicas e Políticas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CHIÉS, Paula Viviane. As Sportswomen e a nova história: “gênero” enquanto categoria de análise histórica nos estudos do esporte. **Recorde**: Revista de História do Esporte. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-34, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/66202>. Acesso em: 06 abr. 2025.

COSTA, Leda Maria da. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”: identidade feminina e futebol. **XII Encontro Regional de História**. ANPUH Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2017/02/torcedorasleda-maria-da-costa.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2024.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, n. 04, p.1-31, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48008>. Acesso em: 15 maio. 2023.

COSTA, Leda. O vilão trágico e os 70 anos do Maracanazo. **Ludopédio**, São Paulo, v. 134, n. 8, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/70-anos-do-maracanazo/?srsltid=AfmBOor8QheVxR7Dj4XXCsBcm2JmtnWVvBPIKu75WDsLV2Ler5rlUstq>. Acesso em: 05 jun. 2025.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes**: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). Orientador: Marcelo de Souza Magalhães. 2011. 202 f. Dissertação (História Social) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

COUTO, Euclides de Freitas. Os sentidos e os significados da torcida feminina nos eventos de futebol em Belo Horizonte-Brasil (1913-1927). **RIHC. Revista Internacional de Historia de la Comunicación**, n. 19, p. 15-31, 2022. Disponível em: <https://revistascienificas.us.es/index.php/RiHC/article/view/22313/20202>. Acesso em: 02 abr. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 21 fev. 2024.

CUNHA, Julia Drummond; CARVALHO, Veronica Toledo Ferreira de. Os Estudos sobre as Mulheres no Lazer nos Periódicos Licere e RBEL. **LICERE** - Revista do

Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 356–384, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.31339>. Acesso: 11 mar. 2025.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. 124 p.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Orientador: Ruben George Oliven. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOUZA NETO, Georgino Jorge; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; DA SILVA, Silvio Ricardo. Das Senhoras e Senhorinhas nos “Grounds” do Sport Bretão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920). **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 3, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2013.636>. Acesso em: 22 jan. 2024.

SOUZA PINTO, Fabiane Natalia. **Duas Faces da Mulher Contemporânea: Carreira e Maternidade**. Orientadora: Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer, envelhecimento e participação social. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 15, n. 1, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2012.739>. Acesso em: 03 maio. 2024.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de *et al* (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2019. p. 50-83.

DUARTE, Giovana; SPINELLI, Leticia Machado. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Revista Sociais e Humanas**, v. 32, n. 2, p. 126-146, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175836316>. Acesso em: 08 dez. 2023.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992. 424 p.

FERNADEZ, Brena. Avanços e retrocessos da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro nas décadas de 1920/40/50: o que mudou entre o pré e o pós Segunda Guerra Mundial?. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 15, n. 30, p. 136–157, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/15694>. Acesso em: 14 jun. 2025.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, Leticia Pedruce. **A construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX**. Orientador: Rafael Cardoso Denis. 2008. 214 f. Dissertação

(Mestrado em Design) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, v. 25, n. 50, p.315-328, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882005000200012>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GIORDANO, Rafaela Boeira. **Do jornal à ciência: a hemeroteca digital brasileira como fonte de informação para a pesquisa científica**. Orientador: Jorge Calmon de Almeida Biolchini. 2016. 239 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. **Movimento**. Porto Alegre. vol. 5, n. 9 (1998), p. 47-57, 1998. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19300>. Acesso em: 11 nov. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento** (Porto Alegre), v. 27, e27001, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>. Acesso em: 15 out. 2023.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 107 p.

GOMES, Christianne Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 238 p.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas**. 2.ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 151 p.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GONDIM, Linda Maria de Pontes; LIMA, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual**. São Carlos: Ed. Ufscar, 2010. 88 p.

GUTTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. 272 p.

HOLANDA, Cely Guimarães; SANTOS NETA, Maria Helena dos; PAIVA, Francisca Juliana Castelo Branco de. DE 1932 AOS DIAS ATUAIS, A CONQUISTA DO VOTO FEMININO E OS AVANÇOS DA MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. 2569–2586, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11802>. Acesso em: 19 jan. 2025.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Futebol, arte e política: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor. **Organizações & Sociedade**, v. 16, p. 123-140, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302009000100006>. Acesso em: 10 abr. 2023.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). Orientadora: Margarida de Souza Neves. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; DA SILVA, Melba Fernanda. No tempo da Charanga. **Esporte e Sociedade**, n. 04, p.1-8, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48009>. Acesso em: 04 out. 2023.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Mulheres no campo**: o ethos da torcedora pernambucana. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019. 96 p.

KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciencia-Editora UFSM, 2022. 352 p.

LAGES, Carlos Eduardo Dias Munaier; SILVA, Sílvio Ricardo da. Futebol e lazer: diálogos e aproximações. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 15, n. 1, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2012.738>. Acesso em: 14 jan. 2025.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. Em busca de informações. In: _____. **A construção do saber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 165-195.

LOPES, Felipe Tavares Paes; RUEDA, Lupicínio Iñíguez. Futebol, ativismo e resistência: uma análise (crítica) de discurso de páginas do Facebook de torcidas antifascistas de São Paulo (2019-2020). **Discurso & Sociedad**, 16(2), 2022, 420-441 421. Disponível em: <https://revistes.ua.es/dissoc/article/view/28927>. Acesso em: 30 maio. 2025.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamentos feministas**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 239-249.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias e códigos culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922). Orientador: Charles Monteiro. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MACHADO, Felipe Morelli. Esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 49, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/20479>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. 192 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico. (Orgs.). **Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica**. São Paulo: Sesc, 2018. 336 p.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; DELARMELENA, Gabriela Borel. Mulheres torcedoras de futebol no Brasil: refazendo gênero no interior da cultura fanática. **FuLiA/UFMG**, v. 7, n. 2, p. 70-91, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2022.36793>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MASCARENHAS, Gilmar. Construindo a Cidade Moderna: A introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 17-40, jul. 1999. p. 19. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2086>. Acesso em: 31 maio. 2025.

MASCARENHAS, Gilmar. Estádios de futebol: objeto de desejo, de disputas e (cada vez mais) de estudos. **Ludopédio**, São Paulo, v. 99, n. 21, 2017. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/estadios-de-futebol/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. O corpo e a cidade: a epidemia de febre esportiva no Rio de Janeiro (1890-1920). **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 35, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/geouerj.1999.49052>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, [S. l.], v. 19, n. 19, p. 5-15, 2024. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mandragora/article/view/1238>. Acesso em: 27 abr. 2025.

MATTOS, Hilton. **Heróis do Cimento: o torcedor e suas emoções**. Rio de Janeiro: Revan, 2007. 204 p.

MATTOS, Lucas Nascimento de. Os caminhos da bola: a espacialização dos campos de futebol na cidade do Rio de Janeiro (1900-1919). **Revista do Departamento de Geografia da USP**. São Paulo, v. 42, p. e202910, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.202910>. Acesso em: 09 jun. 2025.

MELLO, Maria Karolinne Rangel de. **A Construção do Engajamento e Luta Política nos Movimentos de Torcedores Rubro-Negros**. Orientador: Icaro Engler da Fonseca. 2023, 77 f. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal de Viçosa, 2023.

MELLO, Maria Karolinne Rangel de. Elas irradiam futebol: Rádio Mulher e a revolução feminina nos anos 70. **Ludopédio**, São Paulo, v. 192, n. 17, 2025. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/elas-irradiam-futebol-radio-mulher-e-a-revolucao-feminina-nos-anos-70/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MELO, Gabriela Lohana; LIMA, Lerynda; DE CASTRO, Paloma. Consumo delas: a presença nos estádios da torcida feminina dos três clubes da capital pernambucana.

In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Elas e o Futebol**. João Pessoa: Editora Xeroxa, 2019, p. 141-161.

MELO, Victor Andrade de (org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010. 353 p.

MELO, Victor Andrade de. Entre a elite e o povo: o sport no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857). **Tempo**, v. 21, n. 37, p. 208-229, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2015v213706>. Acesso em: 07 fev. 2025.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de história**, v. 27, p. 127-152, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000200008>. Acesso em: 19 set. 2024.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**: relações históricas, questões contemporâneas. 2ª Edição revista e ampliada. São Paulo: Manole, 2012. 116 p.

MENDES, João Victor. **“Juventude, gênero e torcida”**: uma análise das relações entre homens e mulheres jovens na Torcida Organizada Mancha Azul-CSA. Orientador: João Batista de Menezes Bittencourt. 2022. 134 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. 2018. 157f. Orientador: Linda Rubim. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

MÜLLER, Dalila; NEITZKE, Juan Sampaio. A vida de um torcedor símbolo. **Revista Eletrônica História em Reflexão**. Dourados, v. 12, n. 24, p. 146-164, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/rehr.v12i24.8654>. Acesso em: 21 jan. 2024.

NARCIZO, Makchwell Coimbra. O que fica quando um clube perde um torcedor símbolo? Obrigado Beto Gil!. **Ludopédio**, São Paulo, v. 141, n. 46, 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/beto-gil/>. Acesso em: 06 jan. 2024.

NASCIMENTO, Vanessa Eglá Rocha do; ARAÚJO, Adrillayne dos Reis. Violências sofridas pelas mulheres torcedoras de arquibancada. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e32510511313-e32510511313, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i5.11313>. Acesso em: 15 out. 2023.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, [S. l.], v. 39, n. 2, 2003. DOI: 10.5380/his.v39i0.2727. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2727>. Acesso em: 26 jul. 2025.

ORIGUELA, Milena Avelaneda; SILVA, Cinthia Lopes da. Lazer e futebol: o torcedor no estádio. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 14, n. 1, pp. 81-88, 2015. Disponível em: <https://www.fontouraeditora.com.br/periodico/article/1074>. Acesso em: 09 jun. 2025.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 374 p.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres**: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 4, p. 9–28, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 22 abr. 2025.

PESSANHA, Nathália Fernandes. Mulheres nas arquibancadas: as performances e enfrentamentos das torcedoras cariocas. *História Oral*, v. 24, n. 2, p. 157-175, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1175>. Acesso em: 26 jan. 2024.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, p. 122-128, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000200015>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PINHEIRO, Maria de Paula. **Na Roda das Donas do Samba**: Um estudo sobre histórias, memórias e saberes das Tias do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. Orientadora: Regina Stela Barcelos Machado. 2023. 506 f. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

PINTO, Vinícius Teixeira. **Sociedades do torcer**: uma etnografia da política e dos faccionalismos a partir de clubes de futebol no Brasil. Orientador: Arlei Sander Damo. 2022. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

PISANI, Mariane da Silva; KESSLER, Claudia Samuel. As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero. **Conexões**, v. 20, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8667753>. Acesso em: 09 fev. 2024.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, v.11, p.89-98, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>. Acesso em: 08 nov. 2024.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209 p.

RAMOS, Danilo da Silva. **Resistir para se divertir, se divertir para existir**: os “selvagens divertimentos” das pessoas negras em Salvador (BA) na virada do século (1890-1910). Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias. 2022. 173 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Fisioterapia, Educação Física e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022

RÊGO, Yordanna Lara. De invisíveis a símbolo: mulheres negras a partir do imaginário futebolístico brasileiro. **Revista Convergência Crítica**, v. 1, n. 19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rcc.v1i19.60146>. Acesso em: 23 mar. 2024.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 50. **Estudos Históricos**, v.1, n.31, p. 147-160, 2003.

RIBEIRO, Regina Helena Alencar; MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lúcia. Entre linhas de romances: histórias do esporte no Brasil (décadas de 1920 e 1930). **Movimento**, v. 29, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.131740>. Acesso: 11 jan. 2025.

RIO DE JANEIRO. **Limite de bairros**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.data.rio/datasets/PCRJ::limite-de-bairros/about>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

ROCHA, Everaldo; BON, Olga. Muitas mulheres, raras mulheres: representações do feminino nos anúncios dos anos 1920. **Lumina**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 94–111, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21470>. Acesso: 08 abr. 2025.

SALDANHA, Renato Machado. “**Nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes**”: decifrando as torcidas antifascistas unidas do norte e nordeste. Orientador: Silvio Ricardo da Silva. 2023. 184 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Fisioterapia, Educação Física e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SALDANHA, Renato Machado. **Placar e a produção de uma representação de futebol moderno**. Orientadora: Silvana Vilodre Goellner. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge; MELO, Victor Andrade. Violentos e desordeiros: representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca (década de 10). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 411-422, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000300008>. Acesso: 26 mar. 2025.

SANTOS, Ana Raquel Mendes dos; CARVALHO, Talita Grazielle Pires de; SILVA, Priscilla Pinto Costa da; SILVA, Maritza Lordsleem; FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro de. Símbolos e rituais do futebol espetáculo: uma análise das emoções no campo de jogo. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 29, n. especial, p. 162-180, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29nespp162>. Acesso em: 03 maio. 2025.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro. **Leituras de Economia Política**. Campinas, n. 13, p. 125-155, 2008. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/LEP/L13/MALAIA_6_13.pdf. Acesso: 12 abr. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 05 abr. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Modalidades e metodologias de pesquisa científica. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2017, p. 108-109.

SILVA, Elisabeth Murilho da. A mulher nos estádios: das plumas ao disfarce. **Dobra[s]** – Uma Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, São Paulo, v. 4, n. 9, p.50-60, jul. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.26563/dobras.v4i9.206>. Acesso em: 02 maio. 2025.

SILVA, Igor Maciel da. Da participação das mulheres nas danças em Barbacena – MG (*Cidade de Barbacena*, 1915-1930). **Recorde**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 13, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/39593>. Acesso em: 26 maio. 2024.

SILVA, Mayara de Araujo. **O “FOOTBALL NAS RUAS” e a CIDADE**: entre o “bom” e o “mau”, a ordem e a desordem (1910-1919). Orientador: Filipe Santos Magalhães. 2024. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2024.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz... da relação do torcedor com o clube**. Orientador: Nelson Carvalho Marcellino. 2001. 130f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SOARES, Antônio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antônio. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras-Estudos Midiáticos**, v. 6, n. 1, p. 61-78, 2004. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6578>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SOUSA, Cleyton Batista; ABRAHÃO, Bruno Otávio Lacerda. Estudos sobre os torcedores de futebol: uma revisão sistemática. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 82-102, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2022.36792>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna Castellano Barcelos de; TOLEDO, Luiz Henrique de. Pertencimento clubístico e pertencimento torcedor: materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol. **Esporte e Sociedade**. Niterói, n. 34, p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/52118>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SOUZA NETO, Georgino Jorge. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Orientador: Silvio Ricardo da Silva. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco de. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: O caminho até as alianças. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. n. 31, p. 192-218, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30164>. Acesso em 24 jul. 2024.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de**

Educação Física e Esporte, São Paulo, Brasil, v. 21, n. 1, p. 35–48, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092007000100004>. Acesso em: 03 out. 2024.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. As linhagens da sociologia do futebol brasileiro – um programa de análise. **Movimento**. Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 101-118, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.55428>. Acesso em: 21 out. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 266 p.

TEIXEIRA, Débora Pires; JUNIOR, Glauber Soares. Entre donas e vovós: as graninfluencers e a moda no Brasil. **Brazilian Creative Industries Journal**, v. 3, n. 1, p. 192-214, 2023. Disponível: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/braziliancreativeindustries/article/view/3204>. Acesso em: 14 mar. 2024.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**, Niterói, ano 8, n. 21, p. 1-16, março 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es2109.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas**. Orientadora: Maria Rosilene Barbosa Alvim. 1998. 189 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional**. Orientador: José Guilherme Cantor Magnani. 2000. 322 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VIEIRA, Gabriel de Moraes. **A objetificação da mulher no jornalismo esportivo**. Orientador: Liv Sovik. 2016. 79 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VILHENA, Junia de.; Novaes, Joana Vilhena.; Rosa, Carlos Mendes. A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**. 17(2). p. 252-264, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a08>. Acesso em: 01 fev. 2025.

VIMIEIRO, Ana Carolina. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 31, n. 1, p. 23-59, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17534>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIMIEIRO, Ana Carolina; RODRIGUES EUGÊNIO, F.; PILAR DE SOUZA, O. L. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): reflexões a partir da Comunicação. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 196–222, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i3.28002>. Acesso em: 25 mar. 2024.

VOKS, Douglas Josiel. As representações sociais sobre as mulheres na revista *Careta* (1910 – 1920): entre a mulher ideal e a independente. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 175–188, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5493>. Acesso em: 13 jan. 2025.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2020. 490 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014, p.7-72. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/1065>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION *et al.* **Active ageing: A policy framework**. World Health Organization, 2002.

ZAGO, Maria Cristina. Corporeidade e Etarismo. In: _____. (org). **As várias faces de Eva**: o feminino na contemporaneidade, vol 3. São Paulo: Editora Científica Digital, 2023, p. 56-70.

ZANON, Maria Cecília. A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do *Fon-Fon!*. **Patrimônio e Memória**, v. 4, n. 2, p. 217-235, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/108024>. Acesso em: 07 dez. 2024.

JORNAIS E REVISTAS

A FESTA de Sports Commemorativa do Anivniversario do America. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 264, 23 set. 1919, Sport - Corrida, Football e etc., p.10.

A GRANDE festa sportiva do S. C. Flora. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 78, p.12, 19 mar. 1920.

A OPINIÃO dos leitores. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 289, p.8, 22 jan. 1995.

A RAINHA dos Sports Suburbanos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, edição 15390, p.9, 09 dez. 1926.

AGUIAR, José Emílio. Canazaro fica nervoso no TJD. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 270, 05 jan. 1994. Esportes, p.18.

ANNIVERSARIO de uma torcedora do tricolor suburbano. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00135, 05 jan. 1921.

AS REGATAS de domingo. **Fon-Fon**, Rio de Janeiro, edição 00034, p.46, 23 ago. 1924.

BARROS, Teresa. Futebol - Mulher em Campo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00059, p.3, 16 jun. 1969.

BIONDO, Sonia. Elas querem é torcer. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 236, 30 nov.1996. Mulher Integral, p.2.

BLOCO AMERICA. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, edição 1491, 01 fev. 1917, p.4.

BLOCO Respeita às Caras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 173, 2 jul. 1934. Sociedades Recreativas, p.20.

BORER protesta contra agressões à torcida. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 242, 06 dez. 1977, p.25.

BOTAFOGO esquece crise para vencer. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 165, 20 set. 1997, Esportes, p.23.

CALAZANS, Fernando. A torcida, da elegância ao fanatismo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00021, p.25, 1979.

CLUBES e festas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00190, p.12, 16 ago. 1956.

CONCURSO entre as gentis torcedoras do Football. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, edição 00147, 1918. Sensacionais concursos do “Jornal das Moças”, p.38.

CORAÇÃO é que mata mais torcedor. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00069, p.13, 16 jun. 1975.

CRUZADA de Promoção do Flamengo. **A Noite**, Rio de Janeiro, edição 15816, p.8, 29 dez. 1960.

DEPOIS da Maria-Chuteira, vai chover Maria-Gasolina. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, edição 37797, p.16, 26 jul. 2006.

DICIONÁRIO Placar. **Revista Placar**, São Paulo, edição 356, p.121, 27 fev. 1981.

FESTIVAL de homenagens ao Bruxellas F.C. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 630, 30 set. 1922, Diario Esportivo, p.12.

FEZ o seu time perder para fazer as pazes com a noiva. **Revista do Esporte**, Rio de Janeiro, edição 00055, p.14-16, 06 jun. 1960.

FLA vai fazer lista de dispensa em segrêdo quando férias terminarem. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00298, 20 dez. 1966, Esporte, p.20.

FLU prepara carnaval para receber Romerito. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 331, p.20, 08 mar. 1984.

FONSECA, Ouhydes. Santos teve incentivo de 40 mil torcedores. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00052, 30 maio. 1983. Esporte, p.5.

FOOT-BALL. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, edição 0501, p.22, 26 jan. 1918.

FOOT-BALL. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, edição 429, p.15, 09 set. 1916.

FUTEBOL a nova paixão das mulheres. **Manchete**, Rio de Janeiro. edição 899, p.101-104, 1969.

GALERIA das torcedoras. **Vida Esportiva**, edição 00053, p.23, 24 ago. 1918.

HELENA, Arcelina. Elas irradiam futebol. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 201, p.5, 29 nov. 1971.

HOJE para a mulher o importante é torcer. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 63, 22 jun. 1970. Revista de Domingo, p.1.

JORNALISMO no intervalo da Copa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 74, p.8, 21 jun. 1982.

LEONAM, Carlos. Ziguezague. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00008, p.3, 18 abr. 1972.

LUGAR de mulher é... **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 207, p.5, 01 nov. 1998.

MASSON, Nonnato. O drible que a língua aplica no futebol. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00358, 05 abr. 1975. Seleção da Quinzena, p.4.

O DIA da torcedora vascaína. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, edição 1453, 25 abr. 1936, p.37.

O INCENTIVO sempre vibrante de D. Cléa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 303, 07 fev. 1982. Esporte, p.31.

OBITUÁRIO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 287, 20 jan. 2004, p.16.

OLIVEIRA, Elza Rodrigues de. A História do Torcer. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, edição 08339, p.10, 11 nov. 1956.

QUAES os sports que convêm á cultura physica brasileira? **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, edição 742, p.3, 12 mar. 1912.

QUAL a mais bella "torcedora" do Brasi? **A Noite**, Rio de Janeiro, edição 06230, p.4, 23 mar. 1929.

QUATRO faltam e podem ser punidos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00331, 08 mar. 1984. Esporte, p.22.

RAÇA FEMININA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 127, 19 ago. 1999. Programa, p.23.

RIBEIRO, Alfredo. Os seios da torcedora. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 71, 18 jun. 1990. Esportes, p.2.

ROMÁRIO diz que musa é a 'cara do Rio'. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 283, p.1, 16 jan. 1995.

SALDANHA, João. Uma lei simples. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 261, p.18, 26 dez. 1986.

SIMPLES, João. Correspondência. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, edição 00029, 17 set. 1921. Suplemento Sportivo do Imparcial, p.29.

STABEL, José Carlos. Corpo e Alma do Corinthians. **Manchete Esportiva**, Rio de Janeiro, edição 104, p.34-36, 16 nov. 1957.

SUZANA Werner é atração. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, edição 35242, p.14, 21 jul. 1998.

TONGUINHÓ, Oldemário. Negras na paisagem loira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 79, 26 jun. 1973. Esportes, p.31.

TORCEDORA número 1 do Bonsucesso tem 63 anos e ainda briga pelo clube. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 258, p.20, 02 nov. 1960.

TORCEDORA vai à Justiça contra venda de Zico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 57, p.1, 04 jun. 1983.

TORCER até morrer. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00044, p.28, maio. 1988.

TOUGUINHÓ, Oldemário. O calvário de Dulce Rosalina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 82, 29 jun. 1992. Esportes, p.7.

TOUGUINHÓ, Oldemário. Tatyana, a paixão pelo futebol. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 236, 30 nov. 1992. Esportes, p.1.

TUPY F.C x Sport Club Pacatuba. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 149, 19 jan. 1921, p.10.

UMA BELEZA de clássico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 348, 22 mar. 1999. Esportes, p.8.

UMA FESTA no Fluminense. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 00197, 22 out. 1983, Esporte, p.26.

VALADARES, Maurício. Festa na pista e nas arquibancadas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 57, 04 jun. 1994. Canto do Rio, p.9.

VASCO vai ganhar o “concurso da torcida”. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, edição, edição 02941, p.7, 30 jan. 1960.

VIEIRA, Odette. Apello aos jogadores do Real Grandeza. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 71, p.10, 13 mar. 1921.

ANEXO - Fotografias das torcedoras símbolos encontrados na coleta de dados**ANEXO A – Maria Amélia (Bangu/RJ)**

Fonte: Jornal dos Sports, edição nº 15855 (1981)

ANEXO B - Ana Maria Antunes (Guaratinguetá/SP)

Fonte: Correio Braziliense, edição nº 16407 (2009)

ANEXO C - Tia Dirce (Corinthians/SP)



Fonte: Manchete, edição 2500 (2000).

ANEXO D - Tia Ruth (America-RJ)



TENSÃO - Tia Ruth, torcedora símbolo do América, faz parte do grupo dos que rezam por um milagre amanhã

Fonte: Jornal do Brasil, edição nº 00362 (2008).

ANEXO E - Alba Mazza (Coritiba/PR)



Fonte: Correio de Notícias (PR), edição nº 01280 (1985).

ANEXO F - Dona Luiza - à direita (Santos/SP)



Fonte: Jornal da Orla, edição 01720 (2007)

ANEXO G - Maria Gonçalves (Jabaguara/SP)



Fonte: A Tribuna, edição 00236 (1980)

ANEXO H - Dona Maria José (Sport/PE)



Fonte: Diário de Pernambuco, edição 00206 (1985)